O SOCIALISMO NA ALBÂNIA

JAYME SAUTCHUK

2ª edição

UM REPÓRTER BRASILEIRO
NO PAÍS DE
ENVER HOXHA

EDITORA ALFA-OMEGA

EDIÇÃO
ILUSTRADA

BIBLIOTECA ALFA-OMEGA DE CULTURA UNIVERSAL
Série 2.ª — Volume 25

Coleção
Atualidade

Direção
Fernando Mangarielo
(editor)

JAYME SAUTCHUK

O SOCIALISMO NA ALBÂNIA

Um repórter brasileiro no país de Enver Hoxha

Edição ilustrada

2.ª edição

EDITORA ALFA-OMEGA
São Paulo
1983

Planejamento Gráfico e Revisão
Marcelo Neves Morales
Maria Inês A. Godinho

Capa
Jayme Leão

Revisão de originais
Pier Cabra

Fotos
Jayme Sautchuk

Composto/Impresso
Gráfica A Tribuna — Santos/SP

1ª edição maio/83
2ª edição agosto/83

Direitos Reservados
EDITORA ALFA-OMEGA LTDA.
05413 — Rua Lisboa, 500 — Tel. (011) 852-6400
São Paulo — SP.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

TÁBUA GERAL DA MATÉRIA

Sobre o Autor VII

CAPÍTULO I
A caminho da Albânia 9

CAPÍTULO II
Um dia de festa 18

CAPÍTULO III
Um povo organizado 21

CAPÍTULO IV
Um país sem religião 33

CAPÍTULO V
Trabalho, lazer e descanso 37

CAPÍTULO VI
Malária, o que é isso? 49

CAPÍTULO VII
Uma escola popular 52

CAPÍTULO VIII
O realismo-socialista 62

CAPÍTULO IX
Nem marido, nem a vaca 77
ILUSTRAÇÕES 81
CAPÍTULO X
Esporte é esporte, não é profissão 100
CAPÍTULO XI
A propriedade privada 104
CAPÍTULO XII
A reforma agrária 107
CAPÍTULO XIII
Um país sem carestia 114
CAPÍTULO XIV
Andando com as próprias pernas 119
CAPÍTULO XV
Mil anos de dominação 123
APÊNDICE 1
Nota do Ministério das Relações Exteriores da China sobre a decisão desse país de encerrar sua ajuda à Albânia e retirar seus técnicos (7 de julho de 1978) 130
APÊNDICE 2
Carta do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia e do Governo albanês ao Comitê Central do Partido Comunista e ao Governo chinês (29 de julho de 1978) 138

SOBRE O AUTOR

Jayme Sautchuk nasceu em Herval d'Oeste, Santa Catarina, a 10 de setembro de 1953. Aos 14 anos transferiu-se para Curitiba, onde concluiu o Ginásio e fez o curso Colegial, estudando à noite para trabalhar de dia. No início de 1972, já na Universidade, deixou o Paraná e a profissão de bancário, indo para a Capital Federal. Aos 18 anos, ingressou na profissão de jornalista, como repórter do *Diário de Brasília,* para o qual trabalhou durante um ano. Em seguida foi repórter das sucursais de *O Globo* e *O Estado de São Paulo,* deixando este último para montar a sucursal do jornal democrático *Opinião.* No início de 1975, transferiu-se para Londres (Inglaterra), onde trabalhou na Rádio BBC e como correspondente do jornal *Movimento,* que surgia naquele ano com o propósito de lutar contra o regime militar. Em 1977, voltou ao Brasil, mantendo seu vínculo com *Movimento* e trabalhando no *Jornal de Brasília,* sendo contratado pela revista *Veja* em 1978. Nesse período, foi presidente da Associação dos Jornalistas de Economia de Brasília (Ajoeb) e atualmente é diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF. É co-autor dos livros *A Guerrilha do Araguaia* (1978) e *Projeto Jari — A Invasão Americana* (1979). Na política, é militante do PMDB e exerce o cargo de secretário da Executiva Regional desse partido no DF. Em fins de 1982, ao final de longa disputa judicial

pela qual foi reintegrado em *Veja,* após ter sido demitido por razões políticas, deixou a revista e assumiu a chefia de redação da sucursal do Jornal *Diário da Manhã* de Goiânia, em Brasília. É casado com a jornalista Vera Lúcia Manzolillo e pai de três filhos.

CAPÍTULO I

A CAMINHO DA ALBÂNIA

A idéia de fazer uma reportagem sobre a Albânia, para ser publicada em livro, acompanhava-me havia alguns anos, desde antes do rompimento de relações de albaneses e chineses, em 1978. Até hoje, o processo de implantação do socialismo naquele país, iniciado com a revolução de 1944, desperta grande curiosidade e discussões em todas as partes do mundo, inclusive no Brasil. Havia, pois, largo campo para a aceitação de um trabalho jornalístico sobre o assunto.

As opiniões sobre a Albânia, no Brasil, são as mais variadas. De um lado, há os que dizem tratar-se de "um país de montanhas e cabras", um "estado autárquico e isolado", e assim por diante. De outro, os que defendem a Albânia como "o único país socialista do mundo de hoje". Pela própria natureza do trabalho jornalístico, minha intenção não era de pôr um ponto final na questão. Apenas coletar dados e impressões para ajudar as pessoas a se posicionarem a respeito.

A implantação, em São Paulo, de uma Associação da Amizade brasileiro-albanesa, no estilo das que existem em outros 35 países, facilitou a obtenção de autorização para a entrada no país. A obtenção de férias no emprego, a compra de uma passagem em prestações e um primeiro contato com a editora que se interessou de pronto pelo trabalho, viabilizaram o empreendimento. O visto de entrada no país seria obtido na

embaixada albanesa em Roma, já que o Brasil não está entre os 96 países que mantêm relações diplomáticas com a Albânia.

Cheguei a Roma ao final da tarde de uma terça-feira, disposto a tomar o único vôo semanal para Tirana, a capital da Albânia, às 13 h do dia seguinte. Peguei um ônibus até o Terminal, no centro da cidade e, de lá, um táxi até a embaixada, embora eu acreditasse encontrá-la fechada, pois já eram quase 18 h. Um dos meus primeiros contatos com Roma foi um entrevero com um motorista de táxi que queria cobrar 7 mil liras (à época, 1 dólar era igual a 1280 liras) pela corrida. Eu disse que só pagaria o quanto marcasse o taxímetro e tomei outro carro, cujo motorista disse não ter troco e me cobrou 7 mil liras mesmo.

A representação diplomática albanesa fica num casarão antigo e bem cuidado logo no início da Via Asmara, uma rua de muitas embaixadas. Apertei uma campainha junto a um interfone e, após explicar quem era num "portuliano" meio esquisito, recebi autorização para entrar. Uma parte do alto portão de ferro abriu-se automaticamente e eu percorri os jardins indo ao encontro do funcionário da embaixada que me aguardava.

O funcionário apanhou minha mala e, enquanto entrávamos na embaixada, perguntou-me que língua eu falava, além do português. Após minha resposta, prosseguiu a conversa em inglês e acompanhou-me a uma sala de visitas. Logo chegou Vladimir Pulaj, adido de imprensa, que deu boas-vindas e perguntou se eu havia feito boa viagem. Depois, pediu meus documentos para providenciar o visto e me entreteve, também conversando em fluente inglês, até a chegada do embaixador, o que ocorreu logo em seguida.

O chefe da representação albanesa na Itália era Piro Bita, um experiente diplomata que serviu no Chile, à época do governo de Salvador Allende. Ao entrar na sala, ele me cumprimentou efusivamente, como se fôssemos velhos amigos, fruto de um carinho muito grande que os albaneses têm pelos brasileiros — foi o que senti durante toda minha viagem.

Conversamos sobre a Albânia, Itália e Brasil, com a ajuda do adido de imprensa, que servia de intérprete. A conversa, embora não muito longa, variou entre economia, o problema dos tóxicos na Itália e a preparação do selecionado brasileiro para a copa de futebol na Espanha. Quando, por alguma razão, o adido de imprensa deixava a sala, Piro Bita continuava a conversa em espanhol.

Como é de seu costume (e de boa parte da Europa) servir café e alguma bebida alcoólica ao mesmo tempo, tomamos café ao estilo turco, que se assemelha ao café tropeiro do Brasil, e conhaque albanês. A certa altura, Vladimir Pulaj entrou na sala e perguntou se eu preferia que o visto fosse colocado numa folha à parte, não no passaporte. Eu respondi que minha viagem era pública e que era melhor carimbá-lo no passaporte. Assim foi feito.

Ao sair, Vladimir perguntou-me se eu havia feito reserva de hotel; respondi-lhe que não e que aceitava alguma sugestão de sua parte. Expliquei que havia ido direto do aeroporto à embaixada e que pretendia hospedar-me em alguma pensão ou hotel barato das redondezas. Ele prontamente ligou para um hotel não muito distante dali e me acompanhou até lá, após saber que havia vaga. No dia seguinte, bem cedo, tive acirrada discussão com o gerente do hotel, que insistia em pagar pelos meus dólares valor bem abaixo do câmbio oficial. Tive que aceitar sua cotação e comecei, assim, a compreender melhor a Itália de hoje.

A uns 100 metros do hotel tomei o ônibus "36" que me levou ao Terminal. Como quase todos os passageiros, não paguei a passagem, tal é a desorganização do sistema de ônibus urbanos de Roma. Andando pela cidade, enquanto aguardava a hora de tomar o ônibus para o aeroporto, consegui constatar a beleza de Roma e a alegria dos romanos, além de presenciar uma tentativa de assalto a uma senhora, praticada por dois meninos.

A Itália é separada da Albânia pelo Mar Adriático. Pelo menos três dos 57 milhões de habitantes da Itália estavam desempregados, fruto de uma política recessiva do governo, que mesmo assim estava às voltas com uma inflação acima de 20% ao ano. A imprensa italiana falava dos altos índices de criminalidade, da burocracia e de novos escândalos envolvendo altos funcionários do governo. A corrupção é uma instituição das mais consolidadas e é perceptível a olho nu.

A Itália é, entretanto, o caminho mais curto para se ir do Brasil à Albânia. Todas as quartas-feiras, há um vôo da Tarom, empresa aérea romena, que faz a linha Roma-Budapeste, com escala em Tirana. Há outros vôos, ligando Belgrado, Sófia, Atenas e Istambul à capital albanesa, mas todos

são mais complicados e caros para quem tem o Brasil como origem.

Ao chegar ao aeroporto, já estava sendo feito o desembaraço de bagagens do vôo 252 da Tarom. Na fila, à minha frente, uma romena de seus 30 anos, vestida à última moda italiana, carregava enormes malas. Pelo veredicto do homem do guichê, ela teve de pagar 37 quilos de excesso de babagem. Isto me fez perguntar a mim mesmo: "Que diabo leva esta mulher que não tenha na Romênia para satisfazer suas necessidades?"

Na sala de espera, após a carimbagem dos passaportes, podia-se notar uma certa diferença entre aqueles que portavam passaportes romenos e os albaneses. Os primeiros carregavam bolsas de compras feitas nas lojas de Roma ou na Zona Franca do aeroporto. Embora bem trajados, os albaneses nada portavam que os identificasse com a Europa Ocidental.

O embarque atrasou um bocado e a decolagem outro tanto, por causa de uma conferência de bagagens às portas do avião, cuja função não entendi. Ao contrário do que eu esperava, o avião da Tarom não era de fabricação soviética: era um *One-Eleven*, britânico. A música ambiente era por conta do *roqueiro* inglês Rod Stewart. Para completar a sessão de surpresas, o jornal romeno distribuído no avião, embora ostentando a tradicional frase de Marx "Proletários do mundo, uni-vos", tinha anúncios classificados. Com a ajuda de um romeno que falava inglês, descobri que os anúncios eram de venda (ou compra) de casas, apartamentos, carros etc. Como no Brasil.

O tempo de vôo de Roma a Tirana é de 1h 15min, e, no trajeto, foi servido um pratinho com alguns biscoitos, um copo de Pepsi-Cola e um livreto sobre as atrações turísticas da Romênia. O avião começa a sobrevoar o território albanês próximo à foz do rio Erzen, onde há uma pequena planície coberta de lavouras. Ultrapassa algumas montanhas e atinge nova planície, onde está localizado o aeroporto.

A pista de pouso quase se confunde com os campos arados, onde trabalham brigadas agrícolas. Alguns aviões caças, semi-camuflados, e um grande número de casamatas, equipadas com armas antiaéreas e ocupadas por soldados, cercam o aeroporto. Só por isso, já daria para concluir-se que, de fato, os albaneses têm grandes preocupações quanto a um possível ataque externo.

Antes de ser iniciado o desembarque dos passageiros com destino a Tirana, entrou no avião um militar, trajando farda verde e quepe com uma estrela vermelha, mas desarmado. O

homem, muito alto e forte, postou-se junto à porta de saída, como os comissários da Tarom, e passou a examinar os passaportes daqueles que ali desembarcavam. O estrangeiro que não tivesse visto de entrada, por alguma razão, é de se supor que continuaria no vôo 252, até Budapeste. Os albaneses não precisam do visto de entrada e não há nenhum tipo de revista de pessoas ou bagagens.

No aeroporto, uma pequena multidão aguardava a chegada de um grupo de idosos que há muitos anos emigraram para a Argentina e voltavam para rever seu país e sua gente. O governo albanês patrocina este tipo de visita, para que aqueles que emigraram possam ver a Albânia de hoje, conforme me explicou posteriormente um diplomata. De maneira cortês, o oficial reteve meu passaporte e pediu que eu descesse. Dois funcionários do Comitê da Amizade, uma entidade que cuida das relações com povos amigos, aguardavam minha chegada. Um deles arranhava algum espanhol e o outro falava fluentemente inglês.

Fomos até o restaurante do aeroporto para uma primeira conversa e nos foi servido café e conhaque. Dei a eles uma idéia geral sobre minhas intenções e meus planos, com o objetivo de montarmos o programa da minha visita. Ficamos de conversar mais detalhadamente à noite, quando jantaríamos juntos, e nos encaminhamos para um automóvel Fiat 127, de fabricação polonesa, que nos levaria a Tirana, distante 34 quilômetros do aeroporto.

A estrada até a cidade é toda arborizada e asfaltada, como o são quase todas as rodovias na Albânia. Às suas margens, brigadas de camponeses ocupavam-se do plantio de lavouras. Os campos agrícolas, como em todo o país, são salpicados de casamatas, de diversos tamanhos. Perguntei aos meus dois acompanhantes se aquelas construções eram, de fato, casamatas e a razão de tal quantidade. Prontamente, o mais jovem deles dissertou alguns minutos sobre a posição estratégica da Albânia e sobre os vários períodos de dominação estrangeira a que o país já esteve subjugado. Explicou que "todo albanês é um soldado" e concluiu com uma explicação objetiva e bem-humorada:

— Temos muitos amigos e alguns inimigos. Além do mais, casamata não tem asas nem rodas, de modo que estão aí exclusivamente para a defesa. Não podemos atacar ninguém com elas.

Mudamos de assunto e logo estávamos em Tirana, uma cidade de 210 mil habitantes, muito calma e com muito poucos automóveis trafegando pelas ruas. Tomamos um caminho que foi dar na Praça Skanderbeg, um enorme largo onde estão situados a maioria dos ministérios, os imponentes edifícios do Palácio da Cultura e o Museu Histórico Nacional. Dali parte a avenida dos Mártires da Nação, que vai dar na Universidade de Tirana, após passar pelas sedes da Assembléia Popular e do Politburo do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), que no passado chamava-se Partido Comunista.

Nessa larga avenida, onde ocorrem os principais desfiles de Tirana, está o Hotel Dajti, onde eu ficaria hospedado. Eram quase 17 h e as ruas estavam repletas de pessoas passeando a pé, um hábito de toda a Albânia. Chegamos ao hotel e meus acompanhantes trataram dos desembaraços burocráticos de praxe. O Dajti é o principal hotel de Tirana. Foi construído pelos italianos, em 1936, durante o governo do rei Zogu, inteiramente subjugado à Itália. Seu nome foi herdado da principal montanha das cercanias de Tirana e sua construção é sóbria e um tanto pesada. Nada fica a dever aos hotéis de primeira classe da Europa dos anos 30.

À noite, no jantar, voltei a discutir com os dois funcionários do Comitê da Amizade o programa da minha visita que, pelos meus cálculos, poderia ser de duas semanas, mas acabou tomando uma a mais. Eles sugeriram os pratos que poderíamos comer e pediram que fosse servido *raki,* aguardente de uva equivalente à graspa ou bagaceira produzida no Brasil. Sopa, salada e carne de carneiro ao molho com batatas fritas foram os pratos servidos, com vinho tinto albanês, de boa qualidade.

O mais jovem dos funcionários, Maksim Dinga, ocupou-se mais de traduzir do albanês para o inglês, e vice-versa, a conversa entre eu e Theofan Nishku, que anotava os pedidos que eu fazia. Ambos se preocuparam em deixar claro que a Albânia "é um país pobre, que se desenvolve com esforços próprios, sem crédito externo, sem déficit comercial" e assim por diante.

Fizeram questão de dar alguns dados elementares, que eu já conhecia de publicações, como o de que a Albânia é um país de apenas 28.748 quilômetros quadrados, um pouco maior do que o Estado de Alagoas, portanto. Sua população, de 2,8 milhões de habitantes, é pouco maior que a da Nicarágua, embora vivendo numa extensão territorial menor que a desse país centro-americano.

— Não podemos — disse Theofan, a certa altura — querer comparar a Albânia com a Suécia, porque neste caso não teríamos um parâmetro claro. É fácil, porém, ter uma idéia sobre o que é nosso país hoje se o compararmos com sua situação de antes da libertação. Saímos do feudalismo para chegarmos onde estamos.

A Albânia faz divisa com apenas dois países: Grécia e Iugoslávia que, apesar das tensas relações, é seu principal parceiro comercial. Homens de negócios de várias partes do mundo, especialmente da Itália, França, Iugoslávia e países nórdicos formam a maior parte dos hóspedes do Dajti. Outra parte é formada por diplomatas estrangeiros que ali residem e jornalistas em visita. Turistas estrangeiros, que são poucos, ficam normalmente em outros hotéis.

Os dois funcionários do Comitê da Amizade procuraram, ao longo da conversa, deixar claro que elaborariam um programa de acordo com as minhas sugestões e que, ainda assim, este seria passível de mudanças quando fosse necessário. De fato, no decorrer da visita, foram feitas várias alterações, a meu pedido, ao sabor das novas situações que surgiam. É impressionante, por exemplo, o número de museus que existe na Albânia e, de modo algum, tencionava visitá-los todos, como pareceu estar implícito no programa elaborado pelos albaneses, depois reformulado.

Desde logo, fui avisado de que, "como em qualquer país do mundo", não me seria possível visitar instalações militares, assunto considerado de foro interno, embora pudesse conversar sobre o assunto com quem bem entendesse. Fotografias poderiam ser tiradas à vontade, exceto quando individualizassem pessoas comuns. Neste caso, teria de haver a concordância da pessoa em foco. Não chegou a haver, contudo, qualquer problema quanto a isso — ao contrário, com alguma freqüência as pessoas pediam "manda uma dessas pra mim".

Alguns assuntos que eu supunha fossem considerados tabus tampouco deixaram de merecer um tratamento objetivo pelas pessoas às quais foram colocados. Um deles era o do suicídio, em dezembro de 1981, do primeiro-ministro e membro do Bureau Político do Partido do Trabalho, Mehmet Sehu. Após sua morte, suas fotos foram retiradas dos museus e seus livros recolhidos. A imprensa mundial, inclusive a brasileira, divulgou estranhas informações, cuja origem citada era a imprensa oficial iugoslava, de que não ocorrera um suicídio e, sim, um

tiroteio entre o primeiro-ministro e o primeiro-secretário do Partido, Enver Hoxha.

A absurda versão criada por um jornal iugoslavo ia mais além: o próprio Enver Hoxha teria morrido no suposto tiroteio. De um modo geral, os albaneses aos quais a questão foi colocada riram muito da versão. Quanto ao procedimento em relação a Mehmet Sehu todos fizeram colocações idênticas: o suicídio não é uma atitude aceitável na Albânia, muito menos quando o suicida é membro do Bureau Político e primeiro-ministro do governo*.

Não foi feita nenhuma objeção quanto a sair sem acompanhante quando eu bem entendesse, o que foi possível fazer inúmeras vezes, entre um compromisso e outro ou em horários destinados à refeição e descanso. Minha solicitação de que me fosse cedido um intérprete que falasse português foi atendida na segunda semana — na primeira, acompanhou-me um diplomata, funcionário do Comitê da Amizade, que falava em inglês.

O Fiat de fabricação polonesa que nos havia levado do aeroporto à cidade e seu motorista, de nome Hodo, nos acompanharam nas viagens e na locomoção nas cidades. No terceiro dia de Albânia, durante uma viagem à cidade de Korça, o carro deu alguns problemas, apesar de ter rodado apenas 1.500 quilômetros. Além disso, tinha aparência forte mas muito pouco molejo, o que me levou a batizá-lo de "Jaruzelsky". Os albaneses, que criticam muito o regime polonês, gostaram do apelido e, pelo menos até o final da minha estada, era assim que se referiam ao carro.

Embora um pouco formais a princípio, sempre de terno e gravata, os albaneses com quem tive contato demonstravam logo grande afetividade, passando a conversar descontraidamente, com bom humor. O diplomata que me acompanhou na primeira semana não abandonou seu terno e gravata, de bom corte, nem para visitas a fábricas ou viagens ao interior. Foi a única formalidade protocolar que manteve. De resto, chegou a me ensinar como se faz *raki,* desenhando os equipamentos necessários em meu bloco de anotações. Eu lhe perguntei:

— Mas não é proibido fazer aguardente em casa na Albânia?

— É vedado por lei — respondeu ele —, mas trata-se de um hábito difícil da nossa gente abandonar. — E sorriu.

Nas duas semanas seguintes, fui acompanhado por dois jornalistas. Ou melhor, uma jornalista da Rádio Tirana, que falava corretamente português, e um do jornal *Bashkimi,* órgão oficial da Frente Democrática, entidade que desempenhou importante papel na luta de libertação e que hoje existe apenas formalmente. A primeira era intérprete, o segundo desempenhou a função de guia. Todos eles demonstraram conhecer bastante a respeito do Brasil. O nome brasileiro mais conhecido no país é o do líder comunista João Amazonas. Competindo, é claro, com os ídolos do futebol, que é o esporte nacional também na Albânia.

Logo à minha chegada, o rapaz que me acompanhou até o apartamento do hotel, perguntou-me, arranhando um italiano:

— Brasiliano, hã?

Eu respondi afirmativamente com a cabeça e, por não falar nada de albanês, prossegui calado. Ele abriu a porta do apartamento, mostrou o banheiro, chuveiro, cama, guarda-roupa, o rádio de cabeceira e o telefone. Depois, fez reverência e, ao sair, voltou-se e disse:

— Pelé, Jairzinho...

(*) — Em dezembro de 1982, um ano após a morte do ex-primeiro-ministro, foi publicado na Albânia e em outros países mais um volume das memórias de Enver Hoxha. No livro, intitulado *Titistas,* Hoxha revela ligações de Hehmet Sehu com as políticas dos Estados Unidos e da Iugoslávia em relação à Albânia. O casamento de um filho de Sehu com a filha de uma família de ex-nobres albaneses, considerados inimigos da revolução, e o fato do casal ter ido passar lua-de-mel em Paris causou celeuma no país, desgastando a imagem do ex-chefe do governo albanês.

CAPÍTULO II

UM DIA DE FESTA

Meu terceiro dia na Albânia coincidiu com o 1.º de Maio, "Dia do Trabalhador". Como combinado, meu guia passou no hotel às 9 h e eu já o aguardava, após ter tomado o café da manhã. Seguimos pela avenida dos Mártires da Nação até o palanque oficial, de onde as autoridades e convidados assistiriam ao desfile em comemoração à data. Próximos ao palanque, discretamente, alguns agentes de segurança pediam as credenciais aos que se aproximavam.

O palanque tinha uma parte elevada e duas outras, uma de cada lado, mais baixas. Numa dessas ficaram os convidados, entre eles, eu e um jornalista iraniano, correspondente da agência oficial de seu país em Belgrado. O desfile teria início em frente ao prédio da Universidade que fica na extremidade da avenida, indo em direção ao Bulevar Skanderbeg, depois de passar pelos edifícios do Bureau Político e da Assembléia Popular onde estava o palanque.

Às 10 h 5 min, Enver Hoxha deixou o prédio da Assembléia e subiu ao palanque, sob intensa ovação da multidão que ocupava a avenida. Um grupo de cerca de duzentos jovens, que estava perfilado diante do palanque, para abrir o desfile, puxava o coro: "Enver, Enver". O primeiro-secretário do Partido do Trabalho, com 75 anos, trajava um terno cinza claro, colete da mesma cor e gravata vinho.

Manteve-se o tempo todo sorrindo e abanando para o público.

Cerca de 30 mil operários, camponeses, estudantes e desportistas desfilaram, com muitas cores e muita música. Cartazes e carros alegóricos carregavam dizeres que iam desde as metas estabelecidas pelo novo plano qüinqüenal até manifestações de solidariedade aos povos da América Latina, Ásia e África. O tempo todo, tanto os que desfilavam como os que assistiam, gritavam frases como: "Partido, Enver — contem conosco".

O desfile de 1.º de Maio, em Tirana e nas cidades do interior, não tem caráter militar. Como no cotidiano dos albaneses, porém, o aspecto militar é entrelaçado com as demais atividades; muitos cartazes traziam dizeres do tipo "A Defesa do Nosso País é Um Dever Acima de Todos os Deveres". Estudantes desfilaram trajando suas fardas de treinamento militar e armas.

Do desfile, participaram vários grupos artísticos de fábricas e o Conjunto Nacional de Tirana, um grupo profissional de muito bom nível. A certa altura, alguns balões de gás soltaram-se de um carro alegórico e houve risos gerais no palanque em que eu estava. Meses antes, durante alguns festejos, balões de gás soltados na Albânia foram parar em território da Iugoslávia, gerando protestos das autoridades do país vizinho. Referindo-se ao episódio, quando os balões se soltaram, em frente ao palanque um dos presentes falou, em tom de *blague*: "Ih, vamos ter problemas com os iugoslavos". Daí os risos.

A televisão albanesa carregou tinta na cobertura do desfile, que foi transmitido ao vivo para todo o país, em cores. Vinte câmaras da emissora dividiam o espaço defronte ao palanque e em vários pontos da avenida com os fotógrafos que também faziam a cobertura. Seria difícil precisar o número de pessoas que assistiram ao desfile, porque a multidão estava espraiada por toda a avenida. Eram, no mínimo, 70 mil pessoas. Ao final do desfile, Enver Hoxha entrou no edifício da Assembléia Popular, enquanto uma pequena multidão de estudantes secundaristas ainda gritava defronte ao palanque: "Enver, Enver". Minutos depois, como os estudantes continuassem a gritar, o líder máximo da Albânia apareceu em uma das janelas do prédio, provocando correrias para aquele lado. Ele manteve-se sorrindo e abanando.

É, sem dúvida, uma festa de grande entusiasmo. Um com-

positor e cantor da República Dominicana, que estava no mesmo palanque de convidados, não se cansou de aplaudir e tirar fotografias. Ao final, já sabendo que eu era brasileiro, olhou-me com ar solene e deu seu veredicto:

— *És un gran país!*

As ruas do centro da cidade ficaram apinhadas de gente, passeando a pé e conversando. Os bares e restaurantes também. À tarde, haveria o jogo entre o 17 Nentori de Tirana, e o Velasnia de Shkodra, válido pelo campeonato nacional. O Estádio Qemal Stafa, com capacidade para 40 mil pessoas, estava quase lotado. A festa completou-se com a vitória do time da capital por 3 a 1.

Ao final da tarde e início da noite, tinha-se a impressão de que toda a população de Tirana estava nas ruas. Conjuntos musicais apresentavam-se defronte ao Palácio da Cultura, na Praça Skanderbeg, enquanto os bares e restaurantes, alguns com música ao vivo, não davam conta de atender a todo mundo. O policiamento nas ruas limitava-se a alguns guardas de trânsito que mantinham abertas algumas vias para a passagem de eventuais automóveis e às sentinelas que ficam permanentemente à porta de alguns prédios de órgãos do governo.

A espontaneidade daquele desfile contrastava com a harmonia e a organização da parada oficial ocorrida pela manhã. O dia 1.º de Maio é um dia de festa para os albaneses; neste dia eles se permitem beber mais do que o normal e se divertir o dia inteiro. Mostram, também, sua capacidade de organização. E esta é, seguramente, a característica que mais impressiona o visitante estrangeiro na sociedade albanesa.

CAPÍTULO III

UM POVO ORGANIZADO

Em meados da década de 70, um grupo coordenado por um operário gráfico de 25 anos chegou à Universidade de Tirana e iniciou verdadeira devassa na respeitada instituição. Foram examinados documentos e realizadas várias reuniões com professores e a direção. Em três semanas, o grupo apresentou suas conclusões: no mesmo edifício funcionavam, na verdade, duas Universidades, uma de ciências humanas, outra de ciências exatas. Cada uma delas tinha estrutura burocrática semelhante e muito tempo ocioso nos horários dos professores.

Como resultado do trabalho do grupo, a estrutura administrativa foi unificada, alguns professores foram transferidos para faculdades que funcionavam em outras cidades e vários passaram para escolas secundárias. Estava em ação um grupo do Controle Operário, um mecanismo criado a partir de 1967 pelos albaneses e cuja função principal é manter vigilância contra a burocracia. O operário que coordenou aquele grupo hoje é diplomata. Ele lembra:

— Eu era muito jovem e entramos lá com muita cautela, porque tratava-se da Universidade. Alguns professores nos ajudaram decididamente, dando dicas de problemas que eles viam, mas outros chegaram a ir à minha casa para dizer: "Se eu sair de Tirana vai me criar muitos problemas, minha família está bem aqui" e coisas desse tipo. Apesar de

tudo conseguimos realizar nosso trabalho e foi melhor para todos.

Anos depois, o mesmo foi feito com a Rádio Tirana. Como resultado, muitos funcionários foram transferidos para outros empregos e um vice-diretor da empresa foi dirigir uma rádio do interior. O grupo de Controle Operário, entre suas conclusões, considerou que o cargo de vice-diretor era desnecessário para o volume de trabalho existente. A qualquer momento, um ministério, hospital, escola, empresa pública, seja lá o que for, pode ser submetido a uma inspeção de um grupo do Controle Operário formado para aquela tarefa específica.

Vasil Mitrushi, membro do Conselho Geral das Uniões Profissionais (sindicatos), define o Controle Operário como "um instrumento para defender o Socialismo dos elementos de degenerescência, especialmente o liberalismo e o burocratismo". O objetivo principal, segundo o operário metalúrgico Hilmi Pilaca, que trabalha numa fábrica de fios de cobre em Shkodra, "é o de defender o socialismo de qualquer influência que não seja socialista".

Pilaca era membro de um dos grupos permanentes de Controle Operário da fábrica em que trabalha. Os grupos são eleitos de seis em seis meses, "para não criar o hábito" e têm jurisdição apenas no seu setor. Uma decisão do grupo deve ser cumprida até pela direção da empresa, informa o operário. Mas há os grupos que são criados para tarefas específicas e seriam comparáveis, mesmo que mal comparando, às comissões de sindicância que às vezes são formadas no Brasil.

O próprio Hilmi Pilaca havia participado, meses antes, de um grupo formado para investigar irregularidades numa cooperativa. O grupo concluiu que o presidente da entidade era o responsável pelo descuido com a lavoura, que levou à perda de boa parte da sua safra de trigo. Então, pediu ao Comitê Regional do Partido a destituição do presidente da cooperativa, o que ocorreu de imediato.

Nas fábricas, os grupos de Controle Operário têm a função de fiscalizar, inclusive, os próprios operários. Por exemplo: se um operário não cuida corretamente da máquina com a qual trabalha, é função do grupo discutir com ele. Se, por acaso, ele estiver danificando a máquina propositadamente e, se após a discussão continuar a fazê-lo, pede-se à entidade a que estiver ligado (partido, sindicato, organização das mulheres etc.) que interceda e veja o que está havendo. A discussão pode chegar

até a família dele. Caso, depois de tudo isso, o problema persistir, o grupo pedirá a transferência do operário para uma função em que ele não possa quebrar máquinas.

Este é um exemplo hipotético e extremo, mas pode dar uma idéia de como funcionam estes grupos nas fábricas, cooperativas, fazendas estatais etc. Sadie Berberi, operária metalúrgica eleita para fazer parte de um desses grupos, com mandato de seis meses, opina:

— Acho fundamental o controle, não só para tornar mais fácil a vida dos operários. No que se refere às questões de disciplina, é muito melhor que nos controlemos uns aos outros do que termos um controle vindo de cima.

Pelo contrário, desta forma os operários controlam também a direção das fábricas. Numa fábrica que visitei, dias antes o grupo de Controle Operário havia decidido ver como andava o trabalho na administração. Entrou nos escritórios e pediu aos funcionários para ver a produção do dia. Resultado: sete deles tiveram seu dia de salário descontado, porque o grupo considerou que nada haviam feito para merecer o dinheiro, naquele dia.

Nas cooperativas, os grupos têm características um pouco diferentes e chamam-se "comissão de revisão". Os membros de uma dessas comissões não podem fazer parte da diretoria da cooperativa e são eleitos por todos os camponeses. Numa cooperativa que visitei, um camponês havia discordado das contas do chefe da sua brigada ao remunerar seu trabalho e, após procurá-lo para discutir, sem resolver o problema, recorreu à comissão, acusando o chefe de perseguição. A comissão constatou que, de fato, as contas estavam erradas e mandou pagar. Quanto à perseguição pessoal, concluiu que, no caso, não havia. Se tivesse chegado à conclusão de que havia, o chefe da brigada seria destituído.

Para chegar ao estágio em que está hoje, o Controle Operário albanês teve que transpor alguns obstáculos. No início da década de 60, o Partido do Trabalho, resolveu atacar a burocracia, pois constatara que, entre outros problemas, cargos da administração haviam sido criados para satisfazer aspirações de funcionários. A posição do Partido, expressa então em discurso de Enver Hoxha, era a de que a burocracia retira o poder das mãos do proletariado. Não seria, portanto, um problema simplesmente administrativo, mas, sim, uma grave questão de cunho ideológico.

Iniciou-se no país, então, grande discussão em torno de como combater tendências ideológicas avessas ao socialismo que surgiam em todos os setores da vida na Albânia. Em 1967, iniciou-se a formação de grupos de Controle Operário, mas neles havia um problema fundamental, segundo explicam pessoas que participaram ativamente daquele processo. Os grupos eram coordenados ou mesmo compostos de intelectuais.

— Nós tínhamos a compreensão teórica do problema — explicou um deles — mas nossa concepção era equivocada. Primeiro, porque considerávamos que os operários não tinham condições de fazer esse controle. Achávamos, por exemplo, que para saber o que está errado numa administração era preciso saber contabilidade etc. Estávamos enganados.

Havia também, os que achavam que, sendo o PTA um partido marxista-leninista — e, portanto, a "vanguarda organizada da classe operária" — todo e qualquer controle teria que ser feito por essa organização. Venceu, porém, a posição de que esta concepção reduzia a participação das massas operárias nos seus problemas do dia-a-dia e na fiscalização das atividades do Estado.

Os grupos de Controle Operário que funcionam nas fábricas, cooperativas ou fazendas estatais são formados por operários ou camponeses que trabalham no próprio local. Os criados para tarefas específicas, são formados por operários, camponeses e trabalhadores de outras categorias, escolhidos nas próprias regiões de atuação. Em ambos os casos, os membros não precisam necessariamente ser filiados ao Partido.

Ser ou não membro do PTA, único partido político do país, não é obstáculo para qualquer pessoa participar de qualquer cargo da administração, ou mesmo do governo central. À época da minha visita, todos os componentes do Conselho de Ministros (governo) eram membros. Vários vice-ministros, porém, não o eram e a ministra da Indústria Leve, Esma Ulçinaku, era apenas membro de um organismo de base do partido, sem nunca ter ocupado cargo de direção na organização. Não é raro encontrar presidentes de fábricas ou cooperativas que não são membros do partido.

Em todos os lugares onde fui, procurei discutir a questão do partido. Deu para sentir que em tudo, nas mais pequenas coisas, há a mão da organização, seja diretamente ou por sua orientação. Ao final de 1981, segundo o relatório do seu oitavo congresso, o PTA tinha 122.660 membros. Ou seja, apenas 4,5% da população eram membros do partido comunista. À época da luta de libertação, a média de idade dos membros do PTA, que então chamava-se Partido Comunista da Albânia, era de 20 anos. Hoje, esta média gira em torno de 40 anos.

Quando se pergunta às pessoas se são membros do Partido, é comum obter-se a resposta: "ainda não", especialmente entre jovens ou profissionais recém-formados na universidade. A razão principal disso é que o PTA tem normas bastante rígidas para a aceitação de um novo membro. Não basta passar na sede e assinar uma ficha de inscrição. Para entrar no partido, um operário ou operária fica dois anos na condição de "candidato a membro", em cujo período são avaliadas suas condições para o ingresso. Para os camponeses das cooperativas e trabalhadores de outras categorias, esse período é de três anos. Em fins de 1981, havia 24.363 candidatos a membro.

Segundo Petro Ciruza, professor de História do PTA na Escola de Marxismo-Leninismo em Tirana, a rigidez nas normas para o ingresso no partido é necessária para que a organização não perca suas características fundamentais. Segundo ele, o PTA aplica a fórmula de Lênin, tanto no que se refere à aceitação de novos membros quanto ao funcionamento do partido.

— Baseado nas discussões havidas entre Lênin e os mencheviques russos — afirma o professor — e na prática, Stalin definiu que a principal característica do partido é a de ser a vanguarda da classe operária. Isto quer dizer que ele congrega os elementos de maior nível ideológico, os mais combativos, os melhores, enfim. Daí o fato de sermos exigentes.

Em sua escola, o PTA mantinha, em maio de 1982, quatrocentos alunos em tempo integral, num curso de dois anos, e mais de mil no curso de três anos por correspondência. Para ingressar na escola, o aluno deve ter o curso secundário completo, mas não precisa necessariamente ser membro do partido. O curso é composto de cinco disciplinas: Filosofia Marxista, Economia Política, Capitalismo e Socialismo, História do PTA e Lutas dos Partidos Marxista-Leninista Contra o Revisionismo. Dali saem os quadros do partido.

Os problemas de uma fábrica são resolvidos pelo conjunto dos seus operários. Mas as células e o comitê do partido naquela fábrica discutem esses problemas e definem o posicionamento do partido sobre como resolvê-los; esta postura será defendida pelos seus militantes nas reuniões de todos os traba-

lhadores de cada setor. É desta forma que, no dia-a-dia, o partido influi nas discussões e orienta na solução das questões que surgem. Mas se numa fábrica, por exemplo, a maioria dos trabalhadores for a favor de uma solução diferente daquela defendida pelo partido, vale a posição majoritária.

O Comitê Central é composto de 57 pessoas e há um Politburo de nove membros. Em cada uma das 26 regiões administrativas da Albânia há um Comitê Regional e, nas cidades, os Comitês Municipais. Abaixo deles há os comitês de fábricas, fazendas, minas, hospitais etc., que são divididos em células. Estas têm, no mínimo, três e, no máximo, cinqüenta militantes. Há conferências municipais, com eleição de novo comitê. A nível regional, há conferências de dois em dois anos e o Congresso Nacional é de cinco em cinco anos.

Quem decide se aceita ou não um novo militante é a célula do seu local de trabalho. O mesmo ocorre com as expulsões, mas neste caso o militante pode recorrer à Comissão Central de Revisão, que pode desfazer uma decisão da célula, se considerá-la injusta. Três faltas às reuniões regulares sem justificativa (as justificativas aceitáveis são: doença grave ou viagem ao exterior) já é motivo para expulsão.

Praticamente todo albanês é membro de alguma entidade de massa, desde criança, para as quais há a "Estrelinhas". A "Pioneiros" congrega os adolescentes, e os jovens formam a União da Juventude. Essas organizações cuidam do esporte, lazer, atividades artísticas e políticas, nas escolas e fora delas. Os trabalhadores de todas as categorias formam as Uniões Profissionais e há, ainda, a possibilidade de filiar-se à Organização das Mulheres.

Há uma orientação do partido para que as direções dessas entidades não fiquem nas mãos dos comunistas, embora, ao final das contas, elas sigam a linha do PTA. Como Enver Hoxha é a maior autoridade do país, os secretários do partido nas regiões e cidades o são nas suas jurisdições e, pela liderança que normalmente têm, exercem influência sobre as entidades de massas.

As direções dessas entidades, no entanto, têm autonomia e agem por sua própria conta. Mas há casos em que esses dirigentes, por alguma razão, buscam ouvir a opinião das direções do PTA antes de tomar qualquer atitude. Numa fazenda estatal que visitei na região de Vlora, no sul do país, fui recebido por Namik Lala, presidente da União Profissional local. De-

pois de longa conversa sobre os diversos aspectos da vida por ali, pedi que ele me levasse à casa de um dos membros do grupo de Controle Operário, com quem eu gostaria de discutir alguns pontos.

Sentamo-nos num bar para tomar um café, na vila mais próxima, e Namik saiu. Mas, ao invés de ir procurar o membro do grupo de Controle Operário, ele foi atrás do secretário do partido. Minutos depois, voltou e confessou que não o havia encontrado. Eu percebi que ele estava extremamente inseguro diante da presença de um jornalista estrangeiro. Convidei a intérprete e o jornalista que me acompanhavam para visitar as casas de alguns trabalhadores, que escolhi aleatoriamente. Depois, seguimos viagem.

— O partido — afirma o professor Petro Ciruza — dirige toda a vida do país, através de seus órgãos diretores e suas células. O Estado é organizado com base na Constituição, mas esta, por sua vez, reflete a linha do partido.

Essa direção se dá através da linha político-ideológica, não através das pessoas que dirigem o partido. O nome de Enver Hoxha, por exemplo, está escrito em todo lugar que se possa imaginar. Nas escolas, nos hospitais, nas fábricas, cooperativas, minas etc., há frases nas paredes assinadas por ele. Nas estradas, há muitas placas com seu nome, o qual é escrito, também, em pedras pintadas de branco, nas montanhas, de modo a ser lido a quilômetros de distância: "Partido, Enver". Um alto funcionário do partido me explicou que a direção do PTA não incentiva esse culto à personalidade, mas tampouco impede que as iniciativas locais, nas cooperativas, fábricas, vilas etc., sejam exprimidas.

Traduzindo sua liderença em votos, porém, a coisa muda de figura, apesar de ser o voto do primeiro secretário do PTA. Enver Hoxha representa um voto entre os nove do Politburo, é um dos 250 deputados que formam a Assembléia Popular e tem um voto como um dos quinze membros do *presidium* da Assembléia. É absolutamente impossível, portanto, que Enver Hoxha tome qualquer decisão sozinho, mesmo em caso de emergência.

Por exemplo: as questões de defesa, em tempos normais, são tratadas pela Assembléia Popular, onde o deputado Enver Hoxha é apenas um. Em caso de emergência, o *presidium* da Assembléia é que toma qualquer iniciativa. Esse colegiado tem um presidente, três vices e onze membros, entre os quais está

o líder máximo da Albânia. O presidente é Haxhi Lleshi e os três vices são Muslin Peza, Spiro Koleka e Shefqet Peçi. O *presidum* da Assembléia Popular é a chefia do Estado albanês.*

O chefe do governo é o primeiro-ministro, que tem a função de coordenar a atuação do Conselho de Ministros, o Poder Executivo (são catorze ministros de Estado, mais o primeiro-ministro). Como Enver Hoxha não é ministro, nem primeiro-ministro, ele não tem nenhuma participação no governo.

Este é um aspecto que impressiona na Albânia. A forma com que as decisões são tomadas permite, sempre, a participação mais ampla possível — em questões importantes, não há a hipótese de uma pessoa, seja qual for o cargo que ocupe, tomar decisões sozinha. O jornalista iraniano que visitou a Albânia no período em que eu estava lá, disse várias vezes que não compreendia por que Enver Hoxha é tão idolatrado se detém tão pouco poder nas mãos.

A Assembléia Popular é o órgão máximo do poder no Estado albanês. É eleita de quatro em quatro anos e dali saem as leis, alterações na Constituição, os planos de governo e sua política de ação, em todos os setores, incluindo as relações externas. A Assembléia nomeia e tem poder para destituir os ministros, o primeiro-ministro e os membros da Corte Suprema.

Os deputados são eleitos por áreas, num sistema que é parente distante do voto distrital francês, em que o candidato só pode ter voto no distrito pelo qual se candidatou. Para cada 10 mil habitantes, os albaneses podem eleger, pelo voto direto e secreto, um deputado. A mesma estrutura é aplicada às regiões administrativas, onde são eleitos os Conselhos Populares (seriam equivalentes às Assembléias Legislativas no Brasil), de três em três anos. Estes têm comitês executivos, que desempenham, na região, o papel do *presidium* e do governo.

Um deputado não pode ser processado, preso ou detido durante o exercício do seu mandato. Pode, porém, ser destituído, mas isto só pode ser feito por aqueles que o elegeram. Um pedido para que um deputado perca seu mandato é feito em Assembléia, da qual tem que participar, no mínimo, um

(*) — Ao final de 1982 houve eleições para a Assembléia Popular e esta, por sua vez, escolheu seu novo *presidium*. No cargo de presidente, Haxhi Lleshi, que o exercia há 30 anos, deu lugar a Ramiz Alia, de 57 anos, um dos mais destacados membros do PTA.

terço dos eleitores da área que o elegeram. Existe uma Comissão de Mandatos, na própria Assembléia Popular, que analisa estes pedidos e, se estiverem de acordo com as normas fixadas em lei, o deputado perde seu mandato e é eleito outro em seu lugar.

Em 1974, o então ministro da Defesa, Beqir Balluku foi acusado por ter, secretamente, e por conta própria, assumido compromissos internacionais que contrariavam a política do seu país. A Assembléia Popular destituiu-o do cargo de ministro e os eleitores da sua região cassaram seu mandato parlamentar. Assim, ele pôde ser levado a julgamento pela Corte Suprema e, juntamente com outros colaboradores acusados de terem cometido o mesmo crime, foi condenado à morte e executado.

O *presidium* da Assembléia Popular pode legislar, em algumas questões, através de decretos-lei. Já o Conselho de Ministros e o primeiro-ministro têm função meramente executiva, administrativa. No máximo, o Conselho pode regulamentar leis aprovadas pela Assembléia Popular.

O sistema judiciário albanês também tem suas características próprias. Por exemplo: não há tribunal militar. Todas as questões — civil, criminal, militar, trabalhista etc. — são julgadas pelos mesmos tribunais. A nível nacional, há a Corte Suprema, cujos ministros são eleitos pela Assembléia Popular, de quatro em quatro anos. Há os tribunais regionais, cujos juízes e assistentes são eleitos de três em três anos, e os tribunais populares, nos bairros e vilas, nos quais é resolvida a maior parte das questões.

Por exemplo: se uma pessoa é apanhada em flagrante, numa vila, roubando qualquer coisa, é imediatamente formado um tribunal popular, que pode julgar o caso em praça pública mesmo. Segundo o juiz Paskal Haxhi, do Tribunal de Tirana, normalmente nos casos pequenos, sequer são aplicadas penas: a simples discussão pública faz o réu se retratar e o vexame por que passa é um forte desincentivo à reincidência.

— A criação desses tribunais — afirma o juiz — em 1972, teve dois grandes méritos. Primeiro, permitiu ao povo discutir e resolver o problema da criminalidade no âmbito da própria comunidade, onde quem julga são os próprios vizinhos e amigos daquele que cometeu a irregularidade. Segundo, reduziu praticamente a zero a criminalidade.

O réu tem o direito de defender-se por conta própria, exce-

to nos casos de crimes graves e complexos (um assassinato, por exemplo) ou quando se trata de estrangeiros. Nestes casos, o réu é obrigado a aceitar a defesa gratuita de um advogado do Estado. Obviamente, não existe a profissão de advogado liberal.

Nos tribunais, todos os casos são julgados por um juiz e dois assistentes. Estes não precisam ter formação jurídica e são pessoas eleitas por se destacarem em sua atividade ou na sua região. Há casos, porém, em que os votos dos assistentes derrotam o do juiz. O próprio Paskal Haxhi, semanas antes da conversa que teve comigo, havia julgado um motorista que tinha atropelado uma pessoa. Ele considerou o réu inocente, mas um dos assistentes era técnico em transportes e argumentou contra. Foi dois a um e o réu foi condenado.

Em crimes de pequena gravidade, o culpado pode receber apenas conselhos do juiz ou pagar uma multa. Uma pena intermediária é a da "reeducação pelo trabalho", que pode ser cumprida no próprio emprego da pessoa, mas em função mais difícil. A pena máxima de prisão é de 25 anos. A vida nas prisões é como fora delas: os presos trabalham na agricultura, em oficinas etc.

Junto à estrada que liga Tirana a Shkodra há um campo agrícola de uma prisão. Não há cerca nem muros — apenas alguns soldados armados, vigiam os limites da área de lavoura.

— Temos prisões e não nos envergonhamos do tratamento que damos aos presos. Eles não ficam ociosos nem são maltratados. Aliás, se quiséssemos esconder esse campo agrícola, não o colocaríamos justamente na beira da estrada para Shkodra, que é uma das mais percorridas por turistas estrangeiros — afirmou o meu guia.

Em casos de crimes mais graves, como os de traição à pátria ou assassinato premeditado, há a pena de morte. O juiz Haxhi fala com naturalidade:

— Em 20 anos que exerço essa profissão, apliquei a pena de morte apenas duas vezes.

Não há investigação policial. Nas faltas de pequena gravidade, a investigação é feita no próprio tribunal, através dos depoimentos. Nos casos mais complexos, essa tarefa é assumida pela Diretoria de Investigações, classificada como um setor administrativo do Ministério do Interior. "Nossa polícia é para defender o povo, não para atacá-lo", repetem sempre os albaneses.

O mesmo ocorre com as Forças Armadas. Andando-se pelas ruas, visitando escolas e fábricas, percebe-se que é verdadeira a frase "todo albanês é um soldado". Qualquer pessoa adulta sabe o que fazer num caso de emergência. Tudo é planejado nos mínimos detalhes: cada um sabe onde estão suas armas e munições, onde é seu posto, a que oficial responder, onde deixar as crianças, onde e como alimentar-se etc.

O número de casamatas espalhado pelo país é difícil de precisar. São milhares e milhares, nas cidades, nas zonas rurais, nas montanhas mais elevadas e nas planícies. Pode-se dizer, sem exagerar, que não há um hectare de terra na Albânia que não tenha uma casamata. Um jornalista da TV norueguesa chegou à Albânia para uma reportagem nos dias em que eu estava lá e hospedou-se no mesmo hotel. Ele trazia consigo um mapa publicado num jornal sueco que pretendia, por falta de seriedade talvez, estar plotando exatamente a localização das casamatas da Albânia, que seriam apenas em torno de cem. O guia do jornalista riu-se muito e a cada casamata que passava perguntava a ele:

— Essa aí está no seu mapa?

Talvez o grande mérito da estrutura das forças armadas albanesas seja o de não ser possível diferenciar o soldado do cidadão comum. A maioria dos jovens presta dezoito meses de serviço militar, a partir dos 18 anos, desde que isto não prejudique seus estudos ou a situação econômica da família. Não há hierarquia militar no estilo convencional: há apenas oficiais e soldados. O oficial é mais ou menos importante de acordo com a função que ocupa, já que não há patentes, nem carreira militar propriamente dita.

São poucos os quadros permanentes das Forças Armadas e estes estão, normalmente, em cargos de planejamento ou em funções (como a de pilotos de helicópteros e aviões) que exigem grande aperfeiçoamento. Por lei, os marinheiros, tanto da Marinha de guerra quanto da mercante ou pesqueira, não podem passar mais do que seis meses por ano no mar.

Numa fábrica têxtil que visitei, por exemplo, os operários de ambos os sexos, treinam seis dias por ano e os oficiais das brigadas operárias treinam doze. O fato de um trabalhador ser oficial não lhe dá nenhum privilégio na fáblica e ocorrem casos em que o chefe do setor em que trabalha é apenas soldado na brigada militar do setor que este comanda. O tempo e o sis-

tema de treinamento e o plano de emergência são mais ou menos os mesmos nas fábricas, fazendas estatais etc.

Apesar de razoavelmente bem equipadas, as Forças Armadas albanesas não têm armamentos de grande sofisticação, embora modernos. Os gastos do país com treinamento militar, manutenção de equipamentos, compra de novas armas etc., em 1982, estavam previstos para não ultrapassar a casa dos 9,8% do orçamento nacional, enquanto só na Educação seriam gastos 11,5%.

Com o esquema de controle existente e a constante vigilância contra a burocracia, os gastos do país com a administração pública são de apenas 1,6% do orçamento, incluindo a remuneração dos funcionários do Estado. Não há mordomias e todo funcionário da administração trabalha um mês por ano em algum setor da produção, "para não perder o contato com os problemas reais da vida do operariado", como se afirma. É comum encontrar funcionários dos altos escalões do governo a pé ou de bicicleta pelas ruas.

A organização da sociedade albanesa se expressa mais claramente nos momentos em que grandes questões são discutidas. O plano qüinqüenal 1981/85 teve uma primeira discussão geral, em todo o país, a partir de uma proposta inicial do Conselho de Ministros. Com as sugestões feitas, elaborou-se uma nova proposta que desceu novamente às bases. Foram feitas 35 mil propostas de alterações, adendos etc.

CAPÍTULO IV

UM PAÍS SEM RELIGIÃO

Toda cidade albanesa tem alguma igreja ou mesquita. São prédios antigos, hoje incorporados ao acervo histórico do país e utilizados como museus, centros esportivos, teatros etc. São lembranças do passado, quando existiam organizadamente as religiões muçulmana, católica e ortodoxa grega. Desde 1967, porém, a Albânia tornou-se o único país do mundo onde não há prática religiosa — proibida pela nova Constituição de 1976.

Desde a guerra de libertação, as religiões vinham sendo acusadas de tudo, o que era facilitado, segundo explicou um professor de História em Tirana, pelo fato de serem extremamente avessas às modernizações e reformas que o socialismo impunha. As Igrejas, especialmente a católica e a ortodoxa, eram grandes proprietárias de terras e, por isso, eram contra a reforma agrária e conseguiram atrasar sua implantação em algumas áreas. Como as áreas da reforma progrediam mais rapidamente, dizia-se aos retardatários: "a culpa é da Igreja".

De 1944, quando os albaneses fizeram a revolução, a 1967, quando as Igrejas foram fechadas, foram 23 anos de intensa luta ideológica do Partido e do Estado contra as religiões, que foram tendo sua liberdade de ação e influência reduzidas ano a ano. O golpe de misericórdia foi iniciado, em 67, pelos estudantes da cidade litorânea de Durres, a 40 quilômetros de Tirana. Nas escolas, eles decidiram iniciar uma campanha contra as Igrejas

e assumiram o compromisso de levar a discussão para suas casas. Tiveram imediato apoio do Partido.

Logo em seguida, a campanha teve a adesão dos estudantes de Shkodra, no extremo norte do país. Manifestações de todos os tipos começaram a ocorrer no país inteiro, logo ganhando a adesão dos trabalhadores. O *slogan* central da campanha, que à época era escrito nos muros, era: "queremos as chaves". Não tardou muito e as igrejas começaram a ser invadidas.

Em muitas delas, na maioria católicas da região de Shkodra, foram descobertos pequenos arsenais, o que foi apontado pelo governo como uma comprovação das suspeitas de que esses religiosos mantinham ligações com organizações contra-revolucionárias e fascistas. A partir daí as coisas ficaram ainda mais fáceis e o governo contou com enorme apoio popular para fechar as igrejas. Aos religiosos, foi dada a possibilidade de ingressarem na produção.

O governo levanta três argumentos para justificar a medida:

1. *Ideológico* — a religião não casa com o materialismo histórico, com o marxismo-leninismo;

2. *Político* — as três Igrejas que conseguiram se desenvolver no país tinham sua origem no imperialismo: a católica no período Bizantino, a ortodoxa foi levada pelos gregos e a muçulmana significava a marca de quinhentos anos de dominação turca;

3. *Social* — as três religiões eram extremamente reacionárias do ponto de vista social, com seus preconceitos, normas rígidas etc. A intensificação da guerra às religiões coincidiu com o período em que o PTA dava prioridade à luta pela liberação da mulher.

A região de Shkodra, uma cidade de 50 mil habitantes, foi a que teve maior influência católica. A maior igreja da cidade sofreu adaptações e hoje é um ginásio de esportes, onde se realizam competições de basquete, vôlei etc. Ao lado da igreja, um edifício que servia de convento foi transformado em hotel para desportistas.

A algumas ruas dali, no bairro histórico da cidade, está o Museu do Ateísmo, em cuja entrada está cunhada a célebre frase de Karl Marx: "A Religião é o Ópio do Povo". A maioria das peças expostas é de armas e documentos que buscam provar o envolvimento dos religiosos com a luta contra-revolucionária ou demistificar santos supostamente milagreiros,

cujas imagens, hoje em exposição, outrora brotavam sangue ou coisa parecida.

O jornalista iraniano que visitava a Albânia, fiel seguidor do Islã, repetia que, na sua concepção de vida, não era possível uma sociedade viver sem religião e que, sendo assim, deveria haver alguma prática religiosa clandestina no país. Nós nos encontrávamos normalmente em hotéis, já que seguíamos roteiros diferentes e, num desses encontros, fizemos um trato: qualquer indício de vida religiosa que um de nós encontrasse, informaria o outro.

Dias depois, fomos fazer o balanço das nossas investigações. Ele havia avistado, através de uma janela aberta, um crucifixo dependurado na parede de uma casa de Shkodra. De minha parte, eu havia visto em Girocastra, uma mulher idosa, de seus 80 anos, fazer o sinal da cruz. Conseguira, também, o depoimento de um alto funcionário do governo, que disse:

— Minha mãe tem 83 anos e todos os seus filhos são comunistas e membros do partido. Mas ela, até hoje, faz o sinal da cruz antes das refeições e reza antes de dormir. Na sua idade já era difícil mudar, mas ela concorda que a religião é incompatível com a nossa sociedade de hoje.

Pelas leis albanesas, não é proibido acreditar em Alá, por exemplo. O que não é permitido é a organização religiosa e a propaganda. Pode-se dizer com segurança que é impossível a realização de cultos clandestinos, porque sempre haverá algum vizinho contrário a essa atitude e disposto a tornar o assunto público.

Por todo o país podem ser vistas igrejas. Berat, uma cidade 120 quilômetros ao Sul de Tirana, outrora foi um reduto ortodoxo. No cume do principal morro da localidade há uma antiga fortaleza e, dentro dela, até hoje existe um bairro com cerca de duzentas casas. Só nesse bairro, há cinco igrejas ortodoxas e três mesquitas, construídas entre os séculos XIII e XVIII.

Lá de cima, avista-se toda a cidade, cortada pelo rio Osum, várias outras igrejas e o antigo mosteiro ortodoxo, onde hoje funciona um museu histórico. A principal característica das edificações ortodoxas são os esguios ciprestes sempre plantados pelos monges daquela religião grega. Em todo o país, principalmente nas regiões próximas da fronteira com a Grécia, há pequenos ciprestais que indicam terem existido, naqueles locais,

igrejas ou mosteiros ortodoxos, em áreas hoje utilizadas para outras finalidades.

Num caminho montanhoso que liga as cidades de Saranda e Vlora, no litoral Sul do país, há uma grande área coberta de pinheiros milenares, onde outrora existiu um mosteiro ortodoxo. O local é extremamente privilegiado pela sua beleza natural. Mais ou menos na metade do caminho, após transpor uma cadeia de montanhas chega-se a uma pequena planície ao nível do mar, onde está localizada a pequena vila de Dhermi.

A estreita estrada asfaltada começa, então, a subir uma montanha não muito íngreme, fazendo curvas na mesma encosta e tendo o mar a seus pés. Desta forma, atinge-se a altitude de 820 metros, de onde se vislumbra um cenário indescritível. A poucos quilômetros dali, no alto da montanha, está o velho pinheiral. Ao invés de abrigar o mosteiro ortodoxo, porém, esconde um grande número de casas de férias utilizadas por trabalhadores.

CAPÍTULO V

TRABALHO, LAZER E DESCANSO

A principal vitória dos trabalhadores de todo o mundo no século passado foi a redução da jornada de trabalho para oito horas por dia. Um dos argumentos centrais para isso era o de que o trabalhador, para ter condições dignas de sobrevivência, precisava de oito horas para o lazer e oito para o descanso. Contudo, o capitalismo criou mecanismos para driblar esse direito dos trabalhadores, especialmente o da hora-extra.

Na Albânia, não é permitido trabalhar mais do que oito horas por dia. O expediente de trabalho começa cedo (6 ou 7 h para os operários e 8 h para funcionários da administração, jornalistas etc.) e termina às 15 ou 16 h. Deste modo, o trabalhador tem boa parte do dia para desenvolver outras atividades, ligadas ao esporte ou lazer.

Nas atividades essenciais ou nas fábricas que trabalham 24 horas por dia são feitos turnos e, de um modo geral, o comércio funciona das 8 às 14 h e das 17 às 19 h. Em todas as cidades ou vilas os passeios vespertinos a pé são um hábito diário. Os homens andam de braços dados uns com os outros e, quando amigos ou velhos conhecidos, beijam-se ao se encontrar, em ambas as faces. É um gesto afetivo segurar as mãos do amigo enquanto encadeiam conversas.

Não é comum o namoro público entre adolescentes. Casais que andam de mãos dadas ou abraçados pelas ruas normal-

mente são noivos ou casados. O casamento para os albaneses é, ainda hoje, algo de muito sério e solene e quando ocorre se transforma num grande acontecimento, especialmente nas vilas. Não há convites formais. Para todos os efeitos, a Albânia inteira está convidada — ou seja, todo mundo vai e é bem recebido.

Pelos hábitos do país e incentivados pela propaganda oficial, os rapazes casam-se após os 25 anos e as moças após os 21 anos. Em conversas com alunos da Universidade, secundaristas e jovens nas ruas, pude perceber que eles têm um certo padrão a respeito disso. Todos acham que concluir os estudos e atingir maturidade são elementos fundamentais para o casamento. O governo divulga a posição de que, nas escolas ou em qualquer lugar, meninos e meninas devem tratar-se mutuamente como seres iguais e cultivar a amizade.

O governo incentiva os casais para que tenham pelo menos três filhos, "porque a Albânia precisa aumentar sua população", como dizem os albaneses. O próprio Enver Hoxha tem três filhos — dois homens, ambos engenheiros, e uma mulher, de 27 anos, que é arquiteta. Entretanto, especialmente nas zonas rurais, a tendência é ter mais do que isso. Numa vila na região de Girocastra, por exemplo, encontrei um casal com doze filhos.

O divórcio é livre e, para consegui-lo, não há nenhuma burocracia — basta um bom argumento para convencer o juiz, embora este sempre tente a reconciliação. Já o aborto é proibido, sob o argumento de que os pais devem ter maior controle sobre a concepção e que, além do mais, o país precisa crescer.

O homossexualismo é proibido por lei e a prática da pederastia é punida com prisão. De várias pessoas, dos mais diversos setores, ouvi posições parecidas sobre o assunto. Todos dizem que "deve haver casos isolados, mas de modo algum esse é um problema na Albânia". Um diplomata contou-me que, em meados de 1981, uma juíza albanesa foi à Dinamarca fazer uma conferência sobre a evolução da mulher no seu país. A certa altura um rapaz perguntou sobre homossexualismo e ela respondeu do modo que quase todos respondem.

— Ao final — contou o diplomata — o rapaz veio conversar conosco, falando em albanês. Disse-nos que era homossexual passivo e que havia morado alguns meses na Albânia, num programa de intercâmbio cultural e que, nesse período, havia mantido relações com um rapaz, em Berat.

O diplomata narrou este caso para dizer que, de fato, "deve haver casos isolados de relações entre homens". Ninguém admite, porém, que possa haver casos de relações sexuais entre mulheres. A editora da revista *Shqiperia e Re* (Nova Albanesa), Drita Siliqi, afirmou:

— A mulher albanesa tem uma concepção bastante diferente sobre a questão da sua liberação. Em alguns países, as mulheres buscam esse caminho como se assim fugissem da opressão do homem. Aqui, as mulheres estão preocupadas com a verdadeira liberação e com a construção do socialismo.

É comum, como para os homens, mulheres andarem de mãos ou braços dados umas com as outras ou irem a bares e restaurantes sozinhas. Em todas as cidades há bares e restaurantes com música ao vivo e pistas de dança. As danças são as tradicionais, nas quais faz-se círculos de mãos dadas e movimentos que poderiam ser comparados aos da ciranda pernambucana ou do carimbó. Mas há também a dança de homem com mulher no estilo, para nós, convencional.

Nos hotéis freqüentados por estrangeiros há boates, com música ao vivo, que poderiam ser comparadas a conventos perto dos *night-clubs* dos hotéis brasileiros. Os conjuntos (normalmente compostos de bateria, saxofone, acordeão e guitarra) diferem daqueles que tocam nos bares normais apenas pelo fato de tocar mais músicas estrangeiras, para agradar a clientela.

A venda de bebidas alcoólicas é livre, tanto nos mercados como nos bares e restaurantes. Uma garrafa de bom *raki* é comprada nas lojas por 13,5 leks (quase US$ 2) e uma dose nos bares e restaurantes custa entre 2 e 5 leks, dependendo do lugar. Mesmo assim, é raro encontrar pessoas embriagadas. Durante um jogo, num estádio de futebol, vi um rapaz visivelmente embriagado, armando confusão com quem estava por perto. De repente, iniciou-se uma briga entre ele e outro rapaz. Um policial, de farda azul e sem arma ou cassetete, acorreu ao local e tentou tirá-lo para fora do estádio, pelo braço. Ele disse que não ia. Veio outro policial e ele manteve-se firme. A solução que os policiais encontraram foi aceitar sua promessa de que ficaria em seu lugar, quieto.

Há mais de vinte diferentes marcas de cigarros, que são vendidas a um preço que varia entre 1 e 4 leks, todas produzidas na própria Albânia. Não há supermercados e as lojas são mais ou menos especializadas: tecidos e confecções, bebidas, conservas e frios, açougues, padarias, comidas prontas e semiprontas etc. As lojas, desde as maiores até a simples ban-

quinha de sapateiro, são do Estado. Não há nenhum tipo de racionamento, cada pessoa compra o quanto bem entender.

Praticamente não há produtos de uso doméstico ou alimentos importados. Móveis, máquinas de lavar roupa e aparelhos de rádio e televisão são relativamente baratos. Uma máquina de lavar, por exemplo, custa 170 leks (US$ 25). Os aparelhos de tevê são produzidos na Albânia, embora alguns componentes sejam importados, principalmente da Itália e Alemanha.

Não há fogões a gás. Os fogões, mesmo nos prédios de apartamentos, são a lenha ou carvão. A política oficial do governo é a de utilizar o gás liquefeito de petróleo para fins industriais, embora já esteja sendo iniciada a implantação de um sistema de gás para uso doméstico.

Não há diferença entre as casas e os apartamentos das zonas urbanas e os das zonas rurais. São sempre em alvenaria, com banheiro, água encanada e mobiliados modestamente mas com tudo o que é essencial, incluindo máquina de lavar roupas, geladeira e aparelho de tevê. Cerca de 70% das famílias, nas cidades e no campo, têm televisores. A máquina de lavar é ainda mais comum, por ter sido considerada um equipamento essencial para facilitar a divisão do trabalho doméstico entre o homem e a mulher. Por um apartamento de dois quartos em Tirana, por exemplo, paga-se uma taxa de, no máximo, 40 leks por mês o que equivale a três garrafas de aguardente.

Apenas 20% das moradias hoje existentes já estavam construídas antes da libertação. Até 1985, de acordo com o relatório de Enver Hoxha no 8.º Congresso do PTA, de fins de 1981, serão construídos 80 mil novos apartamentos, para abrigar 400 mil pessoas. Os "aluguéis" não serão elevados, promete o primeiro-secretário do Partido.

Nas cooperativas de nível inferior (o primeiro estágio da coletivização) as moradias ainda podem ser construídas pelos próprios camponeses. Nas de nível superior também, mas neste caso o Estado constrói e financia. Nas fazendas estatais as casas e apartamentos são todos do Estado, como nas cidades, embora ainda haja moradias habitadas por aquelas famílias que as possuíam antes da revolução.

Mesmo na zona rural, há predominância de prédios de apartamentos entre as novas construções. São edifícios pré-fabricados, na maioria, de três ou quatro andares, normalmente com apartamentos de dois quartos, sala, cozinha e banheiro.

Um trabalhador rural de Lukova, uma das seis vilas que formam uma fazenda estatal, mora num desses prédios, num apartamento de um quarto, com sua mulher e um filho de dois anos.

Visitamos sua casa sem que fôssemos esperados, mas fomos bem-recebidos. O apartamento tem um bom acabamento com cômodos não muito grandes. Na sala, um sofá-cama, uma mesa de refeições e uma cômoda, sobre a qual havia um aparelho de tevê e de rádio. Embora constrangido pela visita inesperada, o casal conversou sobre sua vida na região e serviu *raki,* uma tarefa sempre cumprida pelas mulheres em todas as casas que visitei.

Em Lukova, como em todas as vilas, há lojas, postos médicos, escolas de primeiro e segundo grau, centro cultural com sala de projeção de filmes, bares e restaurantes. Como essa vila é a principal na área dos terraços (as colinas e morros são transformados em enormes escadas, com degraus de três a cinco metros de largura, tornando a agricultura viável) é comum encontrar-se estudantes que vão para lá fazer mutirões.

A parte de infra-estrutura dos terraços é toda construída por esses mutirões, que os estudantes universitários fazem durante um mês por ano. A sistematização das montanhas, naquela região, começou em 1967 e, desde então, 80 mil jovens já prestaram serviços nos mutirões que ali são feitos constantemente. Cinco mil trabalhadores rurais cuidam hoje dos 3 mil hectares já sistematizados. São 500 mil árvores plantadas, na maioria de cítricos e oliveiras, número que chegará a um milhão até 1985.

Constantemente, há ali 250 voluntários de todo o país, que recebem alimentação e alojamentos gratuitos e trabalham na construção dos terraços e dos canais de irrigação e drenagem. Esse sistema de mutirões funciona também para a construção de rodovias, estradas de ferro etc.

— Isso desperta nosso sentimento de solidariedade e nos coloca em contato mais íntimo com a realidade do nosso país — explica a jornalista que me acompanhava e que trabalhou na construção da ferrovia Tirana-Pogradec.

Em casos de emergência, esse sentimento de solidariedade aparece de maneira extraordinária. No dia 7 de abril de 1979 um forte terremoto abalou toda a região norte do país e parte da Iugoslávia, destruindo vilas inteiras e bairros de cidades importantes como Shkodra e Lezha. O terremoto deu-se às 7h 20min, e poucas horas depois começavam a chegar caravanas

de outras regiões, trazendo voluntários, barracas, alimentos e materiais de construção.

No mesmo dia, o Comitê Central do PTA divulgou um comunicado, fazendo um balanço da destruição e mortes, afirmando que todas as despesas de reconstrução seriam por conta do Estado e fixando o prazo para o término dos trabalhos: cinco meses. Tinham sido destruídos 17.122 imóveis, entre casas, apartamentos, escolas, lojas, postos médicos etc.

Três mil voluntários de todos os cantos do país deslocaram-se para a região. Um operário de uma fábrica próxima de Tirana conta que o esquema montado nas indústrias, cooperativas e fazendas estatais foi mais ou menos o mesmo. Um operário ou trabalhador rural que se apresentasse como voluntário não perdia nada do seu salário e seus companheiros de setor dividiam suas tarefas, de modo a não afetar a produção. O que mais assustava era o prazo de cinco meses para reconstruir tudo.

— Foi muito bom porque tivemos uma grande tarefa e conseguimos cumprir — disse-me Haki Kuka, um morador do bairro de Baçallek, em Shkodra.

Aposentado, com 65 anos de idade, três filhos e uma casa que ainda hoje é sua, Haki Kuka lembra que seu pai, que ali viveu, contava histórias de um terremoto semelhante, que abalou a região em 1905.

— Naquela época — conta ele — nossa gente não teve assistência nenhuma e levou muitos anos para reconstruir, por conta própria, suas moradias.

Não muito distante dali, na Iugoslávia, ainda ao tempo da minha visita à Albânia havia fortes sinais da destruição daquele terremoto. Em território albanês, suas marcas mais fortes são vistas apenas num monumento erguido no bairro de Baçallek e no museu que hoje funciona numa casa que, solitária, ficou de pé num bairro de Lezha. No museu, há mapas e maquetes da cidade antes e depois da destruição, documentos, fotografias etc.

O fato de terem apagado em cinco meses todas as marcas do terremoto é motivo de orgulho para os albaneses. O jornalista Rifat Dasti, correspondente do *Zeri i Popullit* ("Voz do Povo", porta-voz oficial do PTA) em Shkodra, contou-me que foram recusadas as ofertas de ajuda de instituições internacionais pelas condições impostas para tanto.

— Além do mais — afirmou — não precisávamos mesmo

dessa ajuda. Mostramos isso quando terminamos a reconstrução, dentro do prazo, e chamamos uma delegação das Nações Unidas para visitar a região.

O povo de Shkodra é tido, em toda a Albânia, como o mais regionalista de todos, mas ao mesmo tempo é respeitado por ter um senso de humor aguçado. Tradicionalmente, os maiores humoristas do país são de lá. Foi a cidade que mais me agradou, pelo seu clima alegre e sua gente, de fato muito bem-humorada. Mesmo numa situação de tragédia como a do terremoto, surgiram na cidade, irradiando para o país todo várias piadas.

Uma delas, talvez a melhor, é a de que um camponês da região estava junto a um tanque de *raki* quando iniciou-se o tremor de terra. Não conseguindo equilibrar-se, o homem caiu dentro da aguardente, apavorando ainda mais seus companheiros de trabalho. No entanto, diz a piada, cada vez que vinha à tona, no seu processo de afogamento, o camponês, ao invés de pedir socorro, gritava:

— Traz o tira-gosto!

O terremoto não chegou a atingir gravemente a parte mais velha da cidade de Shkodra, uma das mais antigas cidades da Europa. A fortaleza de Rosafat, construída há cerca de 2.500 anos no topo de um morro, manteve-se intata. Quando da minha visita, estava sendo restaurado todo um bairro histórico da cidade, considerada "cidade-museu", que tampouco fora atingido — a restauração se deve à sua transformação em museu.

A principal rua desse bairro é a avenida Enver Hoxha, que cruza um pequeno largo onde está situado o maior hotel da cidade; nas redondezas, estão os bares e restaurantes mais conhecidos. Por ali, circulam durante o dia os aposentados. A 10 quilômetros dali, está a vila de Shiroka, que é habitada por pescadores e é utilizada como colônia de férias pelos trabalhadores; situa-se às margens do lago de Shkodra, cujas águas são divididas com a Iugoslávia.

Como na região de Shkodra, em toda Albânia as áreas mais privilegiadas pela natureza são utilizadas em larga escala pelos trabalhadores, que se hospedam nas casas de férias mantidas pelo Estado. A mais procurada dessas áreas é o balneário de Durres, a 40 quilômetros de Tirana. Aos domingos, no verão, as praias dali ficam apinhadas de gente, incluindo um número nunca muito grande de turistas estrangeiros e a quase totalidade do corpo diplomático estrangeiro.

A passagem dos oito trens que fazem o percurso Tirana-Durres diariamente custa 3 leks, o que equivale a um maço de cigarro de qualidade mediana. A maior parte da praia é ocupada por peladas de futebol, que revelam certa familiaridade dos albaneses com a bola, embora sem os grandes lances de criatividade, marca registrada dos brasileiros neste tipo de esporte. As mulheres, na maioria, trajam maiôs, mas há as que usam discretos biquínis.

No balneário de Durres, cidade que é também o principal porto do país há vários hotéis, alguns deles de primeira classe. A minha intérprete costuma passar férias, com seu marido e seu filho, num desses hotéis, cuja diária é de 28 leks (US$ 4). É bem mais barato, quase simbólico, o preço das férias no grande número de casas e apartamentos, que funcionam quase como hotéis, tanto em Durres como em outros balneários. Toda cidade, na Albânia, tem uma ou mais dessas colônias de férias.

Além de Durres, Saranda e Vlora são as cidades litorâneas mais procuradas. Saranda é considerada a "menina dos olhos" da Albânia, por sua beleza — é uma cidade trepada nos morros junto ao mar Jônico. Dali, vê-se a famosa ilha grega de Corfus. Vlora, maior do que Saranda, destina seu mais belo local — o topo de um rochedo, junto ao mar — a uma dessas colônias de férias.

São cinco edifícios iguais, cada um com 45 apartamentos, duas camas (ou uma de casal), banheiro etc. No complexo, há biblioteca, salas de televisão, salas de jogos e dois restaurantes. Para passar quatorze dias ali, o trabalhador albanês paga de 70 a 120 leks, de acordo com a época do ano, incluindo a alimentação. Incorporando-se a esse preço o da passagem de qualquer parte do país, as férias ali custam, por pessoa, em torno de 150 leks (aproximadamente US$ 21). No período em que estive na Albânia, esse era mais ou menos o preço de uma passagem de ônibus comum, só de ida, de Brasília a São Paulo.

Em Vlora, conversei com um operário de Burrel, uma cidade que fica ao Norte, do outro lado do país. Como tratorista, Aqif Mila foi premiado com férias gratuitas em qualquer parte do país, por seu desempenho no cumprimento do plano da empresa em que trabalhava, no primeiro trimestre de 1982. Mas nem só de operários compõe-se a clientela dessa colônia. Ali encontrei, por exemplo, Shefqet Musaraj, o decano dos escritores albaneses, com quem eu já havia estado algumas vezes, sempre rapidamente, no hotel Dajta em Tirana.

Visitei outra dessas colônias de férias em Korça, próximo à fronteira com a Iugoslávia — uma das quatro colônias que existem só naquela cidade. São setenta apartamentos e há biblioteca, sala de jogos (bilhar, pingue-pongue, xadrez etc.), sala de televisão e um grande restaurante. Essa colônia é equipada para férias de inverno, com pistas de esqui e a hospedagem custa de 70 a 90 leks por duas semanas, incluindo alimentação. Ao contrário do que pode parecer, o preço mais barato é cobrado durante a estação.

Essas casas de férias têm um diretor-administrativo, indicado pelas Uniões Profissionais, que as dirige em conjunto com conselhos formados pelos hóspedes a cada duas semanas. Podem ser freqüentadas por qualquer trabalhador, inclusive os aposentados e suas famílias. Em todo o país, há também colônias para "Pioneiros" e jovens, que funcionam da mesma maneira.

Os albaneses têm inteira liberdade para viajar para qualquer parte do país. Em nenhuma hipótese há necessidade de se apresentar documentos de identidade ao comprar passagens, embarcar nos ônibus e trens ou na chegada a qualquer localidade. Em Durres, por exemplo, encontrei vários trabalhadores de outras partes do país que confirmaram este fato, deixando suas cidades para, no fim de semana, tomar sol na praia.

Para mudar de uma cidade para outra, porém, é mais complicado, devido a condições práticas. Em primeiro lugar, será preciso ter emprego garantido na cidade para onde a pessoa quer mudar, com o que poderá, então, requerer uma moradia do Estado. Tanto nesses casos como no de casamento, quando os jovens deixam a casa dos pais, o normal é conseguir a liberação de moradia no prazo de um a três meses.

Além da possibilidade de se locomover pelo país inteiro sem nenhum tipo de restrição, os albaneses podem dispor de telefone, que atinge todas as localidades do país. A tarifa telefônica é fixa e custa 10 leks por mês, um preço simbólico. Só é cobrado adicional para as ligações interurbanas (2 leks para cada três minutos). Nas mais distantes e pequenas aldeias há telefones públicos, o que também ocorre nas estradas.

Em algumas regiões do país, há áreas montanhosas, semi-áridas e pedregosas, onde os únicos sinais de vida, além das cabras, são os postes e fios de energia elétrica. Quinze anos antes do previsto, em setembro de 1970 completou-se o plano de eletrificação de todo o país. O vice-presidente da Compa-

nhia de Construção de Barragens, engenheiro Skender Kosturi, participou daquele processo. Ele lembra:

— Naquele ano, quando completamos a ligação de luz na última casa que faltava, fizemos uma grande festa. A partir de então, não há na Albânia uma única casa, ou sequer um estábulo, que não tenha luz elétrica. Aliás, energia elétrica é um importante produto em nossa pauta de exportação.

A vida dos albaneses é uma vida modesta, mas boa. Um dos pontos que eles repetem a todo canto é o das condições criadas pelo Estado, que permitem a todo cidadão ter assistência rápida e fácil na área da Saúde, acesso à Educação, garantia de um futuro tranqüilo. A aposentadoria é concedida aos 60 anos, embora algumas categorias profissionais (mineiros, professores, atores, por exemplo) possam aposentar-se antes, por tempo de serviço. Os trabalhadores em minas subterrâneas aposentam-se com 18 anos de trabalho e basta trabalhar 12 anos nessa profissão para adquirir esse direito. Os professores e atores podem aposentar-se aos 25 anos de trabalho.

No caso de morte de um dos membros do casal, o Estado paga uma pensão para a educação dos filhos, até que estes atinjam idade em que possam trabalhar. Nada é descontado dos salários. Não há taxa de previdência nem imposto de renda — aliás, de dez anos para cá foram abolidos completamente os impostos na Albânia. O governo arca com todas as despesas para manter o bem-estar da sociedade.

Além dos canais normais para discussão das questões importantes e de interesse geral, os albaneses dispõem de formas interessantes de manifestar suas opiniões, críticas etc. Todos os órgãos de imprensa mantêm seções para publicação de textos enviados por leitores. Nas ruas, em todas as cidades, vilas, fábricas, cooperativas, há murais onde qualquer pessoa pode afixar o que bem entender, desde que assine embaixo.

Nesses murais há muito material sem importância, com gente escrevendo versinhos, outros falando da beleza de sua cidade, ou então fazendo críticas severas e de nível duvidoso ao vizinho com quem entrou em desacordo e assim por diante. Mas há, também, críticas sérias às autoridades. Em Shkodra, por exemplo, vi a mesma crítica afixada num mural existente na porta de um hospital e noutro, no centro da cidade.

Embora um bocado confusa e bastante emocional, a crítica tinha um ponto central: o autor acusava a direção do hospital de negligência na morte do filho que havia ocorrido dias

antes. Segundo ele, a ambulância teria demorado demais (ele não dizia quanto tempo) e esta falha teria sido fatal. Em casos como este, o que se espera é que a direção do hospital investigue o fato e publique, nos mesmos murais, a explicação que tiver a dar. Isto não impede que a pessoa prejudicada recorra aos órgãos do governo ou à justiça.

Em todas as lojas, bares, restaurantes ou bancas de cigarros há livros de queixas, com páginas numeradas, de cuja eficácia eu duvidava, até ver um deles ser usado. Ao chegarmos em Vlora, numa noite de sábado, fomos jantar num restaurante de onde se vê toda a cidade. Quando os dois jornalistas que me acompanhavam, o motorista e eu íamos sair, vimos um homem, bastante irritado e um tanto embriagado, falar em voz alta com o garçom.

Com o auxílio da minha intérprete, fiquei sabendo que o homem destratava o garçom e criticava o serviço do restaurante — que nos havia agradado muito. A certa altura, ele pediu o livro de queixas, que o garçom trouxe prontamente. Indignado, Hodo, o motorista, pediu o livro também e escreveu uma defesa do garçom. E fomos embora.

No outro dia, voltamos ao restaurante para almoçar e soubemos que o livro de queixas já estava com o seu diretor. A intérprete pediu o número do telefone do diretor e ligou para ele, afirmando que tinha estado ali na hora do episódio, em companhia de um jornalista estrangeiro e em outras oportunidades e que, portanto, conhecia a casa e o garçom o suficiente para dizer que a crítica feita na noite anterior pelo exaltado freguês era descabida. Segundo ela, o diretor respondeu que seu telefonema também seria levado em conta e agradeceu.

Através dos murais, os albaneses também fazem pressão pública sobre pessoas de cujo comportamento se discorda. Perguntei a um grupo de estudantes da Universidade de Tirana o que ocorreria se um deles aparecesse na escola com cabelos longos e barba. A princípio, eles ficaram meio constrangidos em responder, pelo fato de eu próprio estar de bigode, cavanhaque e cabelos um tanto longos para o padrão albanês. Depois, uma estudante soltou-se:

— Bom, primeiro a gente conversa com ele na sala de aula e diz que essa atitude não condiz com a nossa moral comunista. Se não adiantar, leva-se o caso à União da Juventude, que também vai discutir com ele. Caso também não adiante, a

gente parte para as ruas, fazendo charges ou textos até mesmo ridicularizando sua atitude.

O barbudo terá direito a defender-se, mas o mais certo é que abandonará sua "tentativa de ocidentalização". Barba e cabelos longos na Albânia, são considerados fatores de influência externa e, portanto, condenados pela sua moral. Não faz muitos anos, no tempo dos *hippies,* a moda dos cabelos longos chegou à Albânia, principalmente por meio da televisão dos países vizinhos, cujos sinais são facilmente captáveis. Mas foi fortemente combatida pelo partido e pelo governo. Naquele período, quem chegasse ao país com barba e cabelos longos podia entrar, desde que aceitasse o convite de passar pela barbearia que funcionava no aeroporto. Em seus retratos espalhados por todo o país, é claro, Marx, Engels e Lênin são vistos com suas barbas e Stalin com seu bigodão.

Em todos os lugares, meus cabelos meio desalinhados e longos, bigode e cavanhaque despertavam a curiosidade dos albaneses. Numa apresentação do Conjunto Nacional de Tirana, à qual fui assistir no Palácio da Cultura, à minha frente sentou-se um casal com uma menina de seus oito anos. Apesar da beleza do espetáculo e da alegria das músicas e danças, a menininha achou mais interessante ficar o tempo todo virada para trás, apreciando meu exotismo.

Nesse caso, fica evidenciado o sentimento nacional dos albaneses, que se contrapõe, em muitos casos, inclusive aos barbudos monges ortodoxos que viveram no país. Em outros casos, porém, ocorre o inverso. É o caso da alimentação, por exemplo. Até hoje, a carne de porco é pouco freqüente na mesa dos albaneses, como consequência dos preconceitos muçulmanos.

A alimentação do salbaneses inclui, aliás, alguns hábitos um tanto exóticos para nós, brasileiros. Pela manhã, é comum comer caldo com pedaços de carne e, em seguida, um prato de arroz, coberto com queijo ralado. Sua alimentação contribui, talvez, para o fato de que a expectativa de vida dos albaneses esteja atualmente em torno de 69 anos em média, sendo que em 1940 era de 38 anos.

CAPÍTULO VI

MALÁRIA, O QUE É ISSO?

Em visita à Albânia, o líder comunista brasileiro Maurício Grabois, que depois veio a morrer em combate como um dos comandantes da Guerrilha do Araguaia, teve um ataque de malária quando visitava algumas áreas agrícolas. O médico albanês que o acompanhava acorreu para os primeiros socorros e assustou-se. Só depois de explicações do próprio Grabois e de alguns brasileiros que estavam na comitiva é que o médico veio atinar para o mal com que se deparava.

Uma das pessoas que presenciaram o episódio contou:

— O médico era muito competente, mas pertencia a uma geração de albaneses que não conhecem a malária.

O território albanês é dividido, basicamente, entre montanhas — sempre utilizadas para a agricultura e para a pecuária, caprina e ovina — e planícies outrora cobertas por enormes banhados. As populações desses banhadões, extremamente pobres, os partilhavam com ratazanas e, principalmente, mosquitos transmissores de malária, tifo, febre amarela e inúmeras outras doenças.

A maior dessas planícies está localizada entre Durres e Fier, na área litorânea, hoje cortada por estradas de rodagem e uma ferrovia. O banhadão que ali havia, hoje existe apenas na memória da população, que fala com orgulho das plantações de milho, arroz, trigo, hortaliças etc., que agora ocupam aquela

área. A cidade de Lushnia, uma das principais da região, era um pequeno povoado antes da revolução, espremida entre colinas e o banhado, que ocupava uma área de 30 a 40 quilômetros em linha reta até a lagoa Karavastase e, em seguida, o mar. Com tanta água nos banhados, as populações da área tinham que acorrer ao lugarejo em busca de água potável.

Um operário que participou da sistematização dos banhados nessa região, com construção de canais de drenagem e de irrigação, ficou emocionado quando contou como era feito o trabalho.

— Isso aí — disse ele — era o paraíso da malária.

Antes da revolução, a Albânia era, de fato, o paraíso não só da malária, mas também do tifo, febre amarela, tuberculose, poliomielite etc. São males do passado. O diretor do Hospital Pediátrico de Korça, Anesti Cerkazi, um experiente médico de seus 45 anos, chegou a afirmar numa conversa que mantivemos:

— Hoje em dia, até nas escolas de Medicina, temos dificuldades em explicar aos alunos como são essas doenças, porque não temos casos para estudar.

A confirmação disso talvez esteja no fato de que, desde o nascimento até o morte, todo albanês tem um acompanhamento permanente de sua saúde. Em todo o país, há um médico para cada grupo de 579 habitantes e a Medicina baseia-se em três pontos básicos: (1) prioridade ao tratamento preventivo; (2) acompanhamento da saúde de todo cidadão, para o que os médicos devem estar o mais próximo possível dos locais de trabalho, estudo e moradia; (3) em consultas normais ou em casos de urgência, o médico deve ir ao paciente, não o inverso.

A justificativa para este último item é a de que, mesmo no caso de uma simples febre, é melhor para o paciente ficar em sua casa do que sair para ir ao posto médico ou ao hospital. Como o Estado é responsável pela saúde do povo, deve criar mecanismos que facilitem os exames periódicos. Por exemplo: cada escola com mais de 1.200 alunos tem um posto médico e, quando se trata de pequenas escolas, especialmente na zona rural, há médicos encarregados de várias delas.

Por menor que seja a vila, sempre há um posto médico, subordinado a um hospital daquela área. Esses postos têm, no mínimo, algumas enfermeiras (pelo menos uma habilitada a fazer partos) e profissionais que poderiam ser classificados como "técnicos em Medicina", ou seja, são formados em escolas pro-

fissionalizantes de 2.º grau, no ramo da Medicina. O atendimento é durante as 24 horas do dia e os postos nunca estão localizados a mais do que 20 ou 30 quilômetros do hospital mais próximo. Todos têm telefone e condições de dar os primeiros socorros em casos de emergência.

Poucos dias antes da visita que fiz à cooperativa de Dropull, numa das vilas bem junto à fronteira grega, o filho de um camponês havia despencado de uma árvore e fraturado o crânio. A operação era complicada e não havia na área nenhum especialista, mas pouco tempo depois chegou um helicóptero de Tirana trazendo um cirurgião. Segundo o diretor do hospital da área da cooperativa, o médico Jani Rafti, a operação foi feita com sucesso.

— Antigamente, tínhamos apenas um médico para as 34 aldeias da nossa região — contou Jani Raft. — Para fazer uma visita, ele exigia o pagamento adiantado, em ouro, e um cavalo para se deslocar, já que não havia estradas por aqui.

Em cada uma das dezessete aldeias que hoje formam a cooperativa de Dropull i Siperm há um posto médico. Na de Vrisera, onde está a sede da cooperativa, há um hospital, com clínica geral, maternidade, laboratório, equipamentos de radiologia e pediatria. Em casos mais graves, os pacientes são levados para o hospital de Girocastra, a 40 quilômetros dali.

A assistência médica e previdenciária na Albânia é inteiramente gratuita. Para as crianças de até um ano, os remédios são fornecidos gratuitamente pelo governo. Em 1982, 5,1% do orçamento do Estado foram destinados à área de Saúde e outros 9,8% para o pagamento de aposentadorias e pensões. Como 66,5% da população do país vivem na zona rural, a maior parte dos médicos dedica-se ao atendimento dessas populações. A formação e distribuição dos médicos é feita de acordo com o planejamento central que, por sua vez, é elaborado de acordo com as necessidades do país.

CAPÍTULO VII

UMA ESCOLA POPULAR

Desde os quatro meses e meio de idade, quando termina a licença de sua mãe, a criança albanesa já pode ir para as creches, que existem em todo o país, tanto nas cidades como no campo. Dos 3 aos 6 anos, mais da metade das crianças da Albânia freqüenta os jardins de infância, que também existem por todos os cantos. Começa aí a educação do albanês.

Os albaneses ainda consideram baixa, porém, a percentagem de crianças colocadas por seus pais em creches e jardins de infância. Flora Hysa, do Setor de Ensino Pré-Escolar do Ministério da Educação, tem uma explicação:

— Existe ainda, especialmente na zona rural, alguma resistência dos mais idosos quanto a colocar os netos em creches ou jardins. Os avós aposentados recusam-se a abrir mão da tradição de ajudar na criação dos netos. No entanto, essa resistência diminui a partir da época em que a criança atinge a idade de 4 anos, pois a partir daí a preocupação com a sua preparação para a escola é mais forte do que a tradição.

Mesmo assim, quase todas as aldeias, por menores que sejam, têm creches e jardins de infância. Basta ter dez crianças na mesma idade. As crianças podem ficar na escolinha das 7 às 19 h, mas o normal é os pais as deixarem das 7 às 15 ou 16 h, coincidindo com seu horário de trabalho. Pela alimentação das crianças, os pais pagam uma quantia que nas cidades,

varia de 45 a 150 leks, de acordo com seu salário. Nas cooperativas a taxa de alimentação varia de acordo com o rendimento geral.

Desde o ensino pré-escolar, já evidencia-se o tripé em que se baseia a Educação na Albânia: ciência, trabalho e treinamento militar. As crianças começam a receber algumas noções sobre o trabalho, fazem alguns exercícios físicos apropriados para a idade, brincam com bonecas, jogos de montar, carrinhos e armas e falam muito do "titio Enver Hoxha". As professoras dos jardins são formadas em cursos profissionalizantes de 2.º grau.

O critério de aceitação das crianças nos jardins é o da área de residência e não há limitação de vagas. Se numa aldeia, por exemplo, os pais decidem que deve haver mais uma classe para determinada idade, o pedido é encaminhado à administração da área e atendido. Cada turma tem duas professoras, que se revesam em turnos de seis horas por dia.

A política oficial é de que a alfabetização deve ser iniciada só a partir da idade de 7 anos. Margarita Xharea, diretora de um jardim num dos bairros de Tirana, defende essa política:

— Nós consideramos que só aos 7 anos a criança está madura para ser alfabetizada. Até os 6 anos, damos algumas noções de linguagem, alguns elementos do alfabeto, números e cifras. Mas a alfabetização mesmo, só depois.

Como no Brasil, a escola de 1.º grau tem duração de oito anos. Numa cooperativa, visitei uma escola dessas, que existem em todas as aldeias. Meu guia me explicou que, pela política do governo, a escola, especialmente a de 1.º grau, deve estar o mais perto possível do local de moradia do estudante. Assim, há pequenas aldeias onde são mantidas escolas com apenas oito ou dez alunos por classe. Entrei numa sala de aula, onde os alunos da sétima série assistiam uma lição de Geografia. Houve um natural constrangimento dos alunos pelo tamanho da comitiva que me acompanhava: a intérprete, o guia, o presidente da cooperativa, o diretor da escola, o médico e a presidente da Organização das Mulheres. Todos levantaram, "em sinal de respeito", como explicou depois uma das alunas. O presidente da cooperativa, autoridade maior ali, era um sujeito muito alegre e fez algumas brincadeiras para quebrar o constrangimento. Como era aula de Geografia, eu perguntei:

— Quem sabe onde fica o Brasil?

De pronto, vários ergueram a mão e um menino levantou-se e disse:

— Na América do Sul.

Na sala de aula ou no recreio não há separação entre meninos e meninas; já a educação física e os exercícios militares, especialmente no 2.º grau, são diferenciados por sexo. A conversa passou a girar em torno da vida na aldeia, dos estudos, namoro e foi bater em futebol. O presidente da cooperativa entusiasmou-se e declamou a escalação quase toda do selecionado brasileiro, errando em apenas um ponto: escalou Leão no gol. Depois, eu perguntei aos alunos:

— Quais os principais problemas aqui da escola?

Meninos e meninas trocaram-se olhares e ficaram quietos, até que o diretor da escola repetiu minha pergunta, acrescentando que "o diretor não está aqui". Uma menina animou-se e disse:

— Às vezes temos algumas dificuldades, mas problemas não temos. Todas as dificuldades que surgem nós discutimos e resolvemos.

Antes da revolução, 85% dos albaneses eram analfabetos e a Albânia ostentava o vergonhoso título de ser o único país da Europa a não ter universidade. As escolas de 1.º e 2.º graus existiam apenas nas principais cidades e eram freqüentadas quase que exclusivamente pelos filhos de famílias abastadas. Atualmente, a Universidade de Tirana, com suas ramificações pelo interior, forma por ano seis vezes mais pessoas do que todas as que tinham curso superior na Albânia antes de 1944.

Já em 1946, a escola primária, então de quatro anos, passou a ser obrigatória, e o Estado assumiu toda a tarefa da Educação, proibindo as escolas particulares ou de instituições religiosas, e tornando o ensino gratuito. Hoje, o 1.º grau, de oito anos, é obrigatório. Ao terminá-lo, todo albanês ingressa na escola secundária, que é de três anos de estudos e um de trabalho na produção. Existe o curso secundário geral, que visa dar uma base para o aluno prosseguir seus estudos na Universidade, mas a maioria dos cursos são profissionalizantes, com perto de setenta especialidades diferentes.

Nos cursos secundários, se um aluno repete uma série por não ter alcançado a média de notas necessária e é reprovado novamente acaba sendo desligado da escola. Ele terá, porém, algumas opções para continuar seus estudos, como os cursos por correspondência, as escolas existentes nas fábricas e os cursos

noturnos. No Complexo Enver Hoxha, que produz autopeças e tratores nas proximidades de Tirana, com 5 mil trabalhadores, há duas escolas de 2.º grau, com oitocentos alunos.

Aos alunos que freqüentam as escolas das fábricas ou os cursos noturnos são dadas algumas facilidades, como a da redução da jornada de trabalho em duas horas diárias. Desta forma, a grande maioria dos operários tem curso secundário, dirigido para sua especialização, mas com um conjunto de disciplinas capaz de dar um bom nível de conhecimento geral. Os albaneses dão aos cursos secundários, pela forma com que são estruturados, os méritos de serem um dos principais responsáveis pelo aumento da produtividade agrícola. Há fazendas estatais e cooperativas em que até 80% dos trabalhadores têm curso secundário.

Só na região de Saranda, no extremo sul do país, há onze escolas agrícolas de 2.º grau. Eu visitei uma delas, a Escola de Agronomia e Zoo-veterinária de Delvina, uma cidade de 8 mil habitantes, a 20 quilômetros de Saranda. A Escola foi fundada em 1959 e, desde 1975, forma cem alunos por ano nos dois ramos a que se destina. Do total de alunos, 60% são internos e 40% moram em suas casas, não muito distantes da escola. Para estudar em escola agrícola, o aluno não precisa ser filho de camponês ou morar na zona rural. Ao contrário, há incentivo oficial para atrair estudantes das áreas urbanas a essas escolas, para aproximar o campo da cidade.

De todo jeito, a professora encarregada de me receber e acompanhar na visita à Escola de Delvina, fez questão de frisar:

— Nosso objetivo central é o de preparar quadros qualificados para as aldeias, seja para trabalharem como técnicos ou como brigadistas.

O fato de um estudante cursar a escola profissionalizante não significa que deva concluir aí seus estudos e se engajar na produção. A concepção desses cursos é para formar mão-de-obra, elevar o nível de conhecimento dos trabalhadores, mas também de torná-los mais aptos a seguir o curso de sua preferência na Universidade. Na Escola de Delvina, além das disciplinas básicas das áreas de Agronomia e Veterinária, são ministrados cursos de Física, Química, Literatura, Matemática, Cultura, História, História do PTA e línguas estrangeiras. Nas escolas agrícolas é mais comum o ensino do russo, por ser mais farta a literatura nessa língua, no campo da agricultura.

As escolas de 2.º grau são em número bem menor que as

de 1.º grau. Numa cooperativa em cuja área haja vinte aldeias, por exemplo, o sistema de ensino será dividido, normalmente, dessa forma: todas as aldeias terão jardins de infância e escolas primárias (os primeiros quatro anos do 1.º grau); a metade delas terá escolas com o 1.º grau completo e haverá uma, duas ou três escolas de 2.º grau. As creches, que existem em praticamente todas as aldeias, não estão incluídas no sistema educacional — são mantidas pelo Ministério da Saúde. Esse sistema permite que, no início dos estudos a escola esteja o mais perto possível do local de moradia da criança, afastando-se à medida que ela cresce.

As escolas secundárias têm sistema de internato, no qual os alunos passam a semana toda, sem que isso implique em gastos para a família. A alimentação e a hospedagem nos alojamentos são por conta do Estado. O material escolar, especialmente os livros didáticos, tem preços quase que simbólicos e até mesmo os uniformes são fornecidos gratuitamente pelo Estado, quando se trata de família numerosa ou que tenha situação econômica difícil.

Do jardim de infância às escolas secundárias é obrigatório o uso de uniforme que, embora varie da escola para escola, normalmente é composto de camisas brancas e casacos, saias e calças azuis ou cinza. No 2.º grau os alunos, de ambos os sexos, usam fardas nos treinamentos militares. A farda é a do Exército Popular, igual para homens e mulheres, com coturno, calças compridas e jaquetões verdes e uma estrela vermelha no quepe da mesma cor da farda.

Não chega a ser tão rara a expulsão de alunos das escolas secundárias, quando ocorre "quebra grave da disciplina". O mais comum é o afastamento do aluno por falta às aulas. Numa escola em que estive, um aluno havia sido expulso naqueles dias por essa razão. Às vezes, a baixa freqüência se dá por desinteresse do aluno, mas na maioria dos casos a razão está na família. Especialmente nas zonas rurais, nas cooperativas, ainda existe a concepção de que os filhos são braços a mais no trabalho. Antes de qualquer expulsão, o assunto é discutido primeiro com a família, que muitas vezes resolve o problema. Caso isso não ocorra, o aluno será desligado e orientado para que continue seus estudos por correspondência.

A aferição do aprendizado é feita pelo professor de cada disciplina, que expressa sua avaliação com notas de um a dez, mais ou menos como ocorre nas escolas brasileiras. Se o aluno

discorda de uma nota, ele pode discuti-la com o professor na própria sala de aula, com a participação dos outros alunos, que darão suas opiniões, favoráveis ou não ao colega. Pode, ainda, recorrer à direção da escola, que tem poderes para rever a nota do professor.

Nas escolas secundárias os alunos já fazem pesquisas científicas, em cada especialização, e as repassam para os setores de produção. Toda escola agrícola, por exemplo, tem área própria para cultivo ou faz seus testes em áreas cedidas por cooperativas ou fazendas estatais. Numa dessas áreas, que visitei, os alunos da escola agrícola estavam conseguindo uma produtividade de 3,2 toneladas de trigo por hectare — o que é mais que o dobro da produtividade média brasileira, embora haja experiências, em outros países, onde consegue-se produzir 5,5 toneladas de trigo por hectare.

Cerca de 85% das escolas secundárias da Albânia são profissionalizantes. Mas nem só de Agronomia e Engenharia Mecânica, os cursos mais procurados, elas vivem. Entre as setenta opções de cursos, os jovens albaneses podem escolher desde Enfermagem até Música, passando por Medicina, Pedagogia, Eletricidade, Desenho etc. As vagas nas escolas são distribuídas de acordo com os planos qüinqüenais, que estabelecem quantos profissionais de cada setor as diversas regiões do país precisarão formar, anualmente.

A engenheira Esma Perja, chefe do Setor de Construção do Complexo Enver Hoxha de autopeças e tratores, era operária quando concluiu o curso secundário em Mecânica. Pediu seu ingresso na Universidade e passou a cursar Engenharia no que os albaneses chamam de "noturno" — são cursos cujas aulas vão das 16 às 20 h. Nesse caso, ela preferiu continuar trabalhando durante o curso e, para isso, trabalhava duas horas a menos por dia.

Ao terminar o 2.º grau e trabalhar um ano na produção, como ela, todo albanês que pretende seguir os estudos faz um pedido à Comissão de Seleção, que é vinculada à administração de cada região. O aluno dá três opções de cursos que pretende fazer, por ordem de prioridade, e as razões pelas quais os escolheu. Seu pedido será julgado com base no seu desempenho no curso secundário e no seu "comportamento moral e político". Numa conversa com o vice-reitor da Universidade de Tirana, Basin Dajo, eu disse que compreendia o critério do desempenho

na escola de 2.º grau, mas pedi explicações sobre a avaliação do comportamento. Ele explicou:

— Como todo estudante passa um ano na produção antes da Universidade, ele fica conhecido dos demais trabalhadores da sua unidade. Quando pede para entrar na Universidade, as comissões de seleção solicitam um parecer sobre seu comportamento no trabalho, nas atividades coletivas etc. São, portanto, os próprios trabalhadores que julgam se este ou aquele tem ou não condições e merece prosseguir seus estudos.

Logo após a libertação, a prática adotada pelo governo albanês foi a de permitir que a Universidade aceitasse todos os alunos que quisessem entrar, sem nenhum critério de seleção. Segundo Basin Dajo, porém, não é mais possível fazer isso. O ingresso à Universidade, mais do que nos cursos profissionalizantes do 2.º grau, segue as metas estabelecidas no plano qüinqüenal, de acordo com as necessidades de quadros de nível superior de cada região. De nada adiantaria formar engenheiros além das necessidades, pois assim, para muitos, o curso seria inútil.

A Universidade de Tirana tem dez mil alunos, seis mil dos quais em cursos regulares e os restantes por correspondência, em quarenta especialidades distribuídas por sete faculdades. A Universidade é dirigida pelo Conselho Universitário, formado por professores — que são em sua grande maioria — profissionais de outros setores e um terço de estudantes. Na mesma proporção, os estudantes participam do Conselho Científico da Universidade e nas direções dos departamentos. Os estudantes que ocupam essas funções são escolhidos pelos demais.

Os estudantes se organizam de forma bastante diferente dos países capitalistas. Não há diretórios na Universidade, nem organizações específicas de estudantes a nível local, regional ou nacional. Eles são filiados à União da Juventude e em cada setor da Universidade há um Comitê do partido, que congrega várias células. Através desses canais e da sua inclusão nos foros de decisão é que se dá a participação dos estudantes na vida da Universidade e do país.

Como nos cursos secundários, na Universidade também é afastado o aluno reprovado dois anos seguidos na mesma série. Existe, no entanto, a possibilidade de o estudante mudar de curso, caso descubra que escolheu errado ao entrar para a Universidade. Ele fará um pedido, cuja aceitação dependerá da existência de vaga no curso que pretende seguir.

Os graus de mestrado e doutorado podem ser obtidos no próprio país, mas é comum estudantes albaneses fazerem cursos de especialização em países como Itália, França e Suécia, por conta do Estado. Professores e estudantes têm acesso a publicações estrangeiras, especialmente de cunho científico, nas bibliotecas. O ensino de línguas na Universidade é feito com métodos modernos, que incluem, em muitos casos, o uso da língua estrangeira que está sendo estudada em aulas de outras disciplinas. Os alunos de Engenharia podem ter aula de cálculo, por exemplo, em francês, inglês ou russo, para facilitar a assimilação da língua estrangeira. Assim, todo albanês com curso superior fala pelo menos uma língua além da sua.

De um modo geral os universitários de todos os ramos conhecem profundamente a história e a realidade do seu país e dispõem-se a discutir qualquer questão de caráter geral. Embora tenha conversado esporadicamente com estudantes, pedi ao meu guia uma conversa mais ampla com alunos da Universidade de Tirana. Marcamos o dia e fomos lá. Nos aguardava um grupo de sete rapazes e moças dos cursos de Engenharia Civil e Mecânica. Perguntei qual tinha sido o critério de escolha dos alunos, e um professor presente me respondeu que havia poucas turmas em aula naquele horário e que, portanto, o critério tinha sido o da disponibilidade.

Nos cursos de Engenharia o número de mulheres é igual ao de homens. Perguntei a uma moça, torneira-mecânica formada por uma escola de 2.º grau de Girocastra, qual era a formação política que recebia na Universidade. E ela:

— No primeiro ano temos História do PTA, no segundo Economia Política do Capitalismo e do Socialismo, no terceiro Materialismo Dialético e, no quarto, Materialismo Histórico. Temos outras disciplinas que ajudam nossa formação política, mas essas são as principais.

Uma outra estudante disse ter alguns problemas com as disciplinas técnicas, porque vinha de uma escola de 2.º grau geral. Segundo ela, contudo, essas dificuldades seriam facilmente superadas com a ajuda dos professores e colegas. Na sua opinião, problemas como o seu são os únicos que existem na universidade albanesa, porque "temos todas as condições que precisamos para estudar e até para ocupar nossas horas vagas".

Perguntei a um aluno:

— Se você discordar de uma nota dada por um professor, qual será sua atitude? Você aceita e pronto?

— Não — respondeu ele — a nota aqui é uma coisa muito democrática. Primeiro porque o professor tem que ter bons argumentos para cada nota que dá, pois eu posso pedir explicações e ele terá que me dar. Nos exames, a nota não é de um professor só, mas de uma comissão de três professores. Além disso, podemos recorrer aos Conselhos que dirigem cada curso, dos quais os alunos participam.

Passamos, então, a conversar sobre questões disciplinares. Um aluno pode faltar às aulas até 25 dias por ano e, mesmo justificando essas faltas, terá que prestar exames naquelas matérias cujas notas são dadas, normalmente, após simples conversas com os professores. Se faltar mais do que isso, sem motivo de gravidade, ficará um ano afastado da Universidade. Mas isso é muito difícil de ocorrer, segundo os estudantes, porque há uma fiscalização dos professores e da União da Juventude, que discutem o problema com o aluno faltoso antes que o limite de faltas seja atingido.

De chofre, perguntei a uma menina:

— O que você acha da revolução iraniana?

Um rapaz intrometeu-se e começou a responder, mas os outros alertaram que eu não havia feito a pergunta a ele. A moça respondeu:

— É uma revolução democrática e antiimperialista, mas não é socialista.

Eu perguntei por que não era socialista e todos pareceram falar ao mesmo tempo, até que deixaram a estudante responder:

— Não é socialista porque não foi dirigida por um partido marxista-leninista, a única força capaz de levar ao socialismo. Além disso, não foi feita uma transformação real da sociedade, apenas algumas reformas parciais. Tem, também, seu aspecto religioso.

A torneira-mecânica de Girocastra intrometeu-se:

— Mas nós, albaneses, apoiamos a revolução iraniana por sua natureza antiimperialista, como apoiamos a luta de todos os povos por sua liberdade. Agora cabe ao operariado iraniano fazer novas transformações.

Eu perguntei, então, se eles viam algum risco de ocorrer uma terceira guerra mundial. Uma estudante respondeu:

— O que vemos é que as superpotências estão militarizando cada vez mais suas economias, acelera-se a corrida armamentista na União Soviética e nos Estados Unidos. E a agressão é uma característica do imperialismo.

Eu perguntei:

— Qual seria o papel da China nesse eventual conflito?

— O de fiel servo do imperialismo americano — respondeu a estudante.

Passamos a conversar sobre cultura, esportes e outros aspectos da vida na Albânia, como os hábitos e costumes. Perguntei qual era o melhor escritor albanês e houve unanimidade em torno do nome de Ismail Kadaré. Um dos rapazes explicou que gostava de Kadaré por causa do estilo desse escritor que, segundo ele, é mais direto, mais agradável. Uma das estudantes acrescentou que boa parte dos universitários gosta de Kadaré, mas se fosse feita uma pesquisa junto às massas, de um modo geral, o resultado seria mais dividido.

Perguntei depois como eles encaravam o estilo moderno da música dos países capitalistas, que pode ser ouvida facilmente na Albânia através das emissoras de rádio da Itália e outros países vizinhos. A resposta foi que tudo aquilo é autêntico, venha de onde vier, é bem aceito — e aí se inclui a música romântica italiana. Eu perguntei:

— Mas, ao rodar o dial do rádio, surge também o *rock* americano, não é?

Um dos estudantes respondeu, de pronto:

— Não é só rádio que tem dial. A cultura de um modo geral também tem e, tanto num como noutro, rodamos o dial quando não nos agrada.

CAPÍTULO VIII

O REALISMO-SOCIALISTA

Todos os anos, em abril, os albaneses falam muito de dois acontecimentos que estão para vir: os festejos do 1.º de Maio e os "Concertos de Maio", que se sucedem em todo o país nas duas primeiras semanas daquele mês. Em Tirana, os concertos são executados no Palácio da Cultura, um imponente centro cultural que hoje toma o espaço que foi de um antigo mercado turco, no centro da capital. As apresentações são de cantores, conjuntos de dança e de música de fábricas, cooperativas, escolas etc.

Os albaneses se arrependem profundamente de ter destruído o mercado turco, de inegável valor histórico, um erro que reconhecem ter cometido há vinte anos. Mas orgulham-se do Palácio da Cultura de Tirana, um enorme edifício que ocupa um dos lados da Praça Skanderbeg e que abriga uma enorme biblioteca, salões de exposições e salas de teatro e cinema. Durante o ano inteiro há atividades ali, mas é nos "Concertos de Maio" que se tem a impressão de que todo albanês é também artista.

Os concertos são realizados às 18 h e transmitidos ao vivo pela televisão; mesmo assim os oitocentos lugares da principal sala do Palácio são diariamente ocupados. Os arquitetos do edifício, preocupados em aproveitar todos os espaços, fizeram com que, em suas escadarias frontais, existam alguns palcos, uti-

lizados para apresentações ao ar livre. Assim, enquanto os concertos programados para o dia ocorrem no auditório fechado, os do dia anterior são repetidos ao ar livre, com grande público.

Entre uma viagem e outra, em que eu deixava Tirana para visitar outras cidades e regiões, assisti a dois desses concertos. No primeiro, apresentava-se um grupo artístico de operários de uma indústria têxtil e um de alunos de uma escola de música de 2.º grau, ambos amadores. O conjunto dos operários era formado por um regional (acordeão, violão, tambor, violino, flauta e clarinete), um coral feminino de 46 integrantes, alguns solistas de canto popular e corpo de danças. A parte mais aplaudida dessa apresentação foi a de uma operária que cantou uma música, composta por um colega da fábrica, em homenagem à vila de Ksmil, formada por estudantes que resolveram trocar a cidade pelo campo e localizada à beira-mar, próximo a Saranda.

O outro concerto a que assisti foi o último — e o mais esperado — da temporada: o do Conjunto Nacional de Tirana, um magnífico grupo profissional de música e dança. Antes do início da apresentação, minha intérprete alertou:

— É uma apresentação inteiramente nova, com peças nunca antes apresentadas pelo conjunto.

São criações baseadas no folclore das diversas regiões da Albânia, incluindo os trajes e instrumentos típicos. A intérprete chamou minha atenção novamente para dizer que o cantor e bailarino principal — alto, com cabelos e bigodes pretos — tinha 53 anos. Impressionou-me muito o fato de um homem com aquela idade ter tamanha agilidade e presença no palco. Ele e alguns outros membros do Conjunto Nacional são considerados "Artistas do Povo", um título concedido pela Assembléia Popular para os melhores do país, nas artes. O público aplaudia vários números de pé, especialmente um, em que em coros, com vozes sobrepostas, um grupo de mulheres entoa uma música da região de Tepelena e Vlora.

Em Korça, presenciei um concerto de alunos da escola de música e músicos da orquestra sinfônica local. Algumas músicas populares e eruditas de compositores albaneses misturavam-se no programa com trechos da ópera *Carmem*, de Bizet, e peças de Mozart, o ponto alto da apresentação. Meu guia observou que não há na Albânia restrições a compositores estrangeiros, desde que sejam considerados de bom nível artístico.

Os albaneses orgulham-se da obra de Fan Noli, que foi presidente de um curto governo democrático, de junho a dezembro de 1924. Como político, Noli foi um democrata. Como intelectual, traduziu para o albanês vários clássicos da literatura mundial, como *Dom Quixote* de Cervantes, por exemplo, e manteve boas relações com expoentes da cultura em toda a Europa da sua época. É reconhecido internacionalmente por seu trabalho no campo da pesquisa, que contribuiu decisivamente para a elaboração de uma precisa biografia de Beethoven.

Em todas as fábricas, escolas, cooperativas e fazendas estatais da Albânia a atividade artística divide com a esportiva o tempo de lazer dos albaneses. Não há uma vila sequer, por menor que seja, que não tenha um grupo de danças, coral e conjunto musical. Essas atividades são desenvolvidas principalmente nos centros de cultura, que existem por todo canto. Através desses centros, o Estado mantém o espaço físico para ensaios e apresentações dos grupos, nas cidades e no campo. No mais das vezes, são edifícios modestos, mas com condições para incentivar a atividade cultural — neles há desde aparelhos de televisão até projetores de cinema.

Esses grupos amadores apresentam-se em outras vilas e cidades e, anualmente, realizam-se no país os mais variados tipos de festivais. Nos festivais de música estudantil não participam os alunos de escolas artísticas, o que possibilita aos alunos de cursos técnicos terem boas chances. Os principais colocados nos festivais universitários são, normalmente, dos cursos de engenharia.

O mais respeitado e esperado desses encontros é o Festival de Folclore de Girocastra, que se realiza de cinco em cinco anos. Durante uma semana, grupos de música e dança populares de todo o país apresentam-se no pátio interno de um enorme castelo medieval, no topo de um morro, que abriga também o Museu Nacional das Armas. A cidade de Girocastra foi fundada no século XII, encravada nos morros, e tem entre suas honras o fato de ali ter nascido Enver Hoxha, numa casa onde funciona um dos museus da cidade.

Girocastra é, seguramente, a mais bela cidade da Albânia. Sua arquitetura tem uma característica muito própria: os telhados são de pedra e as casas são, normalmente, encostadas umas às outras, acompanhando o relevo montanhoso. Os telhados em pedra, cuja explicação está na grande quantidade de rocha metamórfica (lamelar) que existe na região, dão uma coloração

cinza à cidade. O escritor Ismail Kadaré definiu a disposição das casas de Girocastra, afirmando que ali, ao invés de cair na sarjeta, os bêbados caem sobre o telhado dos vizinhos.

A parte mais antiga de Girocastra é considerada cidade-museu, como ocorre com Berat, Shkodra e tantas outras cidades da Albânia. Uma das características da política de preservação do patrimônio histórico é a de que os albaneses investem somas consideráveis nesse trabalho. Outra, é a de que não se faz a simples preservação de ruínas: fortalezas, castelos, casas e igrejas são inteiramente reconstruídos com o mesmo material utilizado na época em que foram erguidos.

A cerca de 40 quilômetros de Saranda, está a cidade de Butrint, construída há cerca de 3 mil anos pelos Ilírios, dos quais descendem os albaneses. A cidade, que esteve durante muito tempo sob a dominação do Império Romano, passou séculos soterrada. Aos poucos, suas ruínas estão sendo desenterradas e os prédios reconstruídos. O mesmo ocorre com a fortaleza de Kruja, um marco da luta dos albaneses contra a dominação estrangeira.

Kruja era a capital da Albânia ocupada pelos turcos. Em 1443, o príncipe albanês Jorge Kastriote, que havia sido criado pelo sultão Mehmet I, fugiu da Turquia, tomou a fortaleza de Kruja, mandou arriar a bandeira turca e hasteou a da sua família: vermelha, com uma águia de duas cabeças ao centro, como símbolo da unidade — agora é essa a bandeira da Albânia. Kastriote, mais conhecido como Skanderbeg, iniciou ali uma resistência de 25 anos ao domínio turco. A fortaleza foi inteiramente restaurada nos últimos anos.

Por todo canto, vê-se o carinho com que os albaneses tratam seu patrimônio histórico, embora eles mesmos falem com amargura do caso do mercado turco que hoje dá lugar ao Palácio da Cultura de Tirana. Por todos os lugares, ouvem-se explicações do tipo: "um povo tem que conhecer seu passado para dar valor ao seu presente e saber o que quer de seu futuro". Essa mesma preocupação existe em todos os campos, das manifestações artísticas aos meios de comunicação de massa. Aplica-se o princípio de que todo tipo de manifestação deve estar estreitamente ligado à realidade do país e à tarefa de construção do socialismo. Trata-se, pois, do realismo socialista.

— Por isso — disse-me o diretor do jornal *Bashkimi,* Hamit Boriçi —, dizemos que a principal característica da nossa imprensa é a parcialidade e o seu principal compromisso é com

a verdade. Ou seja, temos uma atitude irreconciliável com relação aos inimigos do operariado e do nosso povo.

O principal jornal da Albânia é o *Zëri i Popullit*, porta-voz oficial do PTA, com uma tiragem de 300 mil exemplares diários. Em segundo lugar, vem o *Bashkimi*, também diário, com uma tiragem de 60 mil — é o porta-voz da Frente Democrática.

— O *Bashkimi* — informou um de seus redatores — também segue a linha do partido, mas seu conteúdo é mais amplo, como é a Frente Democrática.

Todas as organizações de massa têm seus órgãos de imprensa, cuja periodicidade varia de um para outro e há jornais regionais editados pelo partido ou pelas administrações. Do ponto de vista das artes gráficas e visuais, os jornais e revistas albaneses são bastante conservadores, de um modo geral, embora tecnicamente bem-equipados.

Com certa dose de provocação, eu perguntei a Hamit Boriçi, o diretor do *Bashkimi*, o que ele faria se lhe chegasse às mãos uma notícia informando que uma nave russa, tripulada, havia chegado a Marte. Com naturalidade, este senhor de seus 50 anos, respondeu:

— Teria o destaque que merecesse, na coluna científica.

Os jornais são distribuídos normalmente por terra, mas em casos de edições especiais também são usados helicópteros. A mais isolada das vilas montanhosas recebe o *Zëri i Popullit*, no mais tardar, até às 10 h da manhã. Os leitores são, na sua grande maioria, assinantes, mas há pontos de venda dos jornais e revistas em todo o país. Órgãos da imprensa estrangeira, especialmente da italiana, são encontrados com certa freqüência nos hotéis e nas bibliotecas. Não são, porém, vendidos normalmente.

De um modo geral, os jornais tratam das resoluções do partido e do governo, dos acontecimentos internacionais e do cotidiano da vida dos albaneses. Os feitos na agricultura, na indústria, nos esportes, na cultura etc., têm espaço garantido. Os dramas pessoais e familiares (brigas etc.) não têm a menor chance de ganhar as páginas da imprensa, porque isso seria, no entender dos albaneses, entrar na privacidade das pessoas e expô-las ao ridículo. Cumprir uma meta, nas fábricas ou cooperativas, antes do prazo previsto é assunto a ser divulgado. Os feitos individuais também.

Certo dia, durante a primeira fase de construção da hidrelétrica de Konan, o rio Drim encheu e invadiu repentinamente

um túnel em construção. O alarme foi dado e, durante a noite, os operários e engenheiros conseguiram salvar todas as máquinas e equipamentos, e evitar mortes. No dia seguinte, o *Zëri i Popullit* publicava um artigo do seu correspondente em Shkodra, Rifat Dasti, entitulado "Uma Noite Inesquecível", narrando com detalhes o episódio. Artigos dessa natureza alcançam grande sucesso na Albânia.

Os jornais são editados por conselhos de jornalistas e têm correspondentes profissionais em todas as regiões. Boa parte do seu material nacional, porém, é produzida por operários, camponeses etc., que se transformam em correspondentes voluntários e dão notícias das suas fábricas, vilas e cidades. Na televisão, há programas de debates em que pessoas do povo são convidadas ou se oferecem para discutir questões de toda ordem. Mesmo os comentários sobre os fatos políticos e econômicos do dia não ficam exclusivamente com os comentaristas profissionais: estudantes, operários, camponeses e profissionais de outras categorias encontram espaço para opinar.

O sistema albanês de rádio e tevê é muito bem-equipado e menos conservador do que os jornais e revistas, do ponto de vista da técnica de produção. A Rádio Tirana produz programas em mais de vinte línguas e os remete para o mundo inteiro através de potentes transmissores. Meses antes da minha chegada à Albânia, havia-se dado uma polêmica no governo da Iugoslávia sobre a compra e instalação de um potente transmissor de ondas curtas. Numa primeira rodada, a posição favorável perdeu, mas conseguiu reverter a situação quando passou a usar o argumento de que, se a Albânia tinha, a Iugoslávia precisava ter.

Há uma única emissora de tevê na Albânia que produz e transmite programas em cores. A não ser para transmissão de jogos de futebol ou de eventos especiais, a programação da televisão vai das 18 às 22 h. Nesse período, são transmitidos três noticiários, com informações e comentários sobre os fatos nacionais e internacionais. A programação é dividida principalmente entre programas jornalísticos, incluindo debates e documentários e filmes, na grande maioria de produção própria. Os filmes tomam, normalmente, os horários nobres. Como na maioria dos países europeus, os filmes estrangeiros são transmitidos com legendas. Só há restrições à compra de programas e filmes dos Estados Unidos, União Soviética e Israel.

A televisão albanesa acompanha os principais festivais

internacionais de cinema, enviando emissários para saber o que se passa em outros países e para comprar filmes. O filme brasileiro que fez maior sucesso na tevê albanesa, até a minha visita, havia sido *O Cangaceiro* de Lima Barreto. Por causa do filme, muitas pessoas com as quais conversei sabiam de cor o refrão "olê, muié rendeira/ olê, muié rendá...". Como outros, esse filme foi comprado de distribuidores europeus.

A maior parte dos filmes exibidos pela tevê albanesa é de produção própria, desvinculada do circuito cinematográfico, que tem seu próprio esquema de realização. De um modo geral, os filmes produzidos para a televisão são de bom nível técnico e artístico. Assisti a vários, mas em apenas um caso contei com a tradução dos diálogos. O filme tratava dos dramas pessoais de um jovem que oscilava entre sua vontade de trabalhar nas minas, para o que contava com o apoio do pai, e as pressões de sua mãe para que fizesse um curso universitário.

Segundo Ylli Pepo, vice-diretor da televisão albanesa, os programas de maior audiência são os que tratam da luta de libertação, da história do Partido e aqueles que, de alguma forma, têm a participação de Enver Hoxha. Todos os temas tratados seguem as diretrizes do Partido, nos programas de caráter histórico ou nos documentários. Num documentário sobre as obras de construção da hidrelétrica de Konan, por exemplo, o ruído das máquinas é comparado com o de um sino existente num templo ilírio, cujas ruínas eram mostradas. "Só que aqueles sinos ilírios não levavam a nada", completa o locutor.

As emissoras de rádio, que existem em Tirana e algumas cidades do interior, como Girocastra e Shkodra, dedicam a maior parte do seu tempo à música albanesa. Mas há, também, noticiários e programas de cunho histórico, como na tevê. A música estrangeira tem seu espaço, em programas especiais e regulares, divididos em dois tipos: aqueles que tocam música moderna, sempre instrumental ou orquestrada, e os de músicas revolucionárias de todo o mundo.

O magnetismo da televisão nunca tirou dos albaneses o gosto pelo teatro — em todas as cidades mais importantes há companhias profissionais de teatro, mantidas pelo Estado. Em Tirana, há uma escola superior de teatro, que forma diretores, roteiristas e atores. O teatro é muito difundido em todo o país, através de grupos amadores nas escolas, fábricas, cooperativas e fazendas estatais. Nas cidades há, normalmente, pelo menos

duas salas para teatro, uma para as peças dramáticas, outra para o teatro de revista, no estilo albanês.

O teatro de revista albanês é montado no esquema convencional do gênero, com muito humor, música, danças, mas obviamente sem a exploração dos motivos eróticos. Nesse ramo, os artistas de Shkodra são considerados os melhores, embora em 1981 tenham sido desbancados pelo humor de Fier, da região sul do país. Todo fim de ano há, na televisão, uma espécie de festival do humor, tradicionalmente vencido pelos humoristas de Shkodra. Naquele ano, porém, venceu um ex-operário de Fier. Ele apresentou uma fábula conhecida, que narrou três vezes, nos estilos de três dos principais nomes da literatura albanesa: o poeta Ditrëro Agolli e os escritores Ismail Kadaré e Shefqet Musaraty. A sátira fez grande sucesso.

Meses depois, diziam-me em Shkodra que a razão da derrota do seu humor — que no festival seguinte seguramente retomaria seu lugar — havia-se dado não pelo humor em si, mas pelo tema que o humorista havia escolhido: a literatura. Embora carregando uma certa dose do humor da região, a tese pareceu-me ter sua base de verdade, se levada em conta a penetração que a literatura tem nas massas populares da Albânia.

A Editora Naim Frasheri, que centraliza a publicação de todas as obras de ficção da Albânia, publica de 180 a 200 títulos por ano, 80% dos quais de autores albaneses. Normalmente, os romances são os mais vendidos. Nesse gênero, a tiragem da primeira edição vai de 8 a 30 mil exemplares. A tiragem das obras poéticas vai de mil a 10 mil exemplares, por ser considerado um gênero de menor aceitação, embora haja casos de grandes vendagens. O livro de Ditrëro Agolli, em que foi editado seu poema mais conhecido (*A Minha Albânia*), teve uma tiragem de 108 mil exemplares.

Antes de viajar a Albânia, eu tive a preocupação de procurar saber alguma coisa sobre a literatura daquele país. Um amigo emprestou-me o romance *Os Tambores da Chuva,* de Ismail Kadaré, publicado em português pela Editora Maria da Fonte, de Lisboa. Gostei muito do romance e, além disso, fiquei sabendo que Kadaré é bastante conhecido na Europa inteira. Ao discutir meu programa com os funcionários do Comitê da Amizade, eu disse que a literatura estava entre os aspectos que eu pretendia conhecer mais profundamente. Su-

geri que isto poderia ser feito através de uma conversa com Kadaré, o único escritor de quem eu já havia lido alguma coisa, o que viria facilitar meu trabalho.

No outro dia, meu guia informou-me que, atendendo ao meu pedido, eu teria uma conversa com o escritor e crítico literário Dalan Shapplo, secretário da União dos Artistas, entidade que congrega os escritores. Com essas credenciais e com a de editor da revista literária *Nentori,* Shapplo demonstrou ter farto conhecimento do assunto. Tivemos uma conversa inicial de duas horas e tornamos a nos encontrar várias vezes depois para conversas informais. Ele próprio encarregou-se de me procurar, certo dia, para a apresentação a Ismail Kadaré, que com ele iria ao Hotel Dajti para almoçarem com um grupo de escritores turcos que visitava o país.

Descobri logo que *Os Tambores da Chuva* não é considerada a melhor obra de Kadaré, nem na Albânia, nem fora dela. *O General do Exército Enterrado,* que é tido como o melhor de seus romances, já foi editado em 32 países, em vinte línguas diferentes. À altura da minha visita essa sua obra estava na 5.ª edição na França e o ator francês Michel Piccoli, como produtor, iniciava as filmagens de uma película baseada no romance. O filme, que tem o mesmo título do romance, tem como atores principais o próprio Piccoli e o italiano Marcello Mastroianni. Numa entrevista a uma revista albanesa, Piccoli afirmou:

— Esse livro de Kadaré inspirou muita gente e já foram feitas várias tentativas de filmá-lo. Há oito ou dez anos que eu e Mastroianni lemos a obra e ficamos fascinados com a universalidade da história de que trata.

O Grande Inverno, outro romance do autor, estava, à época, em sua 3.ª edição na França. Seguramente, esse foi, pelo menos até então, o romance mais polêmico de Kadaré. O livro, em sua 1.ª edição, narrava cenas de degeneração sexual durante a ocupação fascista da Albânia, que geraram intensa discussão. Eu sabia dos problemas havidos, de modo superficial, e coloquei a questão para Dalan Shapplo, na primeira conversa que tive com ele, que teve o caráter de uma entrevista formal. Esse trecho da conversa foi assim:

— Há alguns anos, houve problemas com o romance *O Grande Inverno,* não?

— Que tipo de problemas?

— Até onde eu sei, a primeira versão do romance continha algumas partes que causaram muita polêmica e até foram modificadas pelo autor...

— Ah, sim. Eu fiz uma crítica desse livro e conheço bem o caso. A primeira versão, publicada antes de 1977, provocou discussões a nível de massa. As pessoas escreveram artigos, alguns contra, outros a favor. Há dois aspectos importantes na questão. Primeiro, que a maior parte desses artigos foi escrita por gente comum, trabalhadores. Segundo, que Kadaré é um dos nossos melhores escritores. Não digo o melhor porque isso envolve uma avaliação subjetiva, mas um dos melhores. Mesmo assim, as pessoas têm o direito de criticá-lo.

— Quais as críticas que se faziam? Houve problemas políticos?

— Em termos gerais, estava tudo bem com o livro. A situação política da época, no que se refere ao revisionismo de Kruchev, estava bem colocada. Mas houve problemas em relação à participação das massas nesses episódios. Apenas aspectos da vida íntima, que não foram bem colocados.

— Como o problema foi resolvido?

— Depois de toda a discussão, a União dos Artistas, da qual Kadaré é membro, sugeriu a ele que fizesse algumas mudanças na obra, a partir de uma argumentação crítica. O mais importante, porém, é que o próprio autor havia chegado à conclusão de que deveria fazer algumas alterações na primeira versão. O resultado é que, tanto do ponto de vista ideológico como político, a segunda versão é muito melhor.

— A primeira versão chegou a ser distribuída amplamente?

— Claro. E muita gente, até hoje, tem as duas.

Normalmente, na Albânia, esse tipo de problema é resolvido antes mesmo da obra ser editada. Qualquer livro que chegar à Editora Naim Frasheri, seja de autor renomado ou novato, é lido por dois ou três autores, que funcionam como consultores e dão seus pareceres por escrito. Os originais e os pareceres vão, então, bater nas mãos de uma pessoa que é classificada como redator, cuja função é, com base no parecer dos consultores e na sua própria avaliação, encaminhar o livro para publicação, sugerir alterações de toda ordem ao autor, ou rejeitá-lo.

— O redator — explicou o diretor geral da Editora Naim Frasheri, Thanos Leci — não tem nenhum direito de mexer na obra, o que seria um delito previsto em lei. Esse é um direito exclusivo do autor.

A Editora Naim Frasheri era, antigamente, responsável por todas a sobras publicadas na Albânia, de livros técnicos a obras de ficção. Há dez anos porém, foi criada a 8 Nentori, que se encarrega da edição das obras do partido, didáticas, técnicas, etc. A primeira é dividida em sete redações, cada uma delas responsável por um gênero, de literatura infantil a poesia. Funcionam como se fossem pequenas editoras dentro de uma maior, com corpo próprio de revisores, datilógrafos etc. Os datilógrafos têm a função de passar a limpo as obras, uma tarefa importante, pois a maioria dos escritores albaneses escreve a mão. Mesmo alguns de grande renome.

Quase que diariamente eu me deparava com um senhor de idade já bastante avançada, que se sentava a uma mesa — sempre a mesma — em um canto do bar do Hotel Dajti. Intrigava-me o fato dele manter-se sempre a escrever num caderno de capa preta, volta e meia regando sua solidão com uma chícara de café expresso. Porém, fiquei surpreso, quando ao ser apresentado a ele por Dalan Shapplo, fiquei sabendo que se tratava do decano dos escritores albaneses, Shefqet Musaray.

Também o poeta Luan Qafzezi é, com certa freqüência, visto no Hotel Dajti, escrevendo ou conversando. A única explicação que obtive para a predileção de alguns artistas pelo hotel foi a de que ali encontram um ambiente tranqüilo, sem ser monótono. Não tem a frieza das bibliotecas e sempre há um garçom por perto para servir um café ou *raki* e alguém para eventual conversa. Não que a excentricidade não seja permitida ao artista albanês.

O escritor Petro Marku, por exemplo, jamais teria sido visto sem um cigarro aceso à mão — o que gera até apostas quando chega em rodas de amigos, do tipo "hoje ele está sem cigarro". Conta-se que ele escreve somente em casa, à máquina, e joga cada página concluída por cima dos ombros. Sua mulher, uma artista plástica de renome no país, encarrega-se de coletá-las e guardá-las. Essa excentricidade não deve chegar, porém, ac texto.

— A criatividade de satisfazer as amplas massas trabalhadoras e ter um conteúdo saudável, que ajude na educação e que tenha bom nível artístico — afirmou Thanos Leci, ao definir os critérios que a Editora Naim Frasheri utiliza para a publicação das obras literárias

No final da década de 60, iniciou-se um movimento vanguardista na poesia albanesa, logo debelado por uma artilharia de críticas. Falando sobre o caso, Dalan Shapplo afirmou:

— Nossa arte é baseada na política do nosso partido, ou seja, no marxismo-leninismo. Nós sempre lutamos contra o conservadorismo e o liberalismo ao mesmo tempo. No caso específico, o problema ganhou expressão no tratamento dado à realidade. As situações refletidas não condiziam com a realidade, havia sombras, pontos obscuros. Nossa luta é em favor de uma visão dialética da vida. Criticamos aquelas obras excessivamente enigmáticas, metafóricas, que criam uma imagem demasiadamente pesada da vida. Não é correto transmitir, através das artes, qualquer coisa que nos venha à cabeça. Escrever apenas pelo prazer de escrever é um erro.

A mesma concepção da obra de arte é aplicada à tradução de livros estrangeiros. É claro que as principais obras da literatura mundial, de todos os tempos, já foram publicadas em albanês. Pode-se afirmar com segurança que a Editora Naim Frasheri jamais perderia tempo, por exemplo, traduzindo e publicando romances como *Lolita,* de Vladimir Nabokov. Outros autores contemporâneos, especialmente os europeus, são traduzidos. O colombiano Gabriel Garcia Marquez é bastante conhecido na Albânia, pelo sucesso que fez o *Cem Anos de Solidão.* Do Brasil, os livros traduzidos resumem-se a algumas obras de Maria Alice Barroso, o *Seara Vermelha,* de Jorge Amado, e — o que me causou surpresa — o *A Raposa e As Uvas,* de Guilherme Figueiredo, irmão do general João Batista Figueiredo.

Talvez o que mais impressiona positivamente o visitante na literatura albanesa é a facilidade com que se pode produzir e publicar um livro. Há diferenças fundamentais em relação aos países capitalistas. Direitos autorais, por exemplo, só são pagos sobre a 1.ª edição da obra e, ainda assim, numa percentagem pequena, que varia de acordo com o gênero da obra e o trabalho que envolveu seu processo de elaboração. Além disso, toma-se o cuidado para que os direitos autorais, somados ao salário do autor no seu emprego, não ultrapassem o limite da diferença entre o menor e o maior salário do país, que é de um para dois.

Muitos escritores preferem produzir nas horas de lazer e, quando concluem a obra, levam-na à Editora. Outros reduzem sua jornada de trabalho para quatro horas diárias, mantendo o salário integral, durante o período em que estão escre-

vendo. Para isso, basta uma autorização da União dos Artistas. Por fim, há o que os albaneses chamam de "licença de criatividade", que significa ficar ausente do seu trabalho durante o período que achar necessário para produzir sua obra. Durante esse período de licença, o autor recebe da União dos Artistas um salário 50% maior do que ganha no seu emprego.

A justificativa para o "adicional de criatividade" é a de que, durante o período de produção de uma obra, o artista tem gastos que normalmente não teria. Esses gastos podem ser em viagens, despesas com papel ou mesmo no aumento do consumo de café ou, para os que gostam, de aguardente. Para obter a licença, o autor apresenta à União dos Artistas um projeto genérico, fazendo apenas uma sinopse da sua idéia. Eu perguntei ao diretor geral da Editora, Thanos Leci:

— E se o sujeito passar um ano e não conseguir escrever o livro?

— Não acontece nada. Se o autor não conseguir realizar o projeto a que se dispôs, ele volta ao seu trabalho e tudo bem. Nem todo mundo pode ter o mesmo nível de criatividade. Criar é uma coisa muito difícil — respondeu ele.

É muito citada na Albânia a frase de Ramiz Alia, secretário do Comitê Central e membro do Politburo do Partido do Trabalho da Albânia, que diz: "Queremos criar para os nossos autores condições capazes de fazer inveja aos escritores de outros países". Para ser membro da União dos Artistas a pessoa precisa ter publicado alguma obra, mesmo que em jornais ou revistas, participado de alguma exposição de artes plásticas ou ter alguma peça já encenada. Esses pré-requisitos o credenciam para obter as "licenças de criatividade".

A União dos Artistas é dirigida por um conselho de dezessete membros, eleitos nos seus congressos. São realizadas pelo menos duas conferências anuais, para discutir questões práticas ou temas teóricos. No início de 1982 foi realizada uma dessas conferências para fazer um balanço do romance albanês na última década. Como resultado, chegou-se à conclusão de que os escritores, de um modo geral, estão ainda muito ligados à luta de libertação e à denúncia da situação em que vivia o país antes da revolução. A partir da avaliação, a União sugeriu aos autores que buscassem retratar o homem de hoje, inclusive traçando o caráter psicológico das pessoas.

Em comemoração ao 100.º aniversário da morte de Goethe, foi realizado um seminário sobre o autor alemão. Da ava-

liação de toda sua obra e das discussões havidas, surgiu uma posição oficial dos escritores albaneses sobre Goethe: foi, sem dúvida, um grande autor e, ao mesmo tempo, um democrata. Balzac, Flaubert e Victor Hugo merecem igual respeito dos albaneses.

Em todas as cidades e vilas da Albânia há livrarias e bibliotecas — mesmo que, como ocorre em vilas minúsculas, as duas atividades sejam exercidas pelas casas da cultura. Na pequena vila de Vrisera, próximo à fronteira com a Grécia, conversei com a balconista de uma livraria. Fiquei curioso para saber que tipo de livros os camponeses daquela localidade compravam e fiquei surpreso ao ver o mapa de vendas. Nos últimos quinze dias, o livro mais vendido (vinte exemplares) tinha sido o primeiro volume das obras completas de Shakespeare, recém-lançado.

Os mesmos incentivos dados à literatura também existem nos campos das artes plásticas e do cinema. Nos museus de artes, salas de exposições e nas esculturas expostas em logradouros públicos percebe-se que as artes plásticas, pelo menos em sua maior parte, padecem do mesmo mal da literatura: os artistas ainda nos dias atuais preocupam-se demasiadamente em retratar a luta de libertação. Há, contudo, obras de rara beleza como *Danças Albanesas,* pintadas a óleo pelo veterano Abdurrahim Buza.

Como na literatura, a produção cinematográfica é centralizada. O Estúdio Cinematográfico encarrega-se de toda a produção de filmes artísticos, desenhos animados e documentários — exceto os da televisão e de uso interno da Universidade, que têm sistemas próprios de produção. Se o livro mais caro, na Albânia, custa pouco mais do que uma garrafa de aguardente (os didáticos têm preços simbólicos), uma entrada de cinema sai por pouco mais que uma dose do mesmo *raki.* Além disso, todas as casas de cultura têm projetores e não cobram ingressos.

Para um país pequeno, que não tem pornochanchadas ou *kung-fus* para engrossar o volume de fotogramas rodado, a produção cinematográfica albanesa é bastante expressiva. Em 1981, foram produzidos quatorze filmes artísticos de longa-metragem em 35 mm. O próprio Estúdio tem um setor de distribuição, que administra as salas de projeção e cuida da compra de filmes estrangeiros, através de distribuidores europeus.

Os diretores e as equipes técnicas recebem salários fixos do Estúdio, enquanto os roteiristas e atores atuam durante a

rodagem de cada filme. Os atores podem ser profissionais, que trabalham nas companhias de teatro, amadores dos grupos de fábricas, escolas etc., ou gente do lugar escolhida pelos diretores para um papel importante ou simples pontas. No caso dos roteiristas, boa parte deles é de escritores e teatrólogos, embora o Estúdio mantenha quadros para esse fim.

O esquema de produção é bastante simples. Os roteiros são apresentados, como propostas, a um Conselho Artístico, que decide se será ou não aproveitado. O Conselho é formado por críticos, escritores, diretores de cinema, operários, camponeses e estudantes; ele analisa o roteiro e pode apresentar sugestões de alterações ao autor. Depois, os roteiros são distribuídos para os diretores, que escolhem o filme mais ao seu gosto.

Quando a prova final — o *copião* — está pronta, o filme é visto por um colegiado, com a mesma composição daquele que analisou o roteiro, que dá sua opinião sobre a obra. Esse conselho tem o direito de sugerir o que bem entender, até mesmo a refilmagem de cenas. No entanto, a montagem final é atribuição exclusiva do diretor, que aceita ou não as sugestões feitas.

Eu vi apenas um filme contando com tradução. Era o *Papoulas Sobre o Muro* (*Lulekuqet Mbi Mure*), uma produção em preto e branco de 1976, dirigida por Dh. Anagosti, um dos principais diretores albaneses. O filme narra a história das crianças de um orfanato durante a ocupação italiana e a sua participação na guerra de libertação. Uma beleza de filme.

CAPÍTULO IX

NEM O MARIDO, NEM A VACA

O filme *Reconstrução,* do cineasta grego George Angelopoulus, reconstitui um crime ocorrido numa pequena cidade do seu país. O marido é forçado a ir buscar trabalho na Alemanha e, numa visita à sua cidade, é assassinado pela mulher e seu amante. Através de um caso banal, o cineasta retrata o drama de uma cidade que ao longo dos anos diminui de população, ficando apenas com as mulheres, crianças e velhos — os homens emigram para outros países como forma de solucionar o problema do desemprego.

Outro cineasta grego, Michel Cocayanis, mostra a vida dos monges ortodoxos e a influência dos preconceitos religiosos no interior da Grécia. No seu filme *Zorba, o Grego,* baseado no romance de Nikos Kazantzakis, Cocayanis mostra a execução pública de uma mulher que se arriscou fugir às normas de comportamento locais e manter relações com um jovem empresário, que ali investia seu dinheiro nas idéias do visionário Zorba.

Em maior ou menor escala, os dois filmes de cineastas gregos refletem a situação da mulher daquele país até os dias de hoje. Tratam de dois problemas que as mulheres albanesas, do outro lado da fronteira, guardam na memória apenas, sem saudades: o da emigração de seus maridos e o de uma extrema submissão ao homem, fomentada pelos preconceitos religiosos. A mulher da Albânia saiu de uma situação em que só era pos-

sível ver seus olhos, e o trabalho extralar era algo inadmissível. Já chegou a uma situação em que ocupa cargos de direção em fábricas, cooperativas, no partido e em altos postos do governo.

A presidente da Organização das Mulheres na área da Cooperativa Superior de Dropull i Siperm, Eleni Kadena, definiu assim a situação da mulher em seu país e sua região:

— A mulher dessa região era das mais sofridas. A começar pelo fato de que não tinha marido — todos iam trabalhar no exterior. Não havia água e o pão era feito em casa. Para comprar sal tinha que andar quilômetros. A mulher era duas vezes escravizada: uma por parte da ordem econômica, dos hábitos e dos costumes; outra, por parte da religião. Muitos daqueles homens que saíram do país para trabalhar voltam agora e vêem seus filhos casados, as filhas trabalhando. Eles ficam espantados e confusos, não conseguem compreender a mudança. Agora, até o pão compramos na padaria, as mulheres não aceitam mais fazer pão em casa. A mulher daqui é emancipada, é respeitada.

Drita Siliqi, editora da revista *Shqiperia e Re* (Nova Albanesa), com quem também conversei sobre a questão da mulher, colocou opinião semelhante, embora de modo mais elaborado:

— Antes da liberação, a mulher albanesa não tinha nenhum direito, nem político nem social, em nenhum campo. Era três vezes escravizada: pelo fascismo que ocupava nosso país, pela burguesia e por seus costumes. Desde logo, o partido colocou a questão da mulher como parte da luta de libertação nacional, da qual ela participou ativamente. No Congresso de 1944, poucos dias antes da libertação, declarou-se que a mulher havia conquistado seus direitos com sangue. Em outubro daquele ano, o governo provisório constituído em Berat decretou que as mulheres teriam os mesmos direitos que os homens. Mas uma coisa é colocar isso na Constituição, outra é levá-la a cabo na prática.

Até a década de 60, especialmente na parte norte do país, era comum as moças casarem-se por acerto feito entre os pais. Elas só conheciam o noivo no dia do casamento. Junto com o enxoval que levava para o seu novo lar, seu pai colocava uma bala de revólver. O estranho presente simbolizava que o pai do noivo estava autorizado a matar a moça caso algo de "errado" houvesse — ou seja, caso ela já tivesse perdido a virgindade.

Antes da liberação, as mulheres usavam vestidos longos e lenços que cobriam a cabeça, inclusive a testa, as faces, as orelhas, a boca e o nariz. Rigorosamente, ficava apenas o orifício para dar campo de visão aos olhos e as mãos do lado de fora — o resto era coberto. O estilo da vestimenta variava de acordo com a região e com a religião que a mulher seguia. Desse rigoroso paramento, restam nos dias atuais apenas dois vestígios. Algumas velhas ainda usam o lenço sobre a cabeça sem, no entanto, ousarem cobrir o rosto. E, num pequeno museu de Girocastra, há um manequim vestido como a albanesa de antigamente, segundo as regras da religião ortodoxa.

Logo depois da revolução, o PTA, que à época chamava-se Partido Comunista da Albânia, resolveu iniciar o processo de integração da mulher na economia a partir dos seus próprios militantes. Foi difundida uma resolução de que os militantes do sexo masculino tentariam convencer suas mulheres a trabalharem fora de casa.

— Meu pai chegou um dia lá em casa e, na hora do jantar, disse que achava que minha mãe deveria arranjar um emprego — contou-me um operário nascido e criado em Tirana. De pronto, minha mãe disse que isso era um absurdo, que o que ela sabia fazer era cuidar da casa e assim por diante. Eu sei que começou uma discussão que levou várias semanas, até que minha mãe se convenceu e aceitou um emprego numa indústria gráfica. Hoje, minha mulher jamais cogitaria de ficar em casa cuidando da limpeza, da comida e das crianças.

É certo que deu para perceber, através de conversas e da própria prática das pessoas, que em muitos casos ainda persistem problemas com relação à divisão do trabalho doméstico, com desvantagem para a mulher. Numa cooperativa que visitei, por exemplo, um economista casado com uma camponesa havia preparado uma pequena recepção para os forasteiros. Chegamos à sua casa numa comitiva de oito pessoas, incluindo o presidente da cooperativa, e sentamo-nos ao redor de uma mesa em companhia do anfitrião. A título de acompanhamento para o *raki* e o vinho, a mulher serviu farta comida, sem sentar-se conosco.

Numa fazenda estatal, perguntei a um operário se ele ajudava nos afazeres domésticos e ele me respondeu que sim. Eu perguntei, então, qual era a parte que cabia a ele. Os afazeres da cozinha ficavam com a mulher — ele levava o menino de três anos para a escola e fazia as compras. Numa cooperativa,

fiz a mesma pergunta numa roda em que havia um médico, que respondeu sorrindo:

— Isso depende do talento do homem. Eu, por exemplo, não sei preparar comida. Que posso fazer?

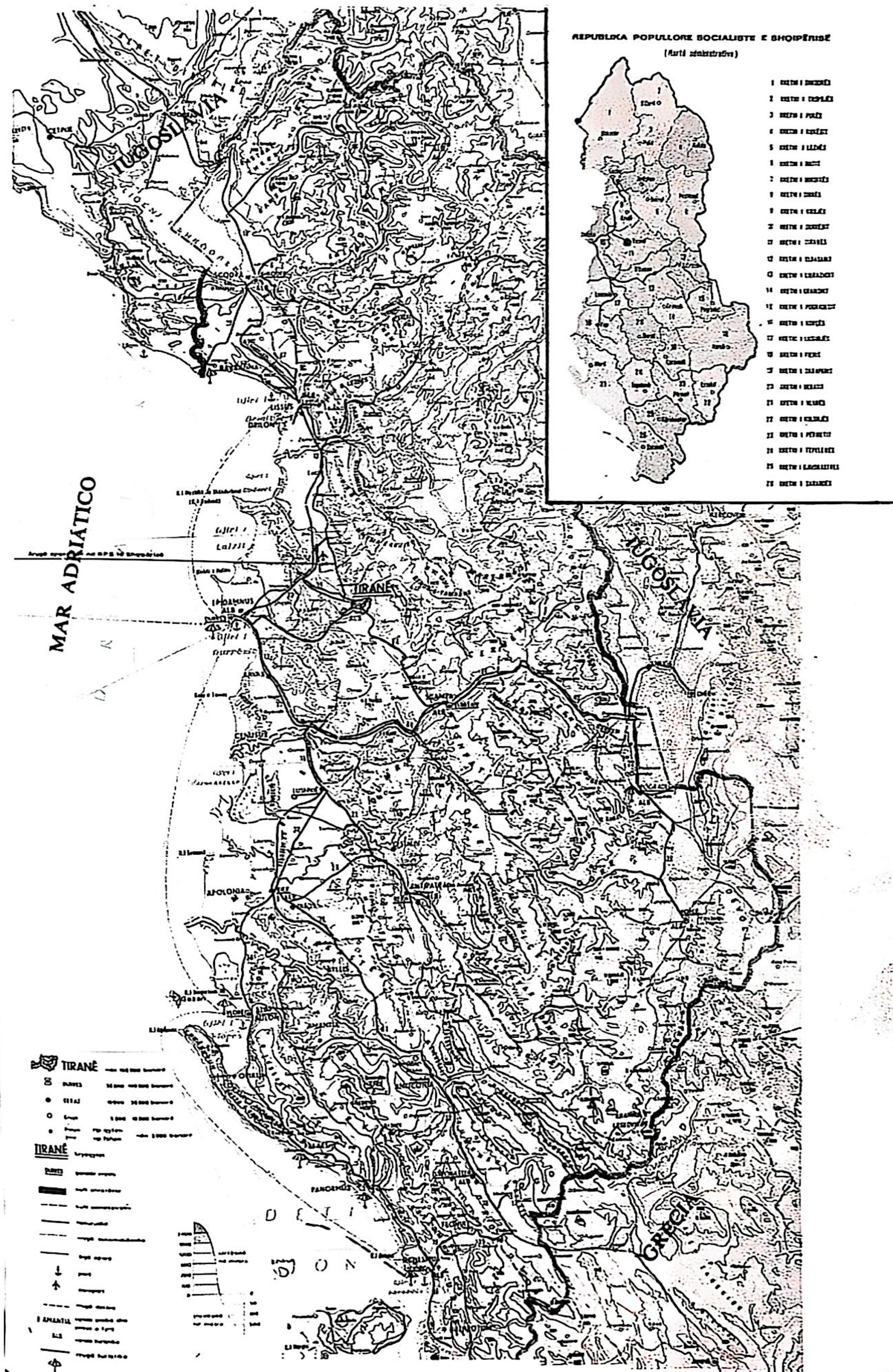
Em 1938, apenas 4% dos trabalhadores albaneses eram mulheres, a grande maioria empregada em trabalhos domésticos — apenas uma pequena parcela era aproveitada pela indústria do tabaco. A primeira tarefa cumprida após a revolução foi a do engajamento econômico da mulher, o que foi dificultado pelos preconceitos religiosos.

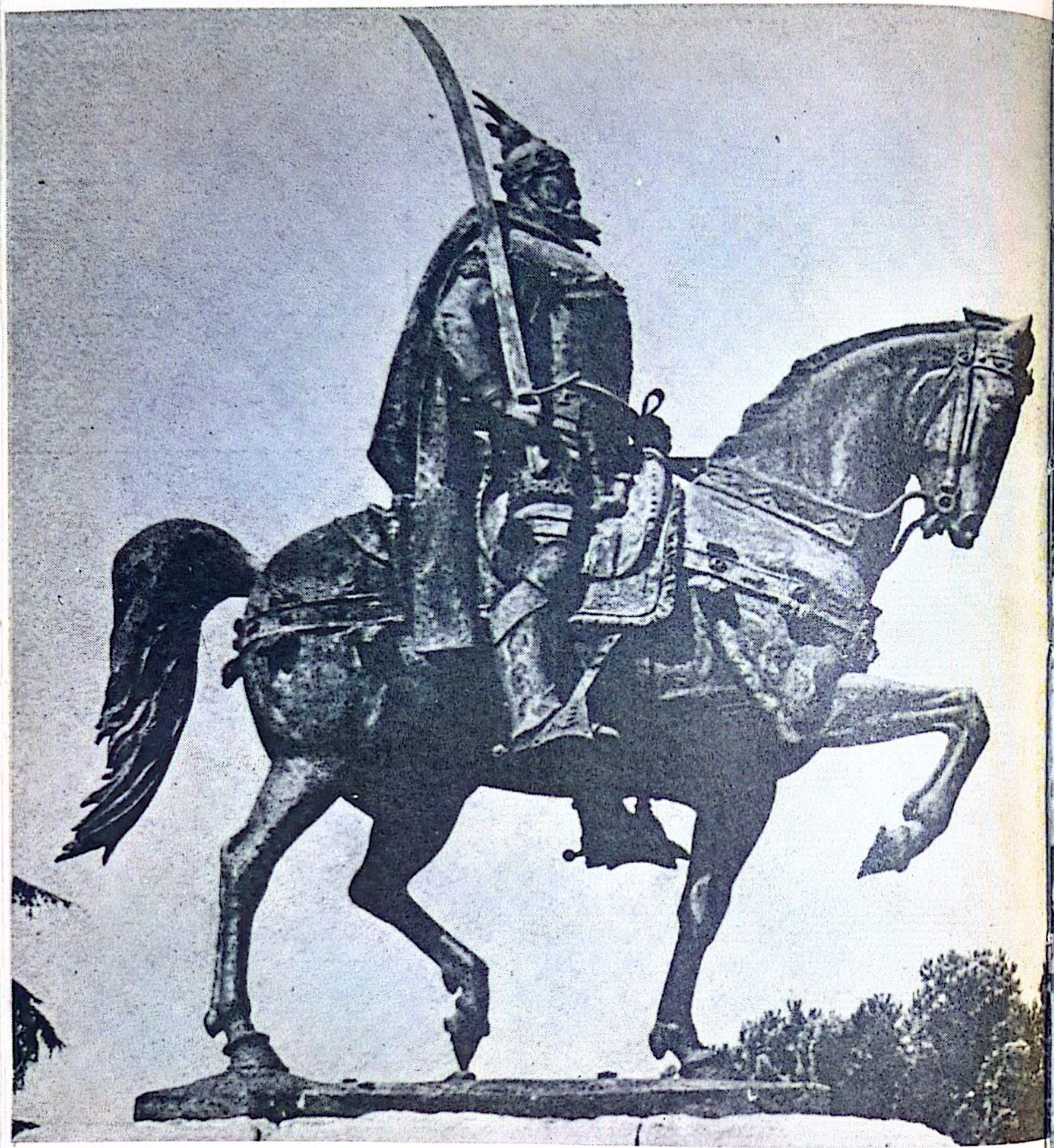
— Não foi uma tarefa fácil — explicou a editora da revista *Shqiperia e Re,* Drita Siliqi — porque não bastava criar as condições objetivas para que a mulher pudesse trabalhar. Era preciso todo um trabalho de convencimento, uma tarefa no campo da luta ideológica, que, afinal, foi vencida.

Segundo dados do final de 1981, 46,1% da força de trabalho da Albânia são mulheres. Todas as mulheres em idade de trabalhar estão engajadas nas fábricas, cooperativas, fazendas estatais, no setor de serviços e na administração. Não há nenhuma mulher na Albânia que se dedique exclusivamente aos afazeres domésticos — exceto, obviamente, aquelas aposentadas ou que gozam de licença de saúde ou de amamentação. Nas escolas secundárias, inclusive as técnicas, 52% dos alunos eram mulheres em fins de 1981. Segundo as estatísticas do governo albanês, mesmo em algumas profissões nas quais não havia grande tradição, a participação feminina começava a tornar-se expressiva. Já somavam 42% dos professores e economistas, 38% dos médicos e 18% dos engenheiros. Nos cursos de Engenharia, de nível médio ou superior, as mulheres já eram quase 50% dos alunos.

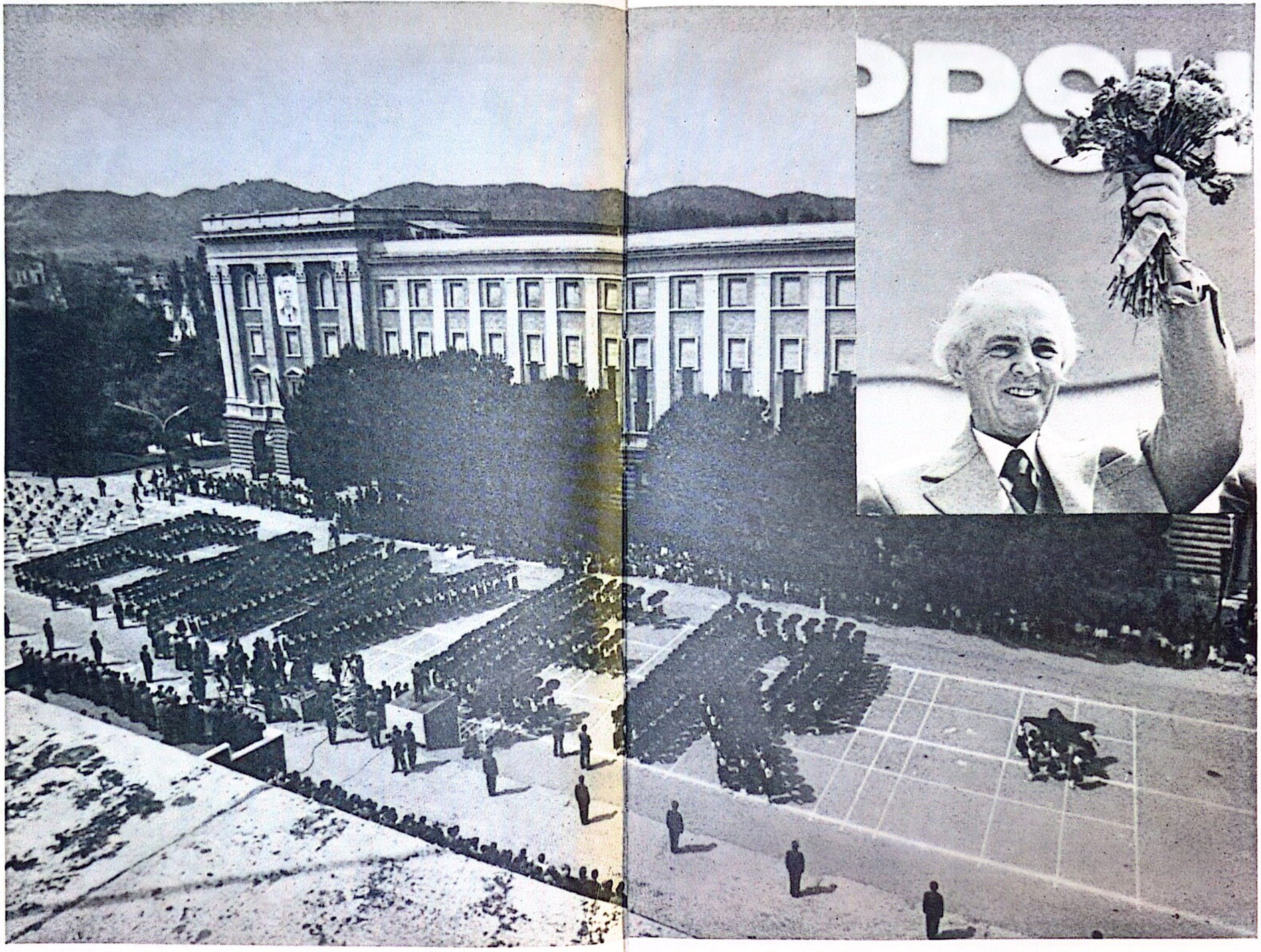
Numa fábrica de fios de cobre que visitei, em Shkodra, como em outros locais, vi, na prática, que as estatísticas que até então tinha coletado eram corretas. Dos cerca de novecentos operários daquela indústria, mais da metade eram mulheres, que ocupavam cargos importantes, como de secretária do partido, presidente do sindicato etc. Dali, saiu Esma Ulçinaku, que ao tempo da minha visita ocupava o cargo de ministra da Indústria Leve. Esma começou como operária, fez curso de Engenharia e acabou virando diretora geral da fábrica, em cujo cargo formou sua credencial para o ministério.

Outros dois ministérios eram ocupados por mulheres. Tefta Çami, ministra da Educação e Cultura, havia sido secretária do

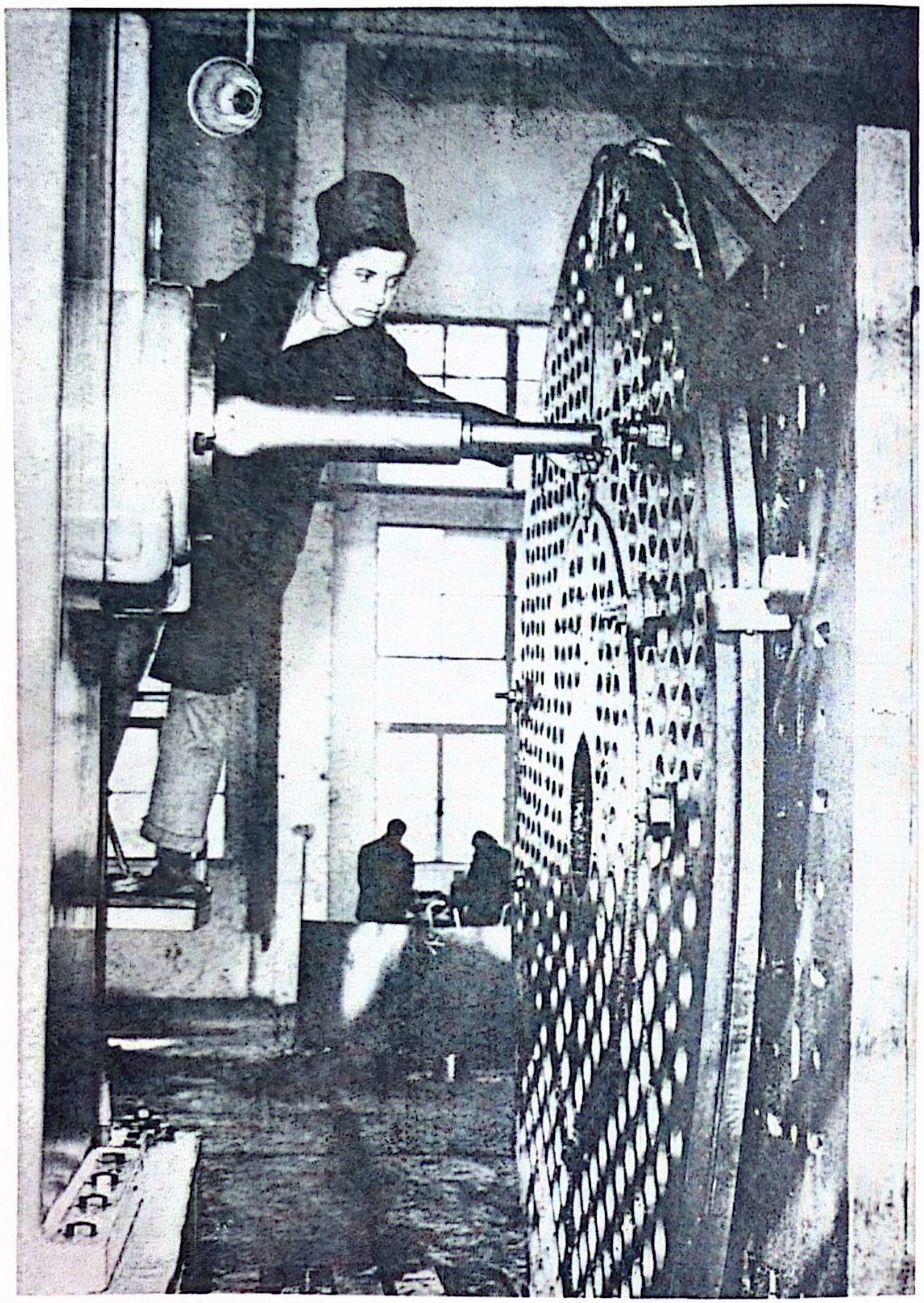




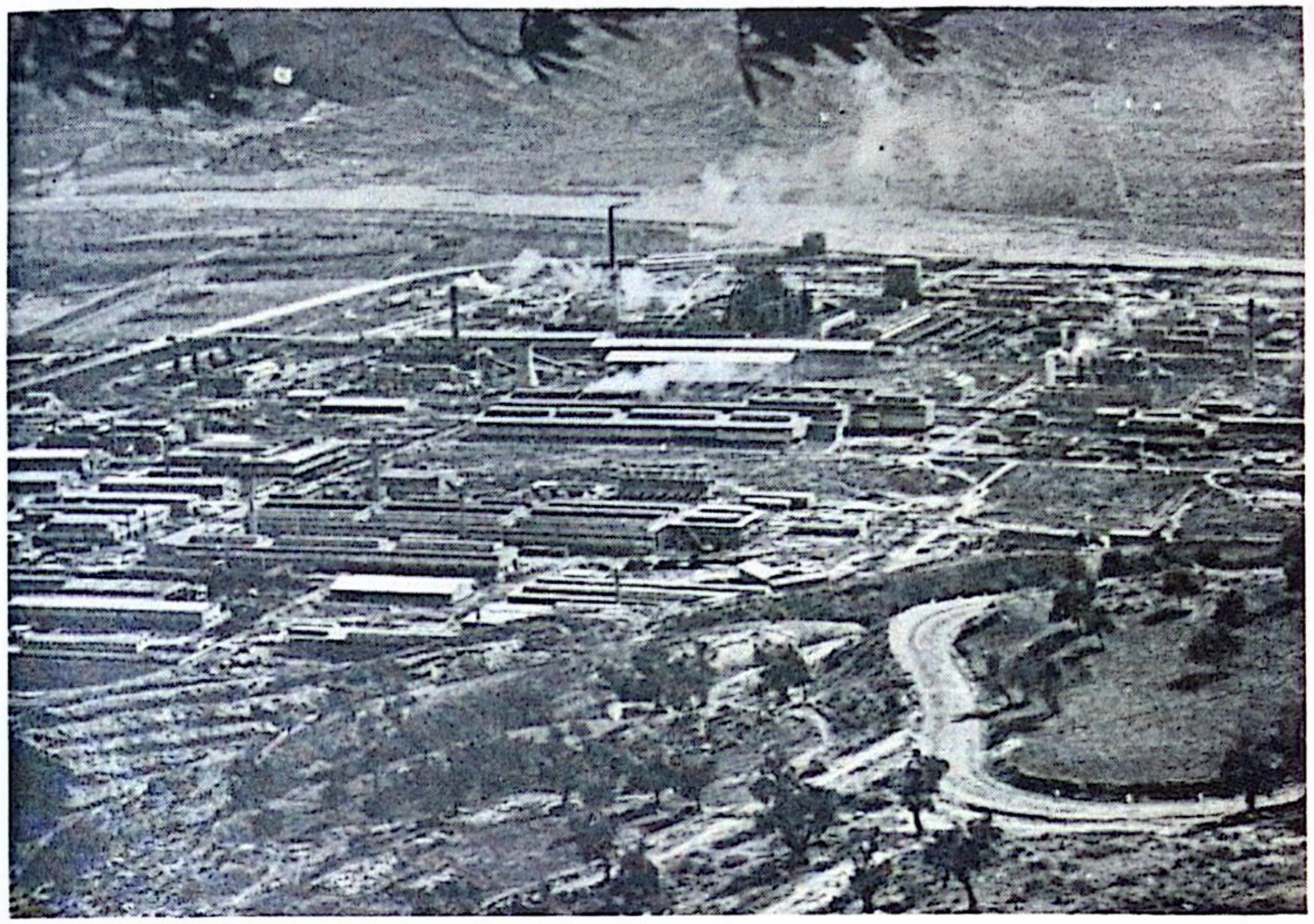
Acima: Monumento à Skanderbeg. Ao lado: Cena do desfile de 1.º de maio

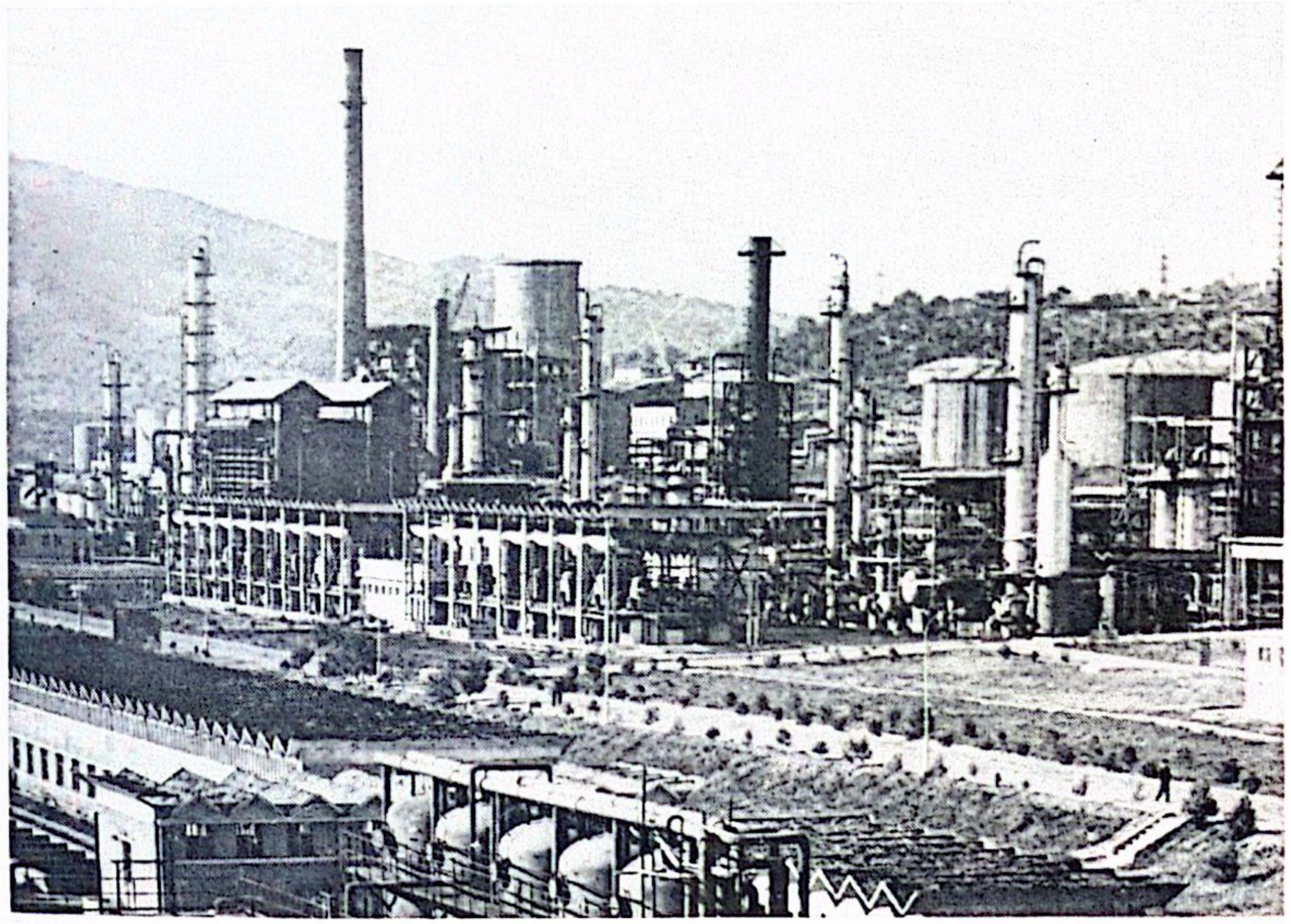


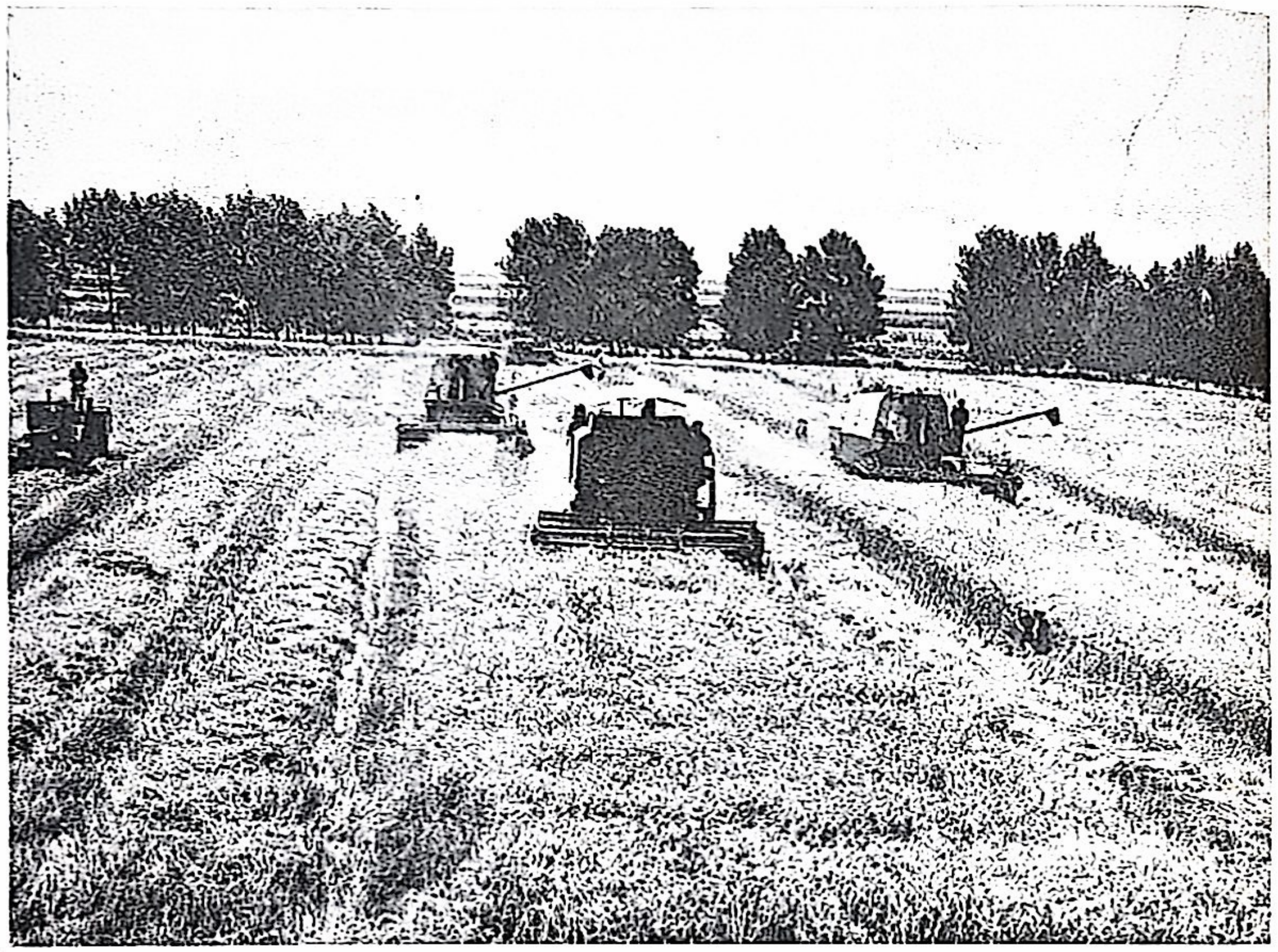
Cena do desfile (acima Enver Hoxha, líder do governo albanês)



Acima: Trabalho feminino em Elbasan. Página ao lado: Acima, Complexo Siderúrgico de Elbasan. Abaixo: Refinaria de petróleo de Ballsh

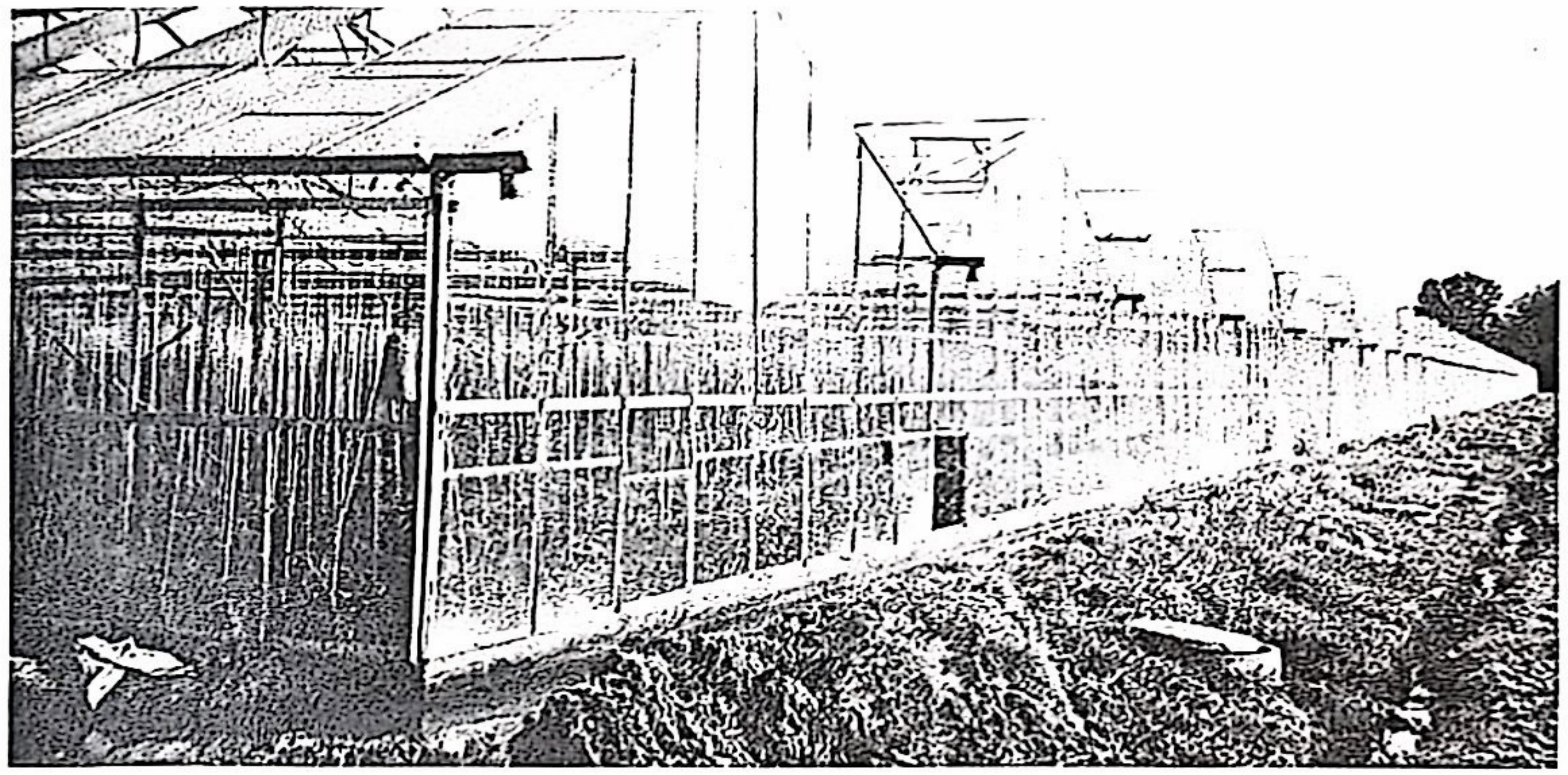


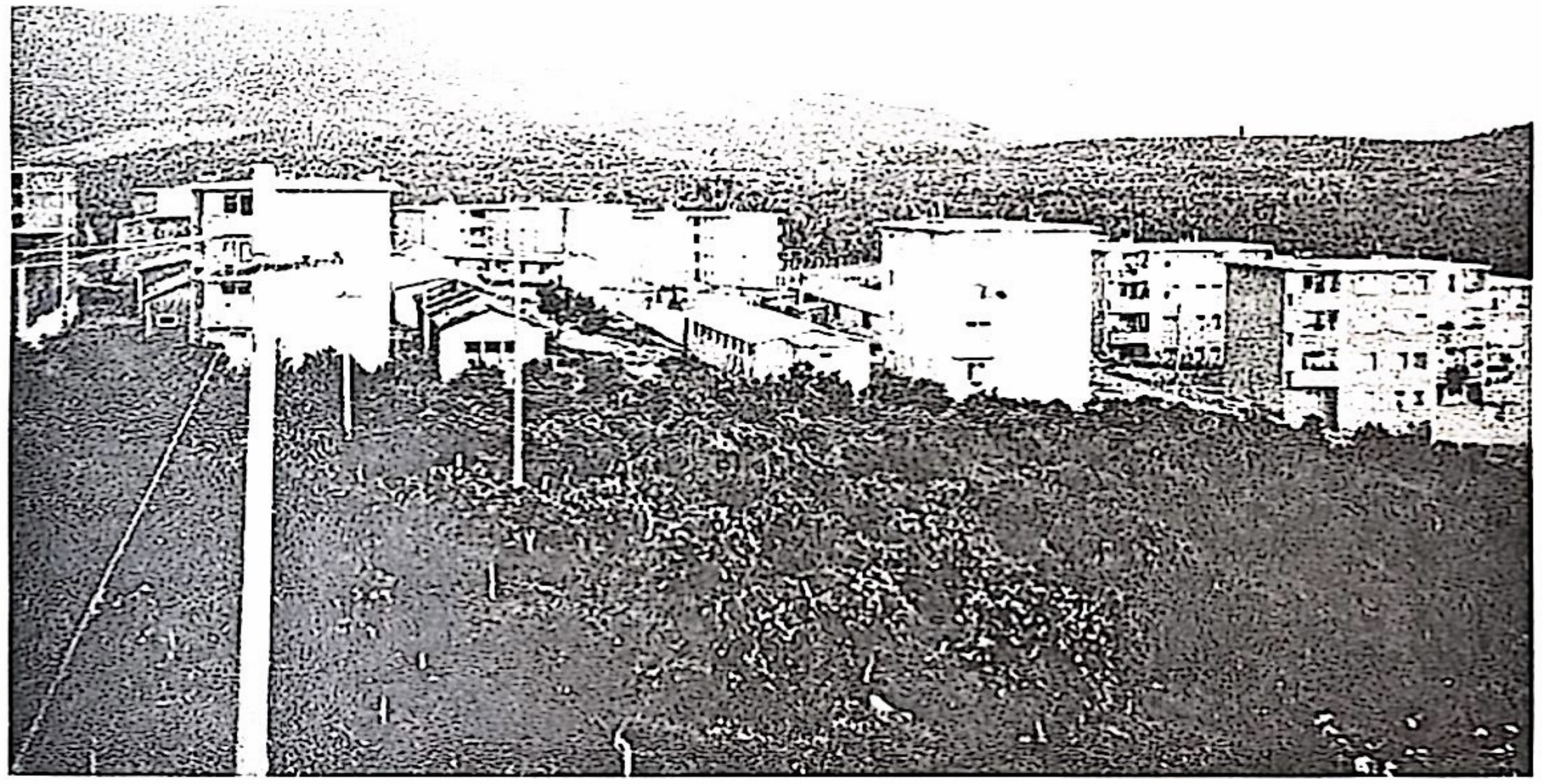


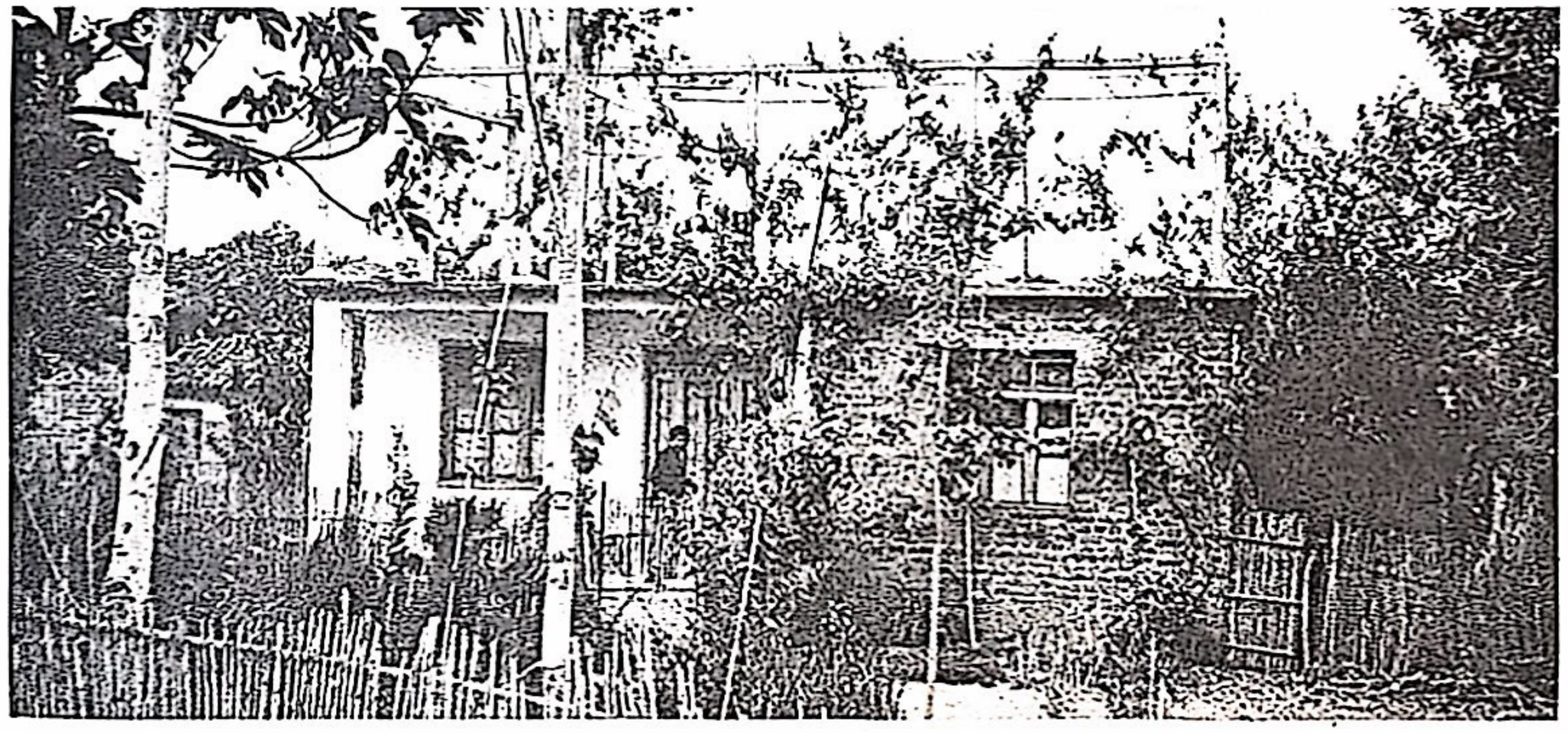


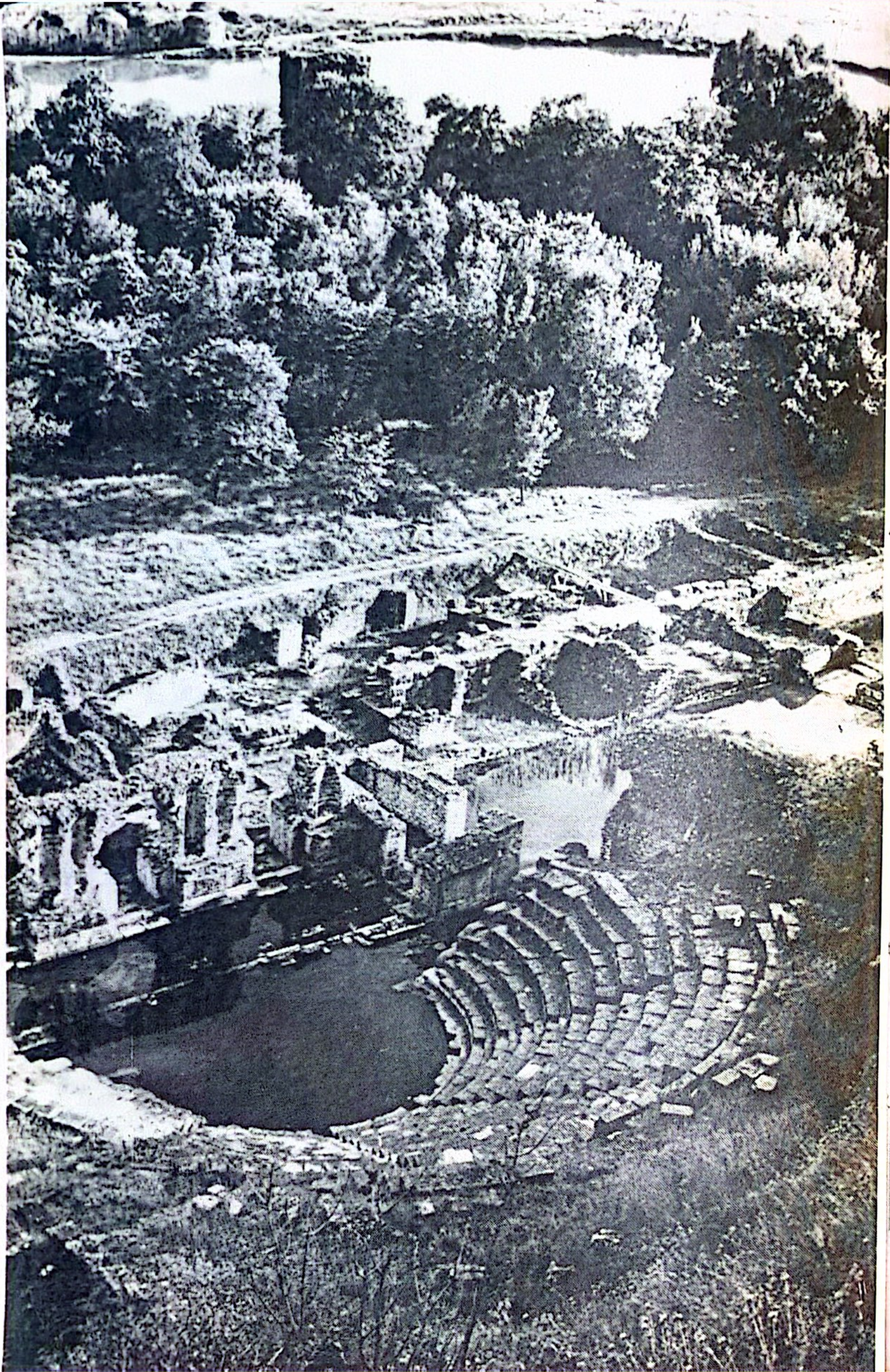
Colheita

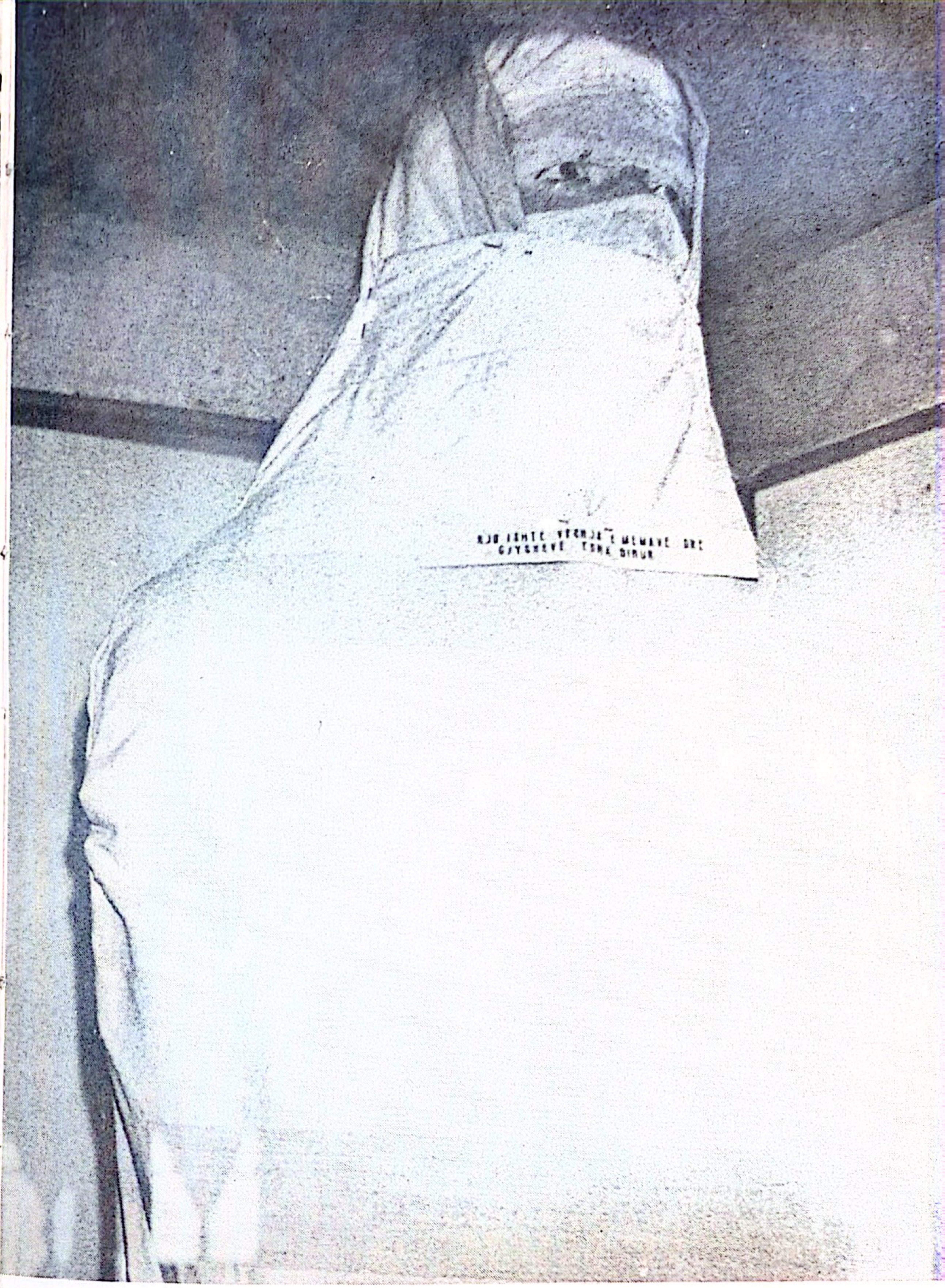
Acima: Estação experimental do Instituto do Milho, em Shkodra. Página ao lado: Acima, estufa para a produção de hortaliças na Fazenda Estatal 17 Nentori. No meio, Vila de camponeses próximo à Saranda. Em baixo: casa de camponeses na região da Apolonia









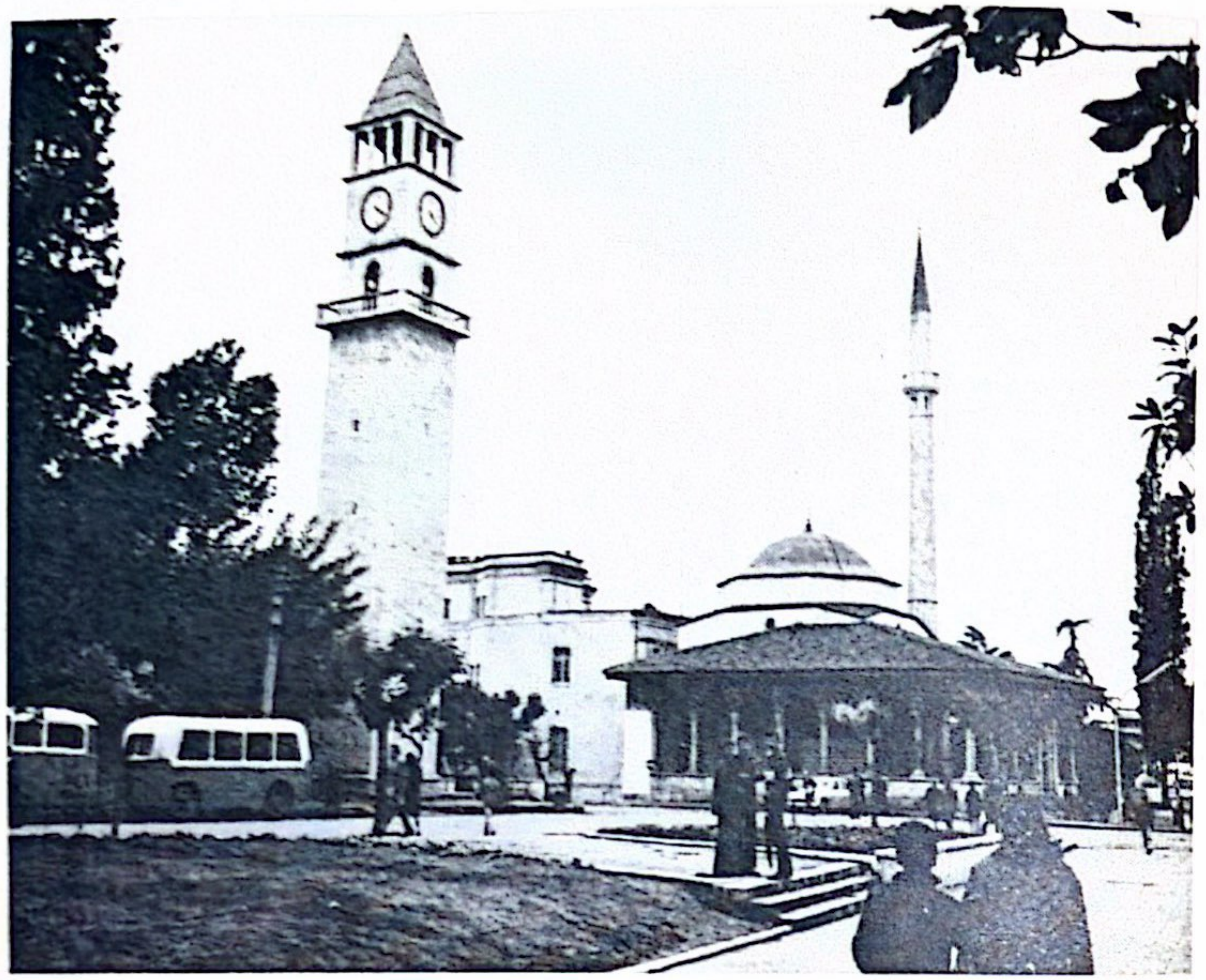


Ao lado: Ruínas da cidade ilíria de Butrint. Acima: Modo das albanesas vestirem-se antes da revolução

Lavoura (as setas indicam as casamatas)

Universidade de Tirana

Conjunto Nacional de Tirana



Igreja e mesquita transformadas em museus

Museu Histórico de Tirana

Jardim de infância em Tirana

Jogo entre o 17 Nentori e o Vllaznia no estádio Qemal Stafa (Tirana)

Monumento na região assolada pelo terremoto em 1979

Vista parcial da praça Skanderbeg

Mural da Frente Democrática

Comitê Regional do PTA na região de Dibra e acumulava com o Ministério o cargo de membro do Comitê Central. A agrônoma Themie Thomai, que foi presidente da cooperativa de Lushnia, ocupava o cargo de ministra da Agricultura — o ministério mais importante do país — e de membro do Comitê Central do Partido.

A primeira mulher a fazer parte do Politburo do PTA foi eleita no 8.º Congresso do partido, realizado em 1981. Linka Çuko era, até então, suplente do Politburo e antes, havia sido primeira-secretária da Organização na região de Lushnia. Camponesa em sua região, ela fez escola média de Agronomia e, depois, cursou a escola do PTA em Tirana.

Nas minas subterrâneas, nos altos-fornos siderúrgicos e outros setores que exigem grande força física, a mulher albanesa não trabalha. A justificativa oficial é a de que a mulher que trabalhasse nessas funções ficaria praticamente impossibilitada de ter filhos, amamentar etc. Mesmo nas minas, porém, as mulheres trabalham na administração, no processamento dos minérios e outras funções na superfície.

O engajamento da mulher albanesa em todos os setores da vida deu-se de maneira lenta. O caso era, de fato, complicado, pois antes da revolução 94% delas eram analfabetas. A partir das primeiras medidas oficiais, que davam às mulheres os mesmos direitos dos homens, o PTA e o governo começaram a tomar medidas para viabilizar a liberação na prática. Mas não bastava, tampouco, criar condições para ela estudar e trabalhar — era preciso dispensá-la do cumprimento do grande número de tarefas domésticas. E com um complicador: havia resistência dos homens à simples transferência dessas tarefas para eles.

— Aos poucos — contou-me uma jornalista — os homens foram assumindo alguns afazeres domésticos, mas muitos deles recusavam-se a lavar a roupa e fazer o pão, por exemplo. A solução encontrada, então, foi criar padarias por todo canto e incentivar o uso de máquinas de lavar roupa.

Desde os primeiros anos da revolução, foram sendo criadas creches e jardins de infância, que existem tanto nas cidades como nas zonas rurais. A mulher gestante tem direito a uma licença de seis meses, um e meio dos quais antes do parto. Após o período de licença, a criança pode ser colocada numa creche, onde passará o tempo em que seus pais estão no trabalho. Para isso, os pais pagam o equivalente a um maço de cigarro por dia, em média.

Tradicionalmente, na Albânia, coube à mulher cuidar dos animais domésticos — cabras, ovelhas e vacas. Nas fazendas estatais, desde as primeiras que foram organizadas, não há criações individuais. Mas nas cooperativas, sim. Em 1978, o governo iniciou uma campanha para promover o ajuntamento do gado, que continuaria sendo particular, mas cuja criação seria coletivizada. O objetivo de tal medida, além de melhorar as condições higiênicas da população camponesa, era de liberar a mulher de mais um afazer doméstico.

Numa cooperativa, perguntei ao seu presidente se tinha havido alguma resistência ao ajuntamento do gado, por parte dos camponeses. Ele respondeu, apontando para a mulher que estava próxima:

— Seria melhor ela responder porque, afinal, esse era o grande mal que as mulheres enfrentavam. Aquela coisa suja nas casas. Os homens não tratavam do gado, era um trabalho das mulheres e crianças.

— Nós dizemos — afirmou a mulher — que o único defeito dessa medida é que ela deveria ter sido tomada há mais tempo. Ficamos muito contentes. Foi tirado um peso das nossas costas, porque era uma grande preocupação aquele trabalho de alimentar e cuidar do gado. É muito mais simples comprar o leite, o requeijão e a manteiga nas lojas. Aquele tempo que gastávamos com esse trabalho usamos agora para outras coisas, para o lazer.

As mulheres albanesas ainda guardam resquícios dos seus antigos hábitos e costumes. Um deles é o de usar roupa preta, em sinal de luto, por um certo período após a morte de um parente próximo. Antigamente, uma mulher que enviuvava passava a usar a roupa preta, até o fim de sua vida. Com os novos tempos, esse período foi reduzido e as novas gerações, especialmente nas cidades, já deixaram de manifestar dessa forma o respeito aos seus mortos.

Outra diferença é que a mulher, ao perder o marido, não sente mais nenhum constrangimento em casar-se novamente — o que ocorria no passado. E, com a adoção do divórcio, a concepção do casamento como algo perpétuo foi soterrada. A iniciativa do divórcio pode partir tanto do homem como da mulher, em igualdade de condições. Embora os juízes sempre tentem a reconciliação, se houver firme propósito de uma das partes o divórcio é concedido rapidamente.

— Achamos que o divórcio é um instrumento necessário

para solucionar o problema das famílias que não têm mais sentido, onde não há mais amor — disse uma dirigente da União das Mulheres.

Segundo ela, a posição da entidade é de que os filhos normalmente saem prejudicados com uma separação, mas que este é um mal inevitável.

— Inclusive — afirmou ela — porque um mal maior é as crianças viverem num lar onde não há amor, amizade e solidariedade.

Nos casos de separação, os filhos quase sempre ficam com a mulher, embora legalmente o marido possa reivindicar tal direito. O homem paga, então, uma pensão mensal, não para a mulher, mas para os filhos. Essa pensão deixa de existir quando os filhos atingem idade de trabalho. Como não há propriedade privada no país, tampouco ocorrem discussões sobre a partilha de bens.

Seguindo a linha oficial do partido e do governo, de incentivo ao aumento da população, o aborto e o uso de métodos anticoncepcionais são bastante restritos. Em ambos os casos, só ocorrem por autorização médica. Uma vez autorizada, a mulher tem acesso a quase todos os métodos anticoncepcionais que existem no mundo, inclusive as pílulas, que são importadas. O mais usado, contudo, é o da tabela, por ser de livre acesso.

CAPÍTULO X

ESPORTE É ESPORTE, NÃO É PROFISSÃO

O estádio Qemal Stafa, em Tirana, estava praticamente lotado. Era 1.º de maio de 1982 e, embora não fosse a partida final, estava sendo definido o campeonato albanês de futebol. A torcida organizada do 17 Nentori, time da capital, puxava o coro para incentivar a equipe a buscar uma vitória contra o Vllasnia de Shkodra, com o que obteria o título por antecipação. Antes de começar o jogo, os alto-falantes do estádio anunciaram que Petrit Dibra, um dos ídolos do futebol albanês, deixaria o esporte naquele dia.

Dibra entrou em campo com o número 7 da equipe do 17 Nentori, com camisa azul e branca e deu apenas o pontapé inicial. Depois, deu uma volta ao redor do campo e encerrou ali sua carreira, sob os aplausos das torcidas de ambos os times. Uma complicação no joelho o tirou do futebol aos 28 anos, dez dos quais dedicados ao 17 Nentori, ao curso de Medicina e ao trabalho num hospital como médico especializado em cirurgia.

Como todos os esportistas da Albânia, Dibra nunca tirou um tostão sequer do futebol. Seu salário vinha do hospital e a única diferença que havia entre ele e os demais médicos era a de que podia trabalhar menos horas por dia e menos dias por semana, para poder treinar. Sempre jogou pelo 17 Nentori — time que a torcida chama de Tirana — porque em seu país os

times não trocam, não compram, nem vendem jogadores. O futebol é apenas um esporte.

— O objetivo do nosso esporte é aumentar a capacidade física da nossa gente, para que tenha mais saúde para o trabalho e para a defesa da pátria — afirmou Agib Korbi, secretário do Comitê da Cultura Física e Esportes da Albânia.

Embora seja o esporte nacional, o futebol albanês está longe de ter a exuberância e a qualidade dos seus vizinhos italianos, por exemplo. Nas eliminatórias da Copa da Espanha, a seleção albanesa ficou numa chave com a Finlândia, Hungria, Áustria e Alemanha Ocidental. Ganhou apenas uma partida, da Finlândia, e perdeu contra a Alemanha por 2 a 0 e 6 a 1. Apenas para efeito de comparação, os dezessete times que participam do campeonato nacional albanês jogariam, no Brasil, na Taça de Prata. Mas todos jogam futebol.

Todas as escolas, fábricas, cooperativas, fazendas estatais etc., têm seus times de futebol. Há campos de "peladas" por todos os cantos e as praias, aos sábados e domingos, ficam repletas de "peladeiros", alguns muito habilidosos. Há competições esportivas escolares etc., mas as principais atividades são concentradas nos clubes mantidos pelo Estado. Em Tirana, são três os times mais importantes: 17 Nentori, Dínamo e Partizani — cada um com seus times de futebol, vôlei, basquete e equipes de atletismo.

Qualquer albanês pode freqüentar os clubes e participar de suas atividades esportivas, embora o ingresso nas equipes dependa de avaliação do seu nível técnico. A maioria dos esportistas que formam as equipes ou selecionados para competições internacionais é originária dos times escolares. Um atleta que se destaque numa escola, fábrica, cooperativa etc., é incentivado a ir para o clube mais próximo de sua residência. Não há esporte profissional em nenhuma modalidade.

— Um diretor de uma mina de carvão — explicou Agib Korbi — além de prestar contas da produção mineral, também deve prestar contas das atividades esportivas na área da empresa.

O secretário do Comitê da Cultura Física e Esportes citou seu próprio caso para exemplificar o tratamento dado aos esportes em seu país. Ele era jornalista e, ao mesmo tempo, fazia parte de uma equipe de vôlei — por isso trabalhava menos que o normal, ganhando o mesmo salário. Segundo ele, a grande vantagem do esporte do seu país é a de ser estruturado na forma de uma pirâmide. Ou seja, é praticado em larga escala

pelo povo e são formadas equipes intermediárias até chegar às seleções dos mais talentosos.

Nos estádios de futebol, durante os intervalos dos jogos, são promovidas competições de atletismo, tão aplaudidas quanto as melhores jogadas em campo. É o futebol, no entanto, que cai mais ao gosto dos albaneses. Nas grandes competições internacionais, como a Copa da Espanha, a maioria dos albaneses troca sua camisa vermelha pela verde-e-amarela do selecionado brasileiro, que admiram pela qualidade técnica e talento dos jogadores.

Eu assisti um jogo entre o Larisa da Grécia e o 17 Nentori, válido pelo Campeonato Balcânico de Clubes. Para vencer por 3 a 1, o time de Tirana contou com o apoio da torcida e inclusive do bandeirinha albanês que, como todos os juízes de futebol do seu país, é amador. Uma das preocupações desse bandeirinha era impedir que os jogadores gregos — apenas os gregos — avançassem pela margem do campo com a bola nas mãos, ao arremessar os laterais. Para fazer isso, ele se postava diante do jogador, com os braços abertos e peito levantado, feito galo-de-briga, numa atitude que chegava a provocar risos na torcida.

A grande estrela do jogo, no entanto, foi Kola o ponta-esquerda do 17 Nentori, que marcou os três gols do seu time e fez uma série de outras boas jogadas. Apesar de ser ponteiro, Kola arma as jogadas, faz lançamentos e, de quebra, é o artilheiro do time. Não é, porém, um caso único. Petrit Dibra era o ponta-direita do mesmo time e fazia a mesma coisa. Numa conversa com ele, perguntei qual o ponta-direita que ele mais admirava. A resposta foi rápida:

— Garrincha e Jairzinho.

Achei que Dibra seria um bom exemplo de jogador de futebol da Albânia, especialmente por ser um ídolo que deixava o esporte, e pedi uma conversa com ele, que ocorreu dias depois. Conversamos sobre vários assuntos, desde o seu casamento, programado para um ano depois, até o ritmo e esquemas de treinamento do futebol albanês. Uma pequena parte da conversa:

— Como um jogador conhecido fora da Albânia, você poderia ter ido jogar em outros países. Como vê essa questão da venda de jogadores?

— Acima de tudo, eu visto a camisa do meu país. Minha função como jogador é jogar pela minha equipe e pelo meu

país. Quanto aos bens materiais que uma transação dessas rende ao jogador, não me interessam nem um pouco. Com minha profissão eu vivo com minha família e satisfaço todos os meus desejos, minhas necessidades. Quando me machuquei e tive que abandonar o futebol, minha vida não se alterou em nada. Continuo a exercer minha profissão de médico, da qual sempre gostei. Não preciso de mais nada.

— Nos países capitalistas, os jogadores de grande talento ganham fortunas. Esse fato nunca lhe despertou interesse?

— O que nós consideramos mais valioso são os valores morais que temos. O nosso respeito é pelo nosso povo e pelo nosso partido. Eu não posso aceitar aquele ganho provisório de enormes somas de dinheiro como ocorre, por exemplo, no Brasil. A diferença básica é esta: aqui na Albânia o jogador tem sua profissão, tem seu futuro assegurado, enquanto nos países capitalistas, o jogador é profissional e ganha enquanto pode jogar. Caso ele ganhe enormes fortunas, terá duas alternativas: ou ele investe aquele dinheiro e se torna um capitalista, passando então para o lado dos exploradores; ou, então, ele gasta tudo e fica com o futuro incerto. Basta citar o caso de Garrincha.

CAPÍTULO XI

A PROPRIEDADE PRIVADA

Num dos cantos da Praça Skanderbeg, próximo a um ponto de táxi, há cabines onde se engraxam sapatos, como essas que há nas rodoviárias brasileiras. Não se trata, contudo, de uma alternativa espontânea de desempregados. É mais um empreendimento estatal, como tudo na Albânia. Os engraxates recebem um salário fixo mensal e, ao final do dia de trabalho, prestam contas do rendimento. O mesmo ocorre com os táxis, com as banquinhas de cigarros e doces, os mercados, as fábricas etc. Na Albânia não há, enfim, a propriedade privada.

Além da propriedade social, administrada pelo Estado, há apenas outras duas modalidades de controle sobre bens materiais: as cooperativas agrícolas e a propriedade pessoal. Nesse último caso, estão enquadrados os bens de uso doméstico e pessoais, como móveis, eletrodomésticos, vestimentas, adornos, bicicleta e motocicleta. Para os albaneses não existe a instituição do automóvel particular — todos os carros existentes no país são do Estado.

Nas cidades, há moradias que pertencem a pessoas ou famílias desde antes da revolução e são consideradas propriedade pessoal. No processo de ampla discussão do novo Código Civil albanês, aprovado pela Assembléia Popular em janeiro de 1982, muita gente queria abolir a instituição da herança. Venceu, porém, a posição de mantê-la com nova regulamentação.

Uma propriedade pessoal é herdada, em primeiro lugar, para a mulher (ou o marido) e os filhos. Em seguida na escala dos beneficiários, vêm os pais e irmãos incapazes. Depois, parentes próximos e, por último, o Estado. Se ocorrer um caso de uma família que já tenha uma casa ser beneficiária de outra, por herança, ela poderá ficar com as duas, desde que a segunda seja utilizada por filhos casados. Caso contrário, terá que vender. E só poderá comprar quem provar que não tem moradia, o que é raro. Não há a hipótese de se fazer especulação imobiliária.

No bairro de Baçallek, em Shkodra, atingido pelo terremoto em 1979, a maioria das casas era de propriedade de seus moradores. O Estado reconstruiu as casas, com o trabalho de voluntários, e devolveu-as a seus proprietários. Eu perguntei a um deles, um homem já idoso, se não teria sido aquele o momento propício para passar aquelas propriedades para o controle do Estado. Ele respondeu:

— O Estado nos ofereceu as casas de volta e nós aceitamos. Nós mesmos, porém, vamos eliminando aos poucos essa característica do nosso bairro, pois sabemos que o socialismo não convive com a propriedade privada.

Ali, como em muitos lugares na Albânia, as casas são, em verdade, pequenos prédios de apartamentos, com quatro entradas independentes dando acesso a quintais separados. As moradias são de dois ou três quartos, sala e cozinha e os quintais tornam-se menores a cada dia que passa, por serem considerados resquícios de propriedade privada.

— Quando as casas foram reconstruídas — contou o morador — o próprio camarada Enver Hoxha pediu que fossem mantidos os quintais, por estarem muito ligados às nossas vidas, mas deu-nos orientação sobre como deveríamos tratar essa questão.

Nas zonas rurais, a questão dos quintais assume um caráter mais acentuado. A propriedade das terras agricultáveis é coletiva, mesmo nas cooperativas de nível inferior — aquelas que ainda estão mais distantes de se transformar em fazendas estatais. Nas cooperativas, inferiores ou superiores, os camponeses são, em grande parte, proprietários das casas onde moram e dos quintais nos quais mantêm suas hortas e pequenos pomares. De um modo geral, esses quintais são pequenos, chegando ao máximo de 1.000 m².

Pode-se prever que os quintais, mesmo nas vilas de cam-

poneses, têm seus dias contados. Como no caso do ajuntamento do gado, pesa em favor deste assunto a posição das mulheres, que pretendem livrar-se da tarefa doméstica de cuidar das hortas. Numa cooperativa de nível superior que visitei, a presidente da União das Mulheres explicava-me a posição da entidade, dizendo que a eliminação dos quintais seria um grande passo para a liberação da mulher, quando o presidente da cooperativa interveio, bem-humorado:

— Está certo que a gente faz tudo o que as mulheres querem, mas esse negócio é mais complicado, é preciso examinar todos os ângulos da questão. Tem muita gente que ainda é contra a eliminação dos quintais e precisa muita discussão antes de se tomar alguma medida.

A mulher sorriu e, no mesmo tom, respondeu:

— Bom, pode escrever em qualquer lugar que nós mulheres somos a favor de eliminar os quintais aqui. Se os homens não forem...

Outra forte razão para se prever para dentro em breve o fim dos quintais é o estilo de vida dos camponeses que hoje trabalham em fazendas estatais, onde as moradias já não são propriedades particulares — são apartamentos ou casas cujos quintais minúsculos servem apenas ao cultivo de plantas ornamentais. Alface, alho, tomate, ovos etc., são comprados no mercado, o que é mais prático. O tempo que seria utilizado nos cuidados com a horta é gasto em lazer. O nível de vida dos trabalhadores de fazendas estatais é, enfim, invejado pelos camponeses das cooperativas.

CAPÍTULO XII

A REFORMA AGRÁRIA

A maioria dos 5 mil trabalhadores da Fazenda Estatal 17 Nentori mora em apartamentos de dois ou três quartos na área da empresa agrícola. Esta Fazenda forma, assim, um bairro da periferia de Tirana e dispõe de todos os serviços necessários: escolas, hospital, creches, livraria, biblioteca, centro de cultura etc. Dos 4.400 hectares cultivados, apenas 30% eram aproveitados antes da revolução. O resto era um brejão inóspito.

Já havia visitado algumas fazendas estatais nas andanças pela Albânia. A que melhor impressão havia-me causado até então era a de Lukova, talvez pela dimensão do trabalho de domar as montanhas que lá é feito. A 17 Nentori — o nome é em homenagem ao 17 de novembro de 1944, data da libertação de Tirana — tem, contudo, a tarefa de abastecer boa parte da capital albanesa.

A quem percorre a estrada que liga Tirana à cidade portuária de Durres, impressiona a quantidade de enormes barracões de vidro que podem ser vistos, dispostos lado a lado a perder de vista. São as estufas nas quais a 17 Nentori produz 24 diferentes espécies de hortaliças, de tomate a almeirão, passando por vagem, pimentão, salsa, cebolinha etc. Boa parte da produção de hortaliças é exportada para a Europa Central, especialmgente Alemanha e Áustria.

Até 1979, a 17 Nentori dedicava-se prioritariamente à

produção de cereais. Na elaboração do novo plano qüinqüenal (1981/85), porém, suas finalidades foram alteradas. Já no início de 1982, a fazenda supria 25% do consumo de hortaliças de Tirana, 15% do de leite e 60% do de uva. Até 1985, sua produção será duplicada, sem que isso represente acréscimo no número de empregos oferecido, como resultado de um programa de aumento da produtividade.

Segundo o diretor da área técnica da fazenda, Fejzo Pashaj, a 17 Nentori já havia suplantado sua fase de ampliação da área cultivada e dedicava-se, pois, ao desenvolvimento tecnológico. À época da minha visita, a produtividade de cada vaca leiteira era de até 3.300 litros por ano. Até 1985, será de 4 mil litros. Vinte por cento de aumento já haviam sido conseguidos com uma simples mudança na estrutura de produção. Antes, cada trabalhador (normalmente mulher) do setor cuidava de catorze vacas, em todas as suas fases fisiológicas. A partir de janeiro de 82, passou-se a tratar dos animais de acordo com sua fase, obtendo-se um aumento de 20% na produção de leite.

A estrutura de administração da 17 Nentori é bastante simples. Há um diretor e dois vice-diretores (um técnico e um administrativo), que são escolhidos pelos trabalhadores. O mesmo ocorre com os gerentes de cada um dos dez setores de produção: são quatro para a produção de hortaliças, três para a de leite e três para a de uvas e azeitonas. Há, ainda, dois setores de apoio, um para a área mecânica, outro para a de investimentos. Cada setor é dividido em brigadas, que cumprem tarefas específicas sob o comando de um encarregado, eleito pelo conjunto de trabalhadores.

As fazendas estatais, como a 17 Nentori, representam o mais avançado modo de exploração da terra na Albânia. Nelas não há o menor resquício de propriedade privada. Nas cooperativas de nível inferior, formadas por um número relativamente pequeno de famílias, ou nas de nível superior, que englobam várias antigas pequenas cooperativas, a socialização da produção se dá ao nível dos cooperativados. A Fazenda Estatal é de todos os albaneses.

Na Albânia, as transformações no campo se processam de modo lento. Isto porque, como tudo naquele país, as mudanças só são feitas depois que os trabalhadores — no caso, os camponeses — estiverem plenamente convencidos de que se trata do caminho mais correto. Embora seja um processo aparentemente vagaroso, tem-se a certeza de que anda para frente. E não começou nem um minuto atrasado.

Ainda durante a guerra de libertação, enquanto cuidava da educação, saúde, cultura, esportes e lazer nas áreas liberadas, o Partido Comunista da Albânia (hoje Partido do Trabalho) conseguiu realizar outra proeza: debaixo do fogo cerrado do inimigo, foi feito o primeiro censo agrário da Albânia. A Reforma Agrária já era um dos pontos do programa mínimo que movia a luta de libertação nacional. Mas havia escassez de informações precisas. Com base nos dados levantados, logo após a vitória, foi lançado o *slogan*: "Terra para quem nela trabalha".

Antes da libertação, a estrutura fundiária da Albânia era ao mesmo tempo simples e extremamente injusta, conforme demonstra o quadro a seguir, extraído do livro *Agriculture in the PSR of Albania,* de Ibrahim Baçi:

Categoria	*Número de Propriedades (%)*	*Dimensão total (%)*
Latifúndios	3	40
Pequenas e médias	83	60
Camponeses sem terra	14	—
Total	100	100

Durante a guerra, as terras expropriadas aos latifundiários foram distribuídas aos camponeses, os estoques capturados eram distribuídos e deixou-se de pagar qualquer tipo de imposto. Após a vitória, algumas medidas de emergência precederam a Lei da Reforma Agrária, promulgada em 29 de agosto de 1945. Já em janeiro daquele ano — dois meses após a tomada do poder — foi proibido o registro de compra e venda de terras. Em maio, as áreas irrigadas foram nacionalizadas e abolidos os juros dos empréstimos aos camponeses.

Basicamente, a Lei da Reforma Agrária estabelecia que todas as terras improdutivas deveriam ser expropriadas e estabelecia critérios para divisão daquelas propriedades entre os camponeses sem terra. Cada família de lavradores receberia cinco hectares de terra, com direito a mais dois hectares para cada filho casado que morasse na mesma casa. Em quatorze meses, foram expropriadas 8.714 propriedades e outras 10.641 tiveram sua extensão reduzida. Pequenas e médias proprieda-

des improdutivas e terras de entidades religiosas também foram expropriadas.

Até 1947 a estrutura fundiária da Albânia manteve-se baseada na pequena (ou micro) propriedade resultante da primeira fase de implantação da Reforma Agrária. Nequele ano, porém, iniciou-se a formação de cooperativas e a conseqüente coletivização das terras. Do ponto de vista técnico, o processo foi simples: juntavam-se as propriedades em torno de cade vila, e elas passavam a ser exploradas coletivamente pelos seus antigos donos. Estes mantiveram suas casas e quintais, mas as áreas agricultáveis foram unidas.

No campo político, contudo, o processo foi mais complicado. A coletivização das terras encontrou forte resistência nas áreas mais atrasadas do país e por parte das Igrejas católica e ortodoxa. Tanto que a coletivização levou dezenove anos (de 1947 a 1966) para ser completada, embora nas regiões de planície já não houvesse mais propriedade não cooperativada em 1961. Devido principalmente às resistências oferecidas, de 1947 a 1957 o processo de formação de cooperativas e coletivização de terras andou lentamente. Em 1957 houve, porém, uma grande ofensiva do governo albanês e seiscentas novas cooperativas agrícolas foram criadas, cumprindo as metas do 2.º plano qüinqüenal.

Em 1971, teve início a terceira grande fase do processo de transformações na estrutura agrária e fundiária da Albânia — a da criação das cooperativas de nível superior. Essas resultam do ajuntamento de várias cooperativas de nível inferior ampliando, portanto, a área de terra coletivizada em cada uma delas e reduzindo o número total dessas empresas no país. Uma das cooperativas que visitei — a de Dropull i Siperm — por exemplo, é resultante da aglomeração de quatro pequenas cooperativas que existiam na região do Alto Dropull, habitada pela minoria grega que vive na Albânia.

Antes da revolução, mais de 75% dos 3 mil hectares de terra que hoje pertencem à cooperativa eram de propriedade de um pequeno grupo de latifundiários ou de sisudos mosteiros ortodoxos, cujas edificações, sempre rodeadas de esguios ciprestes, ainda enfeitam a região. Até 1955 os camponeses do Alto Dropull eram abastecidos de cereais pelo Estado.

— Este ano — explicou o presidente da cooperativa, Paulo Konomi — venderemos ao Estado 3 mil toneladas de milho e trigo, que é o excedente que vamos obter. Temos aqui 1.600

hectares de cereais e nossa produtividade aumenta constantemente.

A Reforma Agrária na região começou só em 1948. Segundo Konomi, "levou tanto tempo porque achamos que a coletivização tem que seguir condições objetivas, não se pode usar a força". A implantação, naquele ano, de uma cooperativa em uma das aldeias da região com resultados positivos, serviu de exemplo para os camponeses. Mesmo assim, o processo de coletivização das terras só foi concluído em 1957. O presidente da cooperativa disse que o progresso ali foi tal que os cooperativados esperam que a empresa seja transformada em fazenda estatal já no próximo plano qüinqüenal (1986/90).

A Albânia chegou a ter em 1957, 1968 cooperativas, número que caiu, em 1982, para 423. A maioria delas é do tipo inferior, ocupando em torno de 60% da área cultivada do país. As 41 cooperativas do tipo superior existentes em 1982 ocupavam cerca de 15% da área plantada e os 25% restantes eram ocupados pelas 54 fazendas estatais. Juntas, as fazendas estatais e as cooperativas de tipo superior são responsáveis por 50% da produção agrícola do país, embora ocupando 40% da área cultivada. Ou seja, nas duas modalidades mais avançadas de exploração agrícola a produtividade é bem superior à das cooperativas inferiores.

Desde a revolução, a área plantada do país cresceu de 292 mil para 697 mil hectares. Na fase inicial tratou-se do que os albaneses chamam de sistematização das planícies, com a construção de canais de drenagem e diques para o aproveitamento das áreas até então alagadas. Depois passou-se à sistematização de colinas e montanhas, com obras monumentais como a dos terraços de Lukova, onde montanhas outrora inóspitas já entraram na década dos 80 produzindo de tudo, com o auxílio de sofisticado sistema de irrigação.

Até a Segunda Grande Guerra, a agricultura da Albânia era uma das mais atrasadas da Europa — provavelmente ocupava sozinha esse desonroso primeiro lugar. Em 1938, 99,3% da força motora utilizada na agricultura era de tração animal. Já em 1978 essa situação havia-se praticamente invertido, com a tração animal representando apenas 9%, caminhando para um percentual insignificante. O uso de fertilizantes (nitrogenados, fosfatados e potássio) cresceu 56 vezes de 1950 a 1978.

Apesar dessa evolução, não é raro encontrar-se, no interior da Albânia, velhos arados de tração animal ainda em uso. São

resquícios do passado que insistem na tentativa de competir com a modernização. Desde 1978 porém, já operam nos campos agrícolas os tratores de fabricação inteiramente albanesa. E, ao longo dos anos, as 250 escolas agrícolas de 2.º grau espalhadas pelo país encarregaram-se de elevar o nível de conhecimento dos próprios camponeses.

Mesmo assim, no relatório ao 8.º Congresso do PTA, realizado em fins de 1981, o primeiro-secretário do partido, Enver Hoxha destacou a necessidade de aumento da produção através da produtividade e não da incorporação de novas áreas agrícolas. O 7.º Plano Qüinqüenal (1981/85) fixou a meta de crescimento do produto agrícola de 30 a 32% no período, com o setor sendo beneficiado com 29% dos investimentos totais do Estado. "Por isso", afirmou Enver Hoxha, "a agricultura merecerá, neste plano qüinqüenal, um lugar destacado, mais importante do que até hoje".

À época da minha visita, poucos meses depois do 8.º Congresso do PTA, suas decisões já eram visíveis na prática. Nas fazendas estatais e cooperativas o que mais se ouvia falar era sobre o aumento da produtividade agrícola, exemplos de metas já alcançadas no primeiro trimestre do ano e assim por diante. Na área oficial, tive longa conversa com Rexhep Skëndaj, vice-diretor do Setor de Cooperativas do Ministério da Agricultura.

— Cada cooperativa ou fazenda — disse ele — estabelece suas metas de acordo com indicações gerais dadas pelo Conselho de Ministros. Mas o que determina a fixação das metas, ao final das contas, são as condições locais.

No detalhamento do plano qüinqüenal, o aumento da produção através da produtividade se dará integralmente nos 100 mil hectares de terras agrícolas da Albânia central. Nas demais regiões do país, até 1985 10% do aumento ainda será fruto da incorporação de novas áreas. Boa parte desse resultado depende das pesquisas científicas feitas nas escolas ou em instituições de pesquisa. Entre estas, uma das mais importantes do país é o Instituto de Pesquisa do Milho e do Arroz, criado em 1971, com sede em Shkodra.

Num modesto edifício de três andares em meio a um campo agrícola das cercanias de Shkodra, os técnicos albaneses já conseguiram grandes feitos. Um dos seus diretores, Mendu Dibra, fala com entusiasmo do milho híbrido albanês — de nome "Rosafa" — que já alcançou uma produtividade que está entre as melhores de toda a Europa: de oito a dez toneladas

por hectare. A meta do Instituto é de alcançar catorze toneladas por hectare até 1985, se possível até mesmo nas áreas montanhosas. No caso do arroz, na última colheita que havia sido feita, já era alcançada uma produtividade de seis a sete toneladas por hectare.

As sementes do milho são produzidas pelo próprio Instituto, que as distribui para algumas lavouras onde é feito o cruzamento e obtido o híbrido. A distribuição das sementes é feita por uma empresa vinculada ao Ministério da Agricultura, cuja função é somente essa. Existe uma espécie de inspetoria, com ramificações em todas as regiões do país, que faz o controle de qualidade das sementes distribuídas, com poderes para suspender a distribuição se considerar que há quebra de padrão. Após a entrega, o controle passa a ser feito pelos técnicos das próprias cooperativas e fazendas estatais.

A distribuição da produção agrícola é centralizada. As cooperativas vendem ao Estado todo o excedente que obtiverem e dele compram aquilo que não produzem. Com isso, a diferença do preço pago ao produtor e o da venda ao consumidor é mínimo. Por exemplo: o custo médio de produção da batata é de 0,8 leks por quilo e o produtor recebe 1,2 leks, enquanto esse mesmo quilo é vendido nas mercearias por 1,4 leks.

CAPÍTULO XIII

UM PAÍS SEM CARESTIA

No centro de Korça, cidade montanhosa próxima da fronteira com a Iugoslávia, há uma pracinha onde os aposentados que preferem ficar desocupados encontram-se diariamente para conversar e jogar baralho. Como "Jaruzelsky" (o Fiat branco de fabricação polonesa) tinha dado problemas e necessitava de conserto, meu intérprete e eu ficamos andando à toa pela cidade e, na praça, paramos um pouco para conversar com os aposentados. Como fazia invariavelmente com pessoas de idade avançada, perguntei a eles que diferença viam entre a Albânia de hoje e aquela de antes da libertação.

Também invariavelmente, ao responder a essa pergunta, as pessoas faziam demoradas comparações entre a vida de seus pais e a delas. Ali, porém, um aposentado resumiu sua opinião de forma mais objetiva:

— Há mais de vinte anos eu compro o leite pelo mesmo preço — disse ele.

O velho albanês sentia-se feliz e orgulhoso por não haver carestia em seu país. Ao contrário, a Albânia é um país onde os preços, ao invés de subir, costumam baixar. Em junho de 1982, menos de um mês depois de ter concluído minha visita àquele país, entrou em vigor a 17.ª rebaixa de preços desde a revolução. Um grande número de produtos de origem industrial ou agrícola teve seus preços reduzidos em percentuais que

variam de 7 a 35% e 135 tipos de serviços públicos baixaram seus preços de 8 a 15%.

O preço da passagem nos transportes coletivos urbanos de Tirana e cidades do interior é unificado em 0,30 leks, o que equivale a 10% de um maço de cigarros de qualidade média. A esmagadora maioria das moradias pertence ao Estado e todo albanês paga uma taxa mensal de habitação que, no entanto, é simbólica, chegando ao máximo de 70 leks (US$ 10). A maior parte dos "aluguéis" fica abaixo de 40 leks mensais.

Como a economia albanesa é planejada, a fixação dos preços é baseada, em boa parte, em critérios políticos. Os preços dos gêneros de primeira necessidade são achatados, o mesmo ocorrendo com os livros e os serviços públicos. O preço do quilo de farinha de trigo de primeira qualidade é de 5 leks, que equivale ao de uma dose de aguardente nos botecos da Albânia. Há o caso do preço das máquinas de lavar roupas, compatível com a política de liberação da mulher das tarefas domésticas: custam 170 leks (US$ 24,2).

As constantes oscilações do mercado internacional de produtos que a Albânia importa (café, açúcar e cacau, por exemplo) não interferem na vida dos albaneses. Há muitos anos, o quilo do açúcar custa 8 leks e o de café 90 (o de primeira qualidade) e 60 leks (o de qualidade inferior). Tampouco há variações de preço de região para região: um produto custa a mesma quantia em Tirana e nas mais remotas vilas das montanhas. A fixação dos preços não segue, enfim, as regras da lei da oferta e da procura — segue, como não se cansam de explicar os albaneses, uma política de melhoria das condições de vida do povo.

Paralelamente ao controle e redução dos preços, o governo albanês implantou, ao longo dos anos, uma política de eliminação gradual dos impostos e taxas e de aumento dos salários. Em 1950, apenas 26,4% do orçamento do Estado albanês provinham da economia socialista — a maior parte do restante ainda era de impostos e taxas. Em 1982, esse percentual subiu para 91,5. Os 8,5% restantes são provenientes de fontes como ingressos de cinema e teatro, "aluguel" de moradias etc. Em 1969 todos os impostos foram abolidos e o artigo 31 da nova Constituição trata do assunto de maneira direta e definitiva: "Os cidadãos não pagam qualquer tipo de imposto ou taxa".

No seu orçamento mensal, os albaneses têm apenas um

item de despesa fixa mensal: o pagamento da renda da moradia, que nunca tem peso superior a 10% de um salário. Como tanto o homem quanto a mulher trabalham, esse peso cai para índices insignificantes no orçamento familiar. Na vida de Lukova, os trabalhadores da Fazenda Estatal que ali funciona pagam no máximo 1,5% do seu salário pela casa ou apartamento onde moram. Critério idêntico é aplicado em outras fazendas estatais.

Nessa mesma fazenda, os trabalhadores das lavouras ganham em torno de 520 leks por mês, resultando numa renda familiar de mais de 1.000 leks mensais. Essa pode ser elevada se os filhos de 16 a 18 anos, além de estudar, ajudarem na produção. Nesse caso, cada um deles receberá um salário simbólico equivalente a 10% do rendimento do seu pai. A regra geral dos salários na Albânia é que o maior deles nunca será superior a duas vezes mais do que o menor. A proporção dos salários é estabelecida por lei. Por exemplo: numa mesma fábrica, o trabalhador que ganha mais não pode ter salário superior à proporção de 1:1,65 sobre o que ganha menos. Ou seja, se o trabalhador que ganhar menos tiver um salário mensal de 500 leks, por hipótese, o que ganhar mais não pode passar de 825 leks. Já a proporção do salário do diretor da fábrica, em relação ao do trabalhador que ganha menos, não pode ser maior do que 1:1,70.

Esse sistema funciona em todos os ramos de atividade. O diretor geral do Hospital Pediátrico de Korça, Anesti Çerkari, por exemplo, ganha 850 leks por mês. Um médico recém-formado chega ao hospital ganhando 650 leks mensais e, quando atingir a idade e o tempo de serviço do Dr. Çerkari, estará ganhando 800 leks. O cargo de diretor-geral de um hospital dá, portanto, direito a apenas 50 leks a mais de salário. Os vencimentos de um chefe de departamento de um ministério são 1,2 vezes superiores ao salário médio dos trabalhadores.

Todas as pessoas com quem conversei sobre o assunto disseram-me que a preocupação central, dentro dos princípios marxista-leninistas, era eliminar qualquer privilégio dos funcionários da administração sobre os demais trabalhadores. No Complexo industrial "Enver Hoxha", que fabrica tratores e autopeças, há operários especializados — no setor de fundição, por exemplo — que ganham mais do que os diretores. Isto embora ali o salário médio dos trabalhadores seja de 700 leks mensais, enquanto o dos diretores é de 1.000 leks. Um jornalista, por

exemplo, ganha entre 500 e 600 leks mensais. O menor salário que encontrei foi o de uma atendente de livraria numa pequena vila no sul do país, que ganhava 390 leks. Ela própria explicou que estava cumprindo um período de experiência, pois começara a trabalhar há pouco tempo.

A combinação da política de salários com outros ramos da economia popular é para elevar o nível de vida dos albaneses. A acumulação individual de capital, propiciada por um saldo positivo no orçamento doméstico, é livre mas alcança seus limites na prática. Não há salário tão acima das necessidades básicas que permita a prática de poupança individual, a ponto de criar capitalistas em potencial. Em potencial porque, também na prática, não há possibilidade visível de se investir algum dinheiro na Albânia para se obter rendimentos no estilo capitalista. Além do mais, as leis albanesas prevêem penas severas para punir quem ouse enveredar por esse caminho.

Certo dia, perguntei ao guia que me acompanhava se, com a renda familiar que ele e sua mulher obtinham, não lhes seria conveniente ir guardando algum dinheiro para enfrentar eventuais situações de emergência. Ele riu-se muito da pergunta e respondeu inicialmente com outra indagação:

— Pra quê?

Eu bati com os ombros e disse:

— Sei lá. Na vida surgem situações que a gente não espera. No Brasil é comum as pessoas se prevenirem, quando possível, para uma eventual doença, para o enterro de um parente e coisas dessa ordem. Sem falar, é claro, nos gastos puramente consumistas ou exageros ostentatórios que a classe média brasileira costuma fazer.

Ele apertou o meu braço e retrucou, num tom fraterno:

— Nós, albaneses, não temos situações desse tipo. Não temos medo de desemprego e de outros problemas que vocês têm. Temos tudo o que precisamos e nossos filhos terão ainda melhor. Não há por que se preocupar.

De todo jeito, os albaneses dispõem dos serviços do banco estatal para depositarem eventuais sobras no orçamento doméstico, sem juros e, obviamente, sem correção monetária, já que a moeda é estável. O quadro a seguir demonstra a evolução desses depósitos:

	1950	1960	1970	1978
Número de agências	24	1538	2146	3088
Número de depositantes (em milhares)	374	235	516	941
Média depositada por conta (em leks)	104	505	572	658

A jornalista Iliriana Agalliu, que trabalha na Rádio Tirana e serviu de intérprete durante a minha visita por falar português, economiza algum dinheiro para passar férias nas praias com seu marido e o filho. Todos os anos, os três fazem as malas, pegam o trem e vão para Durres, onde hospedam-se no melhor hotel daquele balneário. Para os albaneses, passar férias nas praias ao sol, esquiando nas montanhas ou descansando em outros cantos é coisa absolutamente normal. A renda familiar de Iliriana é inferior a de muitos operários ou trabalhadores de outras categorias.

Não há nenhum albanês, em condições de trabalhar, desempregado: o Estado assegura o pleno emprego. Por livre e espontânea vontade é provável que existam alguns que prefiram viver de donativos de amigos e parentes e curtir a vida no álcool, embora o alcoolismo não constitua um problema na Albânia. O jornalista iraniano que por lá esteve durante a minha visita assegurou-me ter visto um homem pedindo esmola quando esteve em Shkodra. Eu mesmo não vi. Todos compram o que necessitam à vista — não há vendas a prazo. A instituição do crédito comercial e as moedas paralelas não existem na Albânia.

CAPÍTULO XIV

ANDANDO COM AS PRÓPRIAS PERNAS

Do ponto de vista político, o governo albanês não tem nenhuma restrição a manter relações comerciais com o Brasil. Chega até mesmo a comprar produtos brasileiros — como o café — através de *trading companies* que operam na Europa. O problema que existe é que o Brasil compra e vende sob faturamento para pagamento posterior. O governo albanês considera, no entanto, que o faturamento é uma forma de crédito. Como todos os seus cidadãos, o Estado albanês não aceita comprar ou vender fiado — só com dinheiro vivo.

Esse procedimento é resultante da regra número um da economia albanesa: andar com as próprias pernas. A Albânia orgulha-se de não dever um tostão a país algum, desde 1978, quando rompeu relações com a China. Até aquele ano, 40% do comércio exterior (exportações e importações) da Albânia eram com a China. Com o rompimento, os albaneses procuraram diversificar ao máximo e, em 1982, já mantinham relações comerciais com mais de cinqüenta países. Dervish Gjiriti, alto funcionário do Ministério do Comércio Exterior, disse-me quais os critérios usados par ampilar o leque de parceiros comerciais:

— Queremos comerciar com o máximo de países possível e, para isso, não há barreiras ideológicas. Os únicos países com que, por princípio, não negociamos são os Estados Unidos, a União Soviética e os que têm uma política racista.

De fato, boa parte do comércio exterior albanês é feita com a Iugoslávia, país com o qual há sérias divergências políticas e uma antiga disputa territorial em torno da província albanesa de Kosova (veja o capítulo seguinte). A Albânia divide seu comércio em três zonas. Na primeira, negocia em rublos com Checoslováquia, Rumênia, Hungria, Coréia, Vietnã e Cuba, por meio de acordos de cinco anos com protocolos anuais. Nessa área, o rublo serve apenas para efeito de cálculo, uma vez que o pagamento é feito com mercadorias. Na segunda zona — a do dólar — estão principalmente a Iugoslávia e a Turquia, com os quais há acordos de longo prazo. Na terceira, estão todos os demais países com os quais mantém relações comerciais sem acordos específicos.

Pelo fato da Albânia ser um país essencialmente agrícola, seria de se esperar que suas exportações saíssem principalmente desse setor. É certo que a criatividade dos albaneses abriu alguns mercados insólitos — eles descobriram que a França era um bom mercado para rãs e passaram a criá-las em viveiros, garantindo boas vendas. Cerca de 70% das exportações albanesas são, no entanto, de produtos industrializados. *DS, Arberia* e *Tarabosh,* por exemplo, são marcas de cigarros albanesas muito apreciados e consumidos na Iugoslávia. Já os cubanos são bons compradores de conhaque. A maior parte das exportações de frutas e legumes é em conserva.

O subsolo albanês é rico em minérios estratégicos como cobre, níquel, cobalto e, principalmente, cromo. A Albânia é o terceiro produtor mundial e o segundo maior exportador de cromo — no entanto, praticamente não exporta o minério *in natura,* preferindo vendê-lo enriquecido, concentrado ou transformado em ferro-cromo. O mesmo ocorre com o petróleo, produto que a Albânia tem para exportar. Mas não exporta o petróleo bruto, vende derivados.

Em contrapartida, as importações albanesas também são, em sua maior parte, de produtos industrializados, especialmente máquinas, equipamentos, peças, automóveis e caminhões. Nas estradas, os modernos caminhões, normalmente de fabricação iugoslava, já substituem os antigos, que eram produzidos na União Soviética ou na China e ainda circulam pela Albânia. Os albaneses consideram que, por falta de escala, não valeria a pena produzir automóveis e caminhões, o que não ocorre, entretanto, com os tratores.

Por mais orgulhosos que sejam do desenvolvimento industrial de seu país, os albaneses ressalvam constantemente que o parâmetro que usam, para efeito de comparação, é a Albânia de antes da revolução. Era um país paupérrimo, com uma agricultura atrasada e com uma indústria praticamente inexistente. O que se poderia chamar de parque industrial albanês daquela época era formado de pequenas fábricas processadoras de tabaco ou da área têxtil e empresas artesanais que lidavam com objetos de couro e prata. Em 1980, o setor industrial contribuiu com 66% da renda nacional albanesa.

Refinarias de petróleo, usinas siderúrgicas, complexos metalúrgicos, indústrias químicas (especialmente de fertilizantes), mecânicas, têxteis, eletrônicas, dos mais diversos ramos enfim, cobrem a Albânia de norte a sul. Todos os recursos naturais disponíveis são utilizados, ao contrário de outros países classificados como "em desenvolvimento", em favor do povo albanês. A não ser no caso de aços especiais, o país é hoje auto-suficiente em produtos siderúrgicos, produzidos no complexo industrial de El Basan.

À época da revolução, praticamente não havia energia elétrica no país. Seis anos depois, em 1951, foi inaugurada a hidrelétrica Lênin, numa montanha das cercanias de Tirana, com a modesta capacidade de 5 mil kw/hora. A Albânia entrou na década dos 80, no entanto, dispondo de energia elétrica em abundância, cobrindo todas as suas necessidades e dando-se ao luxo de exportar eletricidade para a Iugoslávia, Grécia e Itália. O rio Drim, que desce desde a Iugoslávia até o Adriático, detém o maior potencial hidrelétrico do país. Nesse rio já existem duas usinas e uma terceira, a de Comani, entrará em operação em 1985, com uma capacidade de 600 mil kw/hora.

Embora sua capacidade total represente a de uma das dezoito turbinas de Itaipu, para os padrões europeus essa hidrelétrica albanesa é um grande projeto. Trata-se, de fato, de uma obra gigantesca, especialmente pela topografia da área onde foi erguida: o rio Drim esgueira-se tortuosamente por entre montanhas elevadas. A barragem para formar o reservatório da usina veda a passagem da água entre duas montanhas. A única forma encontrada para desviar o rio foi através de um túnel que cruza uma das montanhas.

Com exceção dos equipamentos pesados — as turbinas, por exemplo, foram importadas da França — a obra é inteiramente albanesa, desde os projetos de engenharia até sua construção. A hidrelétrica de Fierza, que produz 400 mil kw/hora

na parte mais elevada do próprio rio Drim, foi construída parcialmente com auxílio da China. O rompimento das relações entre os dois países deu-se, no entanto, em meio à construção e os técnicos chineses retiraram-se, levando inclusive os projetos. A obra foi concluída normalmente, depois do breve impacto causado pela saída dos chineses.

Foi principalmente após o rompimento com a China que os albaneses deram grande vigor à política do "desenvolvimento com as próprias forças". Essa política não significa, por exemplo, que só será montada uma indústria se o país tiver condições de produzir as máquinas e equipamentos necessários. No setor têxtil, apenas para se ter uma idéia, o índice de nacionalização dos equipamentos é de apenas 40%. Em todos os ramos de atividade há indústrias modernas, com boa parte dos equipamentos importados dos mais variados países, sempre com pagamento à vista.

Ao invés de exportar minério de cobre, a Albânia transforma-o em metal. Os lingotes são levados de Rubik para Shkodra, onde são transformados em setecentos diferentes tipos de fios e cabos condutores, exportados para trinta países. É uma indústria moderna, com elevado nível técnico. Com empreendimentos desse tipo, dando prioridade para a indústria pesada, é que a indústria albanesa deverá crescer de 36 a 38% durante o plano qüinqüenal 1981/85, atraindo para si 46% do investimento total do Estado no período, segundo as metas fixadas no 8.º Congresso do PTA. Só a produção de petróleo aumentará de 56 a 60%.

O 7.º Plano é o primeiro a ser executado inteiramente sem nenhum tipo de auxílio externo. À época de Stalin, a União Soviética manteve boas relações com a Albânia e contribuiu decisivamente para a afirmação da economia popular albanesa, mas as relações foram rompidas com a ascensão de Kruchev. Como a China mantinha, também, uma postura anti-soviética houve uma aproximação natural, até que, em 1978, o governo albanês considerou que a política chinesa não era marxista-leninista e denunciou-a como oportunista, que visava criar dependência e dominação. A política externa albanesa, inclusive no plano comercial, enjeita qualquer tipo de relacionamento que possa criar dependência, especialmente financeira.

CAPÍTULO XV

MIL ANOS DE DOMINAÇÃO

Apesar dos albaneses realçarem os valores dos heróis da luta de libertação, o grande herói nacional viveu de 1405 a 1468 e é o símbolo da resistência à dominação estrangeira. É Jorge Kastriote, mais conhecido como Skanderbeg, comandante da resistência albanesa às primeiras tentativas de dominação do Império Otomano, que via na Albânia uma peça fundamental para aventuras Europa adentro, que de fato ocorerram. O segredo de suas vitórias estava no fato de, pela primeira vez, ter conseguido a unificação política e militar dos príncipes feudais albaneses, criando-se ali o símbolo da águia negra de duas cabeças, que hoje é a bandeira do seu país.

Filho de senhor feudal albanês, Skanderbeg foi criado pelo imperador turco Mehmet I e tornou-se general do exército otomano com apenas 22 anos de idade. Numa expedição turca à Albânia dominada, ele passou para o lado de seu povo e libertou a cidade de Kruja, então capital do país. Três grandes expedições turcas — 1450, 1466 e 1467 — foram derrotadas ao tentar vencer as muralhas de Kruja e tomar a cidade. Dez anos depois da morte de Skanderbeg, no entanto, a Albânia caiu sob o domínio do Império Otomano e estavam definitivamente abertas as portas da Europa para o avanço dos turcos.

Para o visitante que chega à Albânia, não há como ignorar Skanderbeg. Na principal praça de Tirana, que leva seu nome,

há uma enorme estátua eqüestre do grande herói, com suas longas barbas e trajes de guerreiro da sua época, (peças dessa vestimenta estão hoje no museu de Viena). Todos no país conhecem bem sua história e ressaltam suas qualidades como comandante militar: sua principal tática era a chamada "defesa ativa", em que ele próprio e os melhores batalhões de que dispunha ficavam do lado de fora das muralhas cercadas, aplicando golpes de surpresa no inimigo e refugiando-se nas montanhas. Uma de suas batalhas contra os turcos é narrada com grande talento pelo escritor Ismail Kadaré, em seu romance *Os Tambores da Chuva,* publicado em português pela Editora Maria da Fonte, de Portugal.

Num dos lados da Praça Skanderbeg está um grande edifício, todo branco, onde funciona o Museu Histórico de Tirana. Depois de percorrer todos os setores do museu, para o que se gasta mais de duas horas, obtém-se a nítida visão de que a história da Albânia é uma história de dominações, que somadas ficam em torno dos mil anos. O que mais impressiona é que a língua albanesa, classificada pelo Museu do Homem de Paris como autônoma, sobreviveu ao jugo de outros povos. Durante o domínio turco iniciado em 1478 o uso do albanês era oficialmente proibido e a primeira escola que ensinava no idioma pátrio veio surgir, com muita luta, mais de quatro séculos depois — foi criada em Korça, em 1887. Só nos primeiros anos do século XX é que foi elaborado e publicado o alfabeto albanês que hoje vigora no país. Isto embora muitos livros tenham sido publicados em albanês antes dessa data, o primeiro dos quais era uma obra de cunho religioso, de autoria de Gjon Buzuku, datada de 1555.

Já na segunda metade do século passado, o crescente desmantelamento do Império Turco, agravado com a guerra da Criméia, fez surgir nos países balcânicos interesse sobre o território albanês. Em 1861 os governos da Grécia e da Sérvia mantiveram negociações, então secretas, para repartir entre si o território albanês, tão logo os turcos se retirassem. Com a derrota da Turquia na guerra contra a Rússia os dois países assinaram um tratado em que partilhavam a Albânia entre Sérvia, Montenegro, que hoje são repúblicas iugoslavas, e a Bulgária. Enquanto isso, porém, tomava força um amplo movimento conhecido como Renascimento Nacional Albanês, que tinha três objetivos básicos: libertação do jugo turco, defesa da integridade territorial e soberania nacional da Albânia, e luta

pelo renascimento nacional nos campos da educação e da cultura.

A historiografia albanesa registra que, com a decisão russa, ratificada em 1878 no Congresso de Berlim, a "única alternativa era empunhar armas para defender cada palmo de terra albanesa". Em abril de 1900, a exemplo de Skanderbeg, o albanês Ismail Qemali, que exercia importantes cargos no governo otomano, exilou-se e passou a desenvolver intensa atividade em prol da libertação de seu país. Em 1905 tiveram início os conflitos armados contra os turcos, que se alastraram rapidamente por todo país, tendo Qemali como seu principal líder.

A partir de 1910 ocorreram grandes insurreições populares, especialmente na região de Kosova, que ainda hoje encontra-se sob o domínio da Iugoslávia. Em 28 de novembro de 1912 foi hasteada a bandeira albanesa e declarada a independência do novo Estado, em Vlora. Mas já no ano seguinte, a Conferência de Embaixadores, em Londres, decidiu delimitar as fronteiras do novo país, deixando de fora metade da sua superfície e da sua população. Além disso, foi enviado o príncipe alemão Wilhelm Wid para criar um novo governo no país, formado por senhores feudais, entre os quais Esad Bajá Toptani, que seria assassinado em Paris em 1920.

Mas isso coincidiu com a eclosão da Primeira Grande Guerra e a Albânia logo foi invadida, de um lado, pela Itália e, de outro, pela Grécia. O tratado firmado pelos países da *Entente* em Londres, em 1915, repartia o território albanês entre a Itália, Grécia, Sérvia e Montenegro. Após o fim da guerra, os albaneses chegaram a ter assento na Conferência de Versalhes, em 1919, o que de nada adiantou para resolver a situação do país. No ano seguinte, foi realizado um Congresso Nacional dos Patriotas Albaneses, que estabeleceu um novo governo, com sede em Tirana. Iniciou-se então uma luta vitoriosa para expulsar os italianos da região de Vlora.

Foram criados dois partidos políticos. Um representava os interesses dos latifundiários, principalmente: o Partido Progressista. O outro, o Partido Popular, liderado principalmente por Fan Noli, buscava representar os interesses das amplas massas. Ahmet Bey Zogolli, mais conhecido como Ahmet Zogu, um senhor feudal extremamente reacionário assumiu o poder. Formou-se o movimento *Bashkimi* (União), que liderou uma rebelião popular e destituiu o governo de Zogu, em junho de

1924. Foi formado um governo democrático presidido por Fan Noli, um intelectual respeitado na Europa. Em dezembro do mesmo ano, no entanto, Zogu invadiu a Albânia e retomou o poder, declarando-se presidente e estabelecendo uma ditadura truculenta.

Desde logo, Zogu assinou dois tratados com a Itália, abrindo as portas da Albânia ao vizinho país, que passou a controlar a economia e a fornecer forte "assistência militar". Em 1.º de setembro de 1928, com apoio de Benito Mussolini, o presidente da Albânia proclamou o reino da Albânia e declarou-se rei. E, em abril de 1939, com a deflagração da Segunda Grande Guerra, as tropas fascistas italianas entraram na Albânia e o país ficou novamente sob dominação estrangeira.

O filho do rei Zogu I, que se auto-intitulou Leka I, vivia numa vila na Espanha até a queda do regime de Franco; na ocasião, foi convidado a deixar o país, indo para Zimbabwe (então Rodésia) e posteriormente para a África do Sul. Em setembro de 1982, Leka, que mantém um exército particular formado por alguns mercenários, aventurou-se a "retomar o reino" do seu pai e promoveu uma "invasão" da Albânia pela costa adriática. A tentativa do "rei" durou poucas horas e sua tropa de mercenários foi classificada pela revista *Veja* (edição de 6/10/1982) de "brancaleônica unidade", numa referência ao trapalhão Brancaleone, personagem de filmes do cineasta italiano Mario Monicelli.

Com a invasão italiana, o rei Zogu I deixou o país com sua família. Ao mesmo tempo que se sucediam governos colaboracionistas, crescia a luta contra os dominadores. Os comunistas, organizados desde a década de 20 em diferentes grupos, estavam à frente da luta e, a 8 de novembro de 1941, foi criado o Partido Comunista da Albânia, tendo como secretário o professor Enver Hoxha, nascido em Girocastra, em 1908. Por iniciativa do PCA, realizou-se em 1942 a Conferência de Libertação Nacional, em Peza (cidade a 18 quilômetros de Tirana), que unificou as correntes que se opunham à dominação. No ano seguinte, quando foi criado seu Estado-maior, o Exército de Libertação Nacional contava com 10 mil homens organizados em tropas guerrilheiras. Em junho de 1943, tropas do exército nazista alemão, que cruzavam pelo território albanês da Macedônia para a Grécia, foram praticamente dizimadas pelos guerrilheiros.

Uma organização fascista albanesa, de nome *Balli Kombetar* (Frente Nacional) passou às armas para ajudar os invasores. Com a capitulação da Itália ante as forças aliadas, em setembro de 1943, a Albânia foi ocupada pelas tropas alemãs. A essa altura, várias partes do país já eram consideradas áreas liberadas e a própria capital estava cercada pelas forças guerrilheiras. Em 22 de outubro de 1944, o Comitê Antifascista de Libertação Nacional foi transformado em governo democrático, que em 17 de novembro do mesmo ano entrava em Tirana vitorioso. Era a libertação nacional.

Os albaneses procuram deixar claro — e também o faz o Museu Histórico de Tirana — que tantos anos de dominação e tentativas de retaliação do território albanês forjaram naquele povo o forte sentimento nacional que tem. Mais do que isso: faz com que rejeite, com maior vigor do que outros povos, qualquer insinuação de dominação. Talvez seja este o único país no mundo a ter dois nomes: Albânia é para uso externo e foi emprestado aos albanois, um povo que viveu naquela região. Para os albaneses, porém, seu país chama-se *Shqiperi,* que significa "o país das águias".

A historiografia oficial albanesa remonta a origem do povo albanês ao século V a.C., quando povos ilírios da Europa Central deslocaram-se para a costa do Adriático, formando ali estados autônomos. Peças guardadas em museus e sítios arqueológicos, como o da cidade de Butrint, descoberta em escavações próximo a Saranda, comprovam essa tese. E já naquela época iniciou-se a tradição de dominações que a Albânia acumulou no passado: no ano 167 a.C. os romanos invadiram a região e a mantiveram sob ocupação durante vários séculos. Nos séculos IV e V a região foi invadida pelos Visigodos e pelos Hunos. Em 1082 foi a vez dos Normandos e, pouco depois, marcharam por ali as forças da Primeira Cruzada.

Ao visitar a Albânia, percebe-se que, ao contrário do que volta e meia se ouve dizer, o país não vive isolado. Ao contrário, especialmente após o rompimento com a China, os albaneses têm procurado ampliar consideravelmente seus laços com outros governos e povos, independentemente do aspecto comercial. À época da minha visita, eles mantinham relações diplomáticas com 96 países, enquanto as relações de comércio eram com pouco mais da metade desse número. Além disso, em 35 países existem comitês ou associações de amizade, cuja função principal normalmente é difundir pelo mundo afora o socialismo implantado na Albânia. Essas associações nada têm a ver com

o governo albanês, especialmente no que se refere à questão de finanças. Os membros dessas associações que visitam a Albânia o fazem por conta própria.

Durante minha estada no país, fiquei conhecendo o presidente da Associação da Amizade da Noruega, Svein Atle Jacobsen, que visitava a Albânia pela terceira vez. Ele ficou conhecendo o país mais ou menos ocasionalmente, segundo me contou. Sua filha, que então estudava Medicina, chegou um dia em casa e informou que pretendia visitar a Albânia. Svein foi objetivo:

— De modo algum. Não vou deixar. Sabe lá o que vai acontecer a você?

Como sua filha se mantivesse irredutível, ele encontrou uma forma de resolver o problema sem criar um cisma familiar:

— Então está certo — disse ele — mas eu vou com você. Assim, o que aqueles malucos comunistas fizerem com você vão ter que fazer comigo também.

Depois de passar duas semanas na Albânia, Svein, que em seu país é veterinário e colaborador de alguns jornais, voltou para a Noruega e fundou a Associação da Amizade, "convencido pelos fatos", conforme disse.

Os albaneses afirmam que, tanto interna como externamente, aplicam os princípios marxista-leninistas do socialismo científico. Após a libertação de seu país, os albaneses empenharam-se na luta da resistência iugoslava mas, em 1950, rompeu relações com a Iugoslávia por considerar que o governo daquele país, sob o comando de Josip Broz Tito, procurava rever os princípios do marxismo-leninismo. Com a morte de Stalin, em 1953, e a ascensão de Kruchev ao poder, as relações entre os dois países complicaram-se e os albaneses não pouparam severas críticas à política do governo soviético, tanto interna como externamente. A Albânia impediu, inclusive, que a União Soviética implantasse uma base militar em seu território. Em 1961, houve o rompimento definitivo de relações entre Tirana e Moscou, vindo posteriormente (1962) a saída da Albânia do Comecon e (1968) do Pacto de Varsóvia.

Como o governo de Kruchev mantinha política idêntica com a China e a Albânia, houve uma aproximação natural entre os dois países — ambos tinham em comum principalmente o fato de considerar a política externa soviética como imperialista, com alta dose de intenções hegemônicas. Logo, porém, a Albânia passou a discordar de procedimentos chineses, inclu-

sive em relação à organização do próprio Partido Comunista Chinês que, ao contrário do que pregava Lênin, aceitava a existência de correntes divergentes, ao invés de manter uma linha única. A posição da Albânia, que coincidia com a posição de organização marxista-leninistas em várias partes do mundo, levou ao rompimento das relações entre os dois países, em 1978 (veja os Apêndices).

Com a Iugoslávia existe o agravante da chamada "Questão de Kosova", que ficou como uma província da federação iugoslava. Como a maioria dos habitantes da região é albanesa, a Albânia sempre reivindicou a incorporação daquela área ao seu território. O país vizinho sempre argumentou, entretanto, que Kosova pertencia à Sérvia, que após a Segunda Grande Guerra tornou-se uma das repúblicas da Iugoslávia. Mais recentemente a Iugoslávia passou a acusar a Albânia de responsável pelas manifestações populares ocorridas em Kosova — principalmente depois de 1981 — cuja reivindicação básica é autonomia para a província, como forma de solucionar os sérios problemas econômicos e sociais que enfrenta. A posição oficial do governo albanês, no entanto, é a de que os habitantes de Kosova é que devem decidir seus destinos.

De ambos os lados, a opinião é que a situação em Kosova tende a se agravar, inclusive porque a repressão da polícia iugoslava às manifestações que lá ocorrem normalmente, têm grande repercussão em toda a Europa. Os albaneses protestam oficialmente contra essa repressão, alegando que o povo de Kosova tem o direito de decidir sobre os seus destinos.

As relações externas da Albânia refletem, segundo os albaneses, seu espírito de luta em defesa de seus princípios, com "grande amizade aos amigos e com chumbo a quem precisa", como eles costumam dizer. Esse espírito, o visitante sente o tempo todo. Já a caminho do aeroporto, na hora de partir, o visitante, como eu, pode perceber os grandes cartazes afixados na estrada: desenhos de albaneses, em posição de luta, empunhando dois instrumentos que são seus símbolos da libertação: a picareta e o fuzil.

APÊNDICE 1

NOTA DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA CHINA SOBRE A DECISÃO DESSE PAÍS DE ENCERRAR SUA AJUDA À ALBÂNIA E RETIRAR SEUS TÉCNICOS (7 DE JULHO DE 1978)

O Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China apresentou em 7 de julho de 1978, à Embaixada da Albânia na China, uma nota sobre a decisão chinesa de pôr um fim a ajuda à Albânia, retirando seus técnicos do território albanês. Eis aqui o texto integral da nota:

À Embaixada
da República Socialista Popular da Albânia na China

O Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China apresenta seus cumprimentos à Embaixada da República Socialista Popular da Albânia na China e tem a honra de declarar o que se segue:

A partir do desejo de promover a amizade entre os dois povos, de desenvolver relações de amizade entre os dois países, e de acordo com os princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, o governo chinês, a pedido do governo albanês, tem dispensado desde 1954 ajuda econômica e militar à Albânia. A execução dos acordos concluídos entre a China e a Albânia exigiu do governo chinês uma despesa de

mais de 10 bilhões de yuans (Renminbi), dos quais a maior parte já está empregada. A China aceitou ajudar a Albânia a empreender um total de 142 projetos, dos quais 91 estão terminados, 23 estão praticamente finalizados ou em realização, e 17 ainda se encontram em fase de estudos. A assistência chinesa permitiu à Albânia erguer todos estes novos setores industriais: siderurgia, adubos químicos, soda cáustica, ácidos, vidraçaria, tratamento de couros, papel, matérias plásticas, armamentos etc. Além disso, a ajuda chinesa contribuiu, através da realização dos novos projetos, para o desenvolvimento dos ramos industriais já existentes na Albânia — como os de eletricidade, carvão, petróleo, construção mecânica, indústrias leves, têxteis e de materiais de construção, as comunicações e a radiodifusão — aumentando consideravelmente sua capacidade de produção. A China forneceu gratuitamente à Albânia grandes quantidades de armas e equipamentos. E enviou ininterruptamente à Albânia cerca de 6 mil técnicos para a execução de projetos com assistência chinesa. A China formou um grande número de técnicos na Albânia, nos campos econômico e militar, dos quais mais de 2 mil treinados na própria China. Toda pessoa imparcial compreende que a China executou escrupulosamente, sem qualquer violação, os acordos sobre a assistência à Albânia, e que sua ajuda foi um reforço ao desenvolvimento da economia e à edificação da defesa nacional daquele país.

A China ajudou a Albânia num momento em que ela mesma passava por numerosas dificuldades. Entregamos 1.800.000 toneladas de cereais, embora não os tivéssemos em abundância. Fornecemos mais de um milhão de toneladas de produtos siderúrgicos, a despeito da insuficiência da produção chinesa de aço. Doamos à Albânia mais de 10 mil tratores, quando o grau de mecanização agrícola em nosso país é ainda pequeno, e precisamos contar principalmente com o trabalho de homens e animais de tração. Apesar da fraqueza de nosso setor de produção elétrica, demos à Albânia ajuda que permitiu terminar, ou deixar praticamente terminada, a construção de seis centrais de diversos tamanhos, totalizando uma potência instalada de 885 mil kw, de forma que a produção de eletricidade da Albânia hoje ultrapassa as necessidades do país. Fornecemos às Forças Armadas carros de combate e aviões caça de fabricação chinesa, antes mesmo de equipar nossas próprias tropas. Quando houve necessidade de equipamentos completos para a usina de adubos nitrogenados de Fier, e não podíamos fabricá-los na China, nós

os compramos com divisas que nos eram indispensáveis, para reexportá-los para a Albânia. Conduzimos experiências especiais durante mais de dez anos, gastando mais de 100 milhões de yuans (Renminbi) para o complexo metalúrgico albanês, utilizando como matéria-prima uma liga paragênese em lotevita composta de níquel, cobalto, ferro e cromo, porque não tínhamos a experiência prática e nos era impossível adquirir no mercado internacional a tecnologia e os equipamentos necessários. Das 29 fábricas deste complexo, 20 já estão prontas e funcionando. Este projeto permitiu à Albânia produzir ferro e aço, pela primeira vez, em março de 1976.

A China tem uma base econômica e técnica escassa, e, além do mais, nos últimos anos, a economia nacional foi afetada pela sabotagem de Lin Piao e do Bando dos Quatro, e também por graves calamidades naturais. Nós não estivemos, portanto, em condições de satisfazer inteiramente os pedidos crescentes de ajuda da Albânia, nem de lhe dar tudo o que desejava e queria. Entretanto, o povo chinês pode dizer, com a consciência tranqüila que, animado do espírito do internacionalismo proletário, desenvolveu o máximo de esforços, economizando na vestimenta e alimentação, para ajudar a Albânia.

Convém também sublinhar que, nestes últimos anos, a parte albanesa sem cessar atacou, através de insinuações, a política interna e externa da China e, apesar disso, nós continuamos a cumprir com nosso dever. Em 1975, concedemos um novo empréstimo sem juros de 500 milhões de yuans (Renminbi) e assinamos um novo acordo de ajuda militar gratuita. Desde o 7.º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, em novembro de 1976, os dirigentes albaneses têm atacado abertamente e com perfídias o grande dirigente do povo chinês, o presidente Mao, e o Partido Comunista Chinês, ferindo gravemente os sentimentos do povo chinês. Mesmo nestas circunstâncias, a China, guardando no coração a amizade entre os dois povos, continuou a ajudar a Albânia. E os técnicos chineses continuaram a executar os acordos e a trabalhar em seus postos. Desde 1977 até hoje, a China expediu para a Albânia cerca de 300 mil toneladas de material dentro da ajuda econômica e militar; ajudou o país a realizar ou praticamente concluir dez projetos; aceitou o pedido do governo albanês adiando para o período 1991-2000 o pagamento do crédito de 217 milhões de yuans (Renminbi) que deveria ocorrer antes de 1980; e ainda assinou um acordo de fornecimento, sem reembolso, de peças

sobressalentes para equipamentos militares. Os sentimentos sinceros de amizade do governo e do povo chinês para com o povo albanês, e seu desejo de preservar a cooperação entre os dois países, não escaparam ao povo, aos quadros e soldados albaneses.

Os dirigentes albaneses exaltaram por diversas vezes a ajuda chinesa. Em 1971, o primeiro-secretário do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha, no relatório apresentado ao 6.º Congresso do partido, disse que a China tinha dado à Albânia uma "ajuda considerável, desinteressada e internacionalista", e afirmou: "o povo albanês e o Partido do Trabalho da Albânia são profundamente reconhecidos ao povo chinês, ao glorioso Partido Comunista Chinês e ao presidente Mao Tsé-Tung pela ajuda fraternal que deram à construção socialista, à potência e à prosperidade de nossa pátria socialista". Em carta endereçada em novembro de 1975 em nome do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, ao presidente Mao, ao primeiro-ministro Chou En-Lai e ao Comitê Central do PCC, Enver Hoxha e Mehmet Shehu, enfatizaram: "A República Popular da China também ajudou a República Popular da Albânia no domínio da defesa nacional, fornecendo-lhe sem contrapartida armas, munições e equipamentos. Esta ajuda em matéria de defesa reveste-se de importância maior para o nosso povo e nosso partido".

Movida por necessidades políticas internas e externas, a Albânia intensifica suas atividades antichinesas no plano político, e agora denigre sem envergonhar-se a ajuda chinesa, e dedica-se à destruição da cooperação econômica e militar entre os dois países. Entre numerosos fatos, citamos apenas alguns, a título de exemplo:

1. Durante o primeiro trimestre de 1978, quando o vice-ministro albanês da Indústria e das Minas participava de conversações sobre a realização, com assistência chinesa, de projetos como o complexo metalúrgico, ele nos pediu arbitrariamente que, sem os resultados dos experimentos, fixássemos um calendário de entrega de planos e equipamentos destinados às fábricas de laminação de chapas a frio, de tubos sem costura e da fundição. Como nós não aceitamos esta exigência pouco razoável, ele recusou continuar as consultas, afirmando que o que a parte albanesa havia dito era "definitivo e categórico", e interrompeu as discussões de forma insolente. Isto não apenas impediu que fossem resolvidas, através das consultas, numerosas

questões em suspenso, mas interrompeu o trabalho de assistência sobre as fábricas de laminação de chapas a quente e de soldagem de tubos, trabalho sobre o qual as duas partes já tinham chegado a um acordo.

2. A refinaria de petróleo polivalente de Ballsh funciona sob temperatura elevada e altas pressões, e seus produtos são inflamáveis e explosivos. Os técnicos chineses deram, há muito tempo, indicações detalhadas aos responsáveis e aos operários da usina, insistindo sobre a necessidade de observação estrita das regras de operação. Mas, depois da entrada em operação da refinaria, no início de 1978, a parte albanesa não seguiu as indicações técnicas dadas pelos especialistas chineses, nem respeitou as regras de operação, de forma que, em menos de três meses, oito acidentes graves aconteceram. Por exemplo: de acordo com as instruções, o teor de água do petróleo bruto utilizado na unidade de refino e hidrogenação não pode ultrapassar 1%, mas a parte albanesa utilizou petróleo cujo teor de água atingia 70%, provocando assim a parada da unidade. O mais grave é que a parte albanesa, sem o conhecimento dos técnicos chineses, fechou as válvulas do dispositivo de coquefação, colocado em marcha normal, para fazê-lo funcionar sob temperatura excessiva. Esta maneira de agir visava, sem dúvida alguma, criar acidentes graves, para atribuir a responsabilidade aos técnicos chineses e denegrir a imagem da China.

3. Durante a construção de uma base naval com assistência gratuita da China, foi assinalada a existência de infiltrações devidas a erros na prospecção geológica realizada pela parte albanesa, e as obras foram suspensas. Em outubro de 1977, a parte albanesa pediu à parte chinesa que enviasse especialistas para ajudar a resolver o problema. Depois de levar algum tempo para estudar a solução, a parte chinesa deu uma resposta afirmativa ao pedido em janeiro de 1978. Ora, a parte albanesa, sob o pretexto de que esta resposta demorara muito, mudou de idéia e iniciou sozinha a construção da base, interrompendo assim a assistência chinesa ao projeto. Além disso, aproveitou a ocasião para atacar a ajuda militar chinesa em todos os aspectos, acusando a China de "prejudicar"' a defesa nacional da Albânia.

4. Em março de 1978, a parte chinesa deu conhecimento à parte albanesa da necessidade de que uma peça dos helicópteros ZHI-5, fornecidos pela China, fosse remetida à fábrica para verificação e reparos, porque haviam sido constatados de-

feitos no processo de fabricação. Era uma demonstração de boa vontade, que deveria encontrar eco positivo da parte albanesa. Ora, esta recusou-se a enviar a peça à China, e além disso afirmou que a China seria responsável por qualquer acidente. Que absurdo!

5. Segundo os acordos e os procedimentos normais de engenharia, a produção experimental só pode ser feita depois de reunidas as condições necessárias. Mas, com referência aos projetos de ampliação da fábrica de máquinas "Enver" e da mina de carvão de Valis, a parte albanesa impôs em maio de 1978, aos técnicos chineses, a decisão de iniciar a produção experimental na falta das condições requeridas. Quando os técnicos chineses manifestaram seu desacordo, a parte albanesa partiu sozinha para a produção, afirmando que a parte chinesa deveria assumir a responsabilidade por qualquer problema que pudesse surgir. Quanto a projetos cuja produção experimental já fora cumprida, como o alto-forno e outros setores do complexo metalúrgico, a parte albanesa, violando acordos e sob pretextos diversos, recusou-se a assinar documento sobre a entrada em serviço destas unidades.

6. Segundo os acordos, a parte chinesa apresenta faturas a cada entrega de equipamentos e de material de um projeto e, no momento do acerto de contas definitivo, as duas partes confirmam o custo do referido projeto e quitam — se for o caso — o saldo. Esta era uma prática adotada pelas duas partes há mais de vinte anos. Entretanto, em maio de 1978, a parte albanesa de repente recusou aceitar 25 faturas enviadas pela parte chinesa, no valor de 100 milhões de yuans (Renminbi) as quais representavam o custo dos equipamentos e do material fornecido de dezembro de 1977 a abril de 1978 para projetos executados com assistência chinesa, e também seus custos de transporte marítimo, desembolsados pela parte chinesa. Esta violação dos acordos impediu o prosseguimento do trabalho normal dentro do quadro de cooperação entre os dois países.

7. Como a parte albanesa não tivesse dado atenção às indicações dos técnicos chineses, um problema surgiu no alto-forno do complexo metalúrgico. A 17 de março de 1978, os técnicos chineses descobriram o problema e imediatamente informaram à direção da empresa, e por diversas vezes propuseram medidas eficazes para combatê-lo, mas não foram ouvidos. Somente em 22 de maio a Sociedade de Importação de Máquinas da Albânia fez saber à parte chinesa que gostaria que fosse

enviado um especialista chinês. Enquanto o pedido era examinado, na perspectiva de ser logo atendido, o Ministério das Relações Exteriores albanês enviou uma nota à parte chinesa, no dia 31 de maio, na qual exigia arbitrariamente o envio de especialistas à Albânia em dois ou três dias e afirmando que, caso contrário, a parte albanesa procederia aos reparos necessários, ficando a responsabilidade de quaisquer conseqüências à parte chinesa. Nenhum Estado soberano poderia aceitar tal pedido com cunho de ultimato e, além disso, era um pedido impossível de satisfazer. Apesar disso, preocupada em preservar a cooperação entre os dois países, a parte chinesa informou à parte albanesa de que, se desejasse realmente o envio de um especialista chinês, deveria enviar uma nota, pois o pedido seria favoravelmente considerado. A parte albanesa, entretanto, recusou-se a enviar a nota. Estas atitudes mostram que a parte albanesa criou deliberadamente dificuldades para sabotar a cooperação.

8. Em 29 de abril e 20 de maio de 1978, o Ministério das Relações Exteriores da Albânia enviou à embaixada da China notas carregadas de acusações sem qualquer fundamento, afirmando que os técnicos chineses "tinham o propósito deliberado de prejudicar a economia albanesa", e que a China, "em violação" aos acordos, "levantou obstáculos" à concessão de assistência à Albânia, "trazendo graves prejuízos" à economia albanesa. A 7 de junho de 1978, o Ministério das Relações Exteriores da China enviou à parte albanesa uma nota de resposta, na qual exprimia seu desejo de que os dois países, através de notas, trocassem pontos de vista e acertassem as divergências surgidas na cooperação bilateral, para que esta pudesse continuar. Entretanto, o embaixador da Albânia na China recusou-se a aceitar esta nota, e a resolver estes problemas através de consultas entre os dois países.

Todos estes fatos mostram que a direção albanesa está decidida a ir cada vez mais longe em sua linha antichinesa, violando deliberadamente os acordos concluídos entre as duas partes sobre a assistência da China à Albânia, caluniando e incriminando os técnicos chineses, e sabotando sistematicamente, de acordo com um plano premeditado, a cooperação econômica e militar entre os dois países. Isto nos coloca diante da impossibilidade de continuar nosso trabalho de assistência. Além do mais, está bloqueada a via da resolução dos problemas através de consultas. Nestas circunstâncias, o governo chinês não tem

outra escolha senão pôr um fim à sua ajuda econômica e militar à Albânia, suspender os pagamentos a título de assistência a esse país, e chamar de volta os seus técnicos econômicos e militares que trabalham na Albânia. O governo chinês espera que o governo albanês dê aos técnicos chineses facilidades para o retorno ao seu país. Se as relações de cooperação econômica e militar entre os dois países foram sabotadas, isto se deve exclusivamente ao lado albanês, ao qual cabe a inteira responsabilidade.

O governo chinês confere, de forma imutável, alto valor à amizade que liga os povos chinês e albanês, e espera ainda que relações normais poderão manter e desenvolver-se entre a China e a Albânia.

O Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China aproveita a oportunidade para renovar à Embaixada da República Socialista Popular da Albânia os protestos de sua mais alta consideração.

Pequim, 7 de junho de 1978

Fonte: Schreiber Thomas. "L'Albanie — Evolution politique, èconomique et sociale". Notes et Etudes Documentaires, La Documentation française n.º 4.482, outubro de 1978.

APÊNDICE 2

CARTA DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA E DO GOVERNO ALBANÊS AO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA E AO GOVERNO CHINÊS (29 DE JULHO DE 1978)

Ao Comitê Central do Partido Comunista Chinês,
ao Conselho dos Negócios de Estado da República Popular da China,

A 7 de julho de 1978, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Popular da China enviou uma nota oficial à embaixada da República Popular Socialista da Albânia em Pequim, através da qual o governo chinês informava a sua decisão de "suspender a ajuda econômica e militar à Albânia, interromper os créditos a título de assistência à Albânia e retirar os especialistas econômicos e militares chineses" que trabalhavam na Albânia até aquela data.

Com esta ação desleal e hostil contra a Albânia socialista, a República Popular da China rasgou, inescrupulosamente, os acordos oficiais assinados entre nossos países; violou, de maneira brutal e arbitrária, elementares regras e normas internacionais, e levou, para o plano das relações estatais, as divergências ideológicas com a Albânia.

Com este ato hostil contra a Albânia socialista, a República Popular da China procurou prejudicar a economia e a capacidade de defesa de nosso País, sabotou a causa da revolução e do socialismo na Albânia. Ao mesmo tempo, solapou gravemente a amizade fraternal que une o povo albanês ao povo chinês. Com estas ações que prejudicam um país socialista como a República Popular Socialista da Albânia, a República Popular da China alegrou os inimigos do socialismo e da revolução. A parte chinesa será inteiramente responsável pelas conseqüências deste ato reacionário e hostil contra a Albânia.

O Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia e o governo albanês denunciam à opinião pública mundial a suspensão brutal da ajuda e dos créditos à Albânia socialista como um ato reacionário, executado a partir de posições de grande potência. É um ato que reproduz, tanto pelo conteúdo como pela forma, os ferozes métodos chauvinistas de Tito, Kruchev e Brejnev, ainda recentemente denunciados pela China.

O Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia e o governo albanês contestam as tentativas da nota chinesa de culpar a Albânia e acusar, sem nenhuma base, a direção albanesa de ser ingrata e de não reconhecer a ajuda que a China lhe prestou, e ainda de ter tentado sabotar a colaboração econômica e militar entre os dois países. Qualquer pessoa sensata acharia inacreditável e destituído de toda lógica que um pequeno país como a Albânia — que luta contra o cerco e o bloqueio imperialista-revisionista; que se entregou a uma ampla e multiforme tarefa visando assegurar seu rápido desenvolvimento econômico e cultural; e que trabalha incansavelmente para reforçar a defesa da pátria socialista — provocasse e procurasse romper a colaboração com a China, e recusasse seus créditos e sua ajuda civil e militar.

O povo, o partido e o governo albaneses, inspirados nos ensinamentos do marxismo-leninismo e nos princípios do internacionalismo proletário, lutaram com sinceridade e perseverança pelo fortalecimento da amizade, da colaboração fraternal e do apoio mútuo entre a Albânia e a China. Sempre tiveram em alta estima a ajuda prestada pela China, considerando que era uma ajuda internacionalista do povo chinês, uma ajuda que servia à causa geral da revolução e do socialismo no mundo, uma ajuda proveniente de um país que se dizia socialista. O povo, o partido e o governo albaneses mantêm a avaliação que fizeram no passado sobre o papel que esta ajuda desempenhou,

entre outros fatores exteriores, para o desenvolvimento de nosso País.

A Albânia socialista nunca considerou que a amizade com os povos de outros países fosse um meio de obter vantagens econômicas. A Albânia também nunca permitiu que ninguém considerasse a ajuda e a colaboração econômica como um investimento destinado a ditar e a impor a nosso País pontos de vista políticos e ideológicos contrários ao marxismo-leninismo e aos interesses do socialismo. A República Popular Socialista da Albânia nunca transigiu em seus princípios, nunca fez e nem faz deles um objeto de negócios.

Quando o Partido do Trabalho da Albânia defendeu o Partido Comunista Chinês contra os ataques dos revisionistas kruchovistas, durante o Encontro de Bucareste e durante a Conferência dos Partidos Comunistas e Operários em Moscou, em 1960, o fez conscientemente, para defender os princípios do marxismo-lenismo, e não para obter da China o equipamento de algumas fábricas e alguns tratores. Quando a Albânia socialista defendia, durante anos, os direitos da China na Organização das Nações Unidas, contra o complô americano, não o fazia por causa de interesses materiais, mas sim para defender uma causa justa e de princípio. O Partido do Trabalho da Albânia e a nossa classe operária apoiaram os objetivos estratégicos da Revolução Cultural Chinesa não para receber qualquer coisa em troca, mas para ajudar a classe operária chinesa, os comunistas e o povo chinês, a salvar o País dos elementos capitalistas que haviam usurpado o poder na China.

Para justificar a interrupção da ajuda à Albânia, o governo chinês limitou-se, não podendo agir de outra maneira, a levantar "argumentos" econômicos e técnicos da prática usual nas relações entre dois Estados. A República Popular da China agiu desta forma para dissimular as verdadeiras razões que a levaram a cometer este ato hostil contra a Albânia socialista.

A suspensão da assistência e dos créditos à Albânia não pode ser justificada com os oito "fatos" evocados na nota chinesa, a saber:

— que o "vice-ministro da Indústria e das Minas da Albânia... recusou-se a fazer consultas posteriores... e interrompeu as discussões de forma insolente";

— que os técnicos albaneses "não respeitaram as indicações técnicas dos especialistas chineses" na refinaria de tratamento completo de petróleo;

— que o projeto chinês de uma obra militar não foi realizado com sucesso por causa da desoberta tardia de deslocamentos subterrâneos que os estudos geológicos insuficientes da parte albanesa não permitiram revelar; e que a parte albanesa, mudando de opinião, continuou as obras sozinha, interrompendo a assistência chinesa nesse projeto;

— que a parte albanesa invocou diversos pretextos, e ao contrário do que estabeleciam os acordos, recusou-se a assinar os documentos de execução das obras;

— que a parte albanesa, abruptamente, recusou-se a aceitar 25 faturas no valor de 100 milhões de *yuans* (Renminbi);

— que, por causa da inobservância de instruções técnicas dos especialistas chineses por parte dos albaneses, formou-se uma crosta no alto-forno do complexo metalúrgico, e que os próprios albaneses removeram esse obstáculo, sem esperar a chegada dos técnicos da China;

— que "o embaixador albanês na China recusou-se a receber a nota chinesa do dia 7 de junho de 1978".

Estes "argumentos" e "fatos" citados pelo governo chinês foram inteiramente inventados ou deformados. Porém, mesmo que correspondessem à realidade, jamais poderiam servir de base moral e jurídica para justificar a cessação unilateral e brutal da assistência econômica e militar que um Estado presta a outro Estado, com o qual manteve uma estreita aliança durante muito tempo.

Os verdadeiros motivos da suspensão da ajuda e dos créditos concedidos à Albânia não têm um caráter puramente técnico, como a nota chinesa procura demonstrar, mas um caráter profundamente político e ideológico. Através desta carta, o Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia e o governo albanês esclarecerão estas causas políticas e ideológicas. Mas primeiramente vamos demonstrar que mesmo os "argumentos" invocados pela parte chinesa em sua nota não correspondem, de maneira nenhuma, à realidade.

I

O Governo da República Popular Socialista da Albânia informará à opinião pública mundial a verdade sobre as relações econômicas entre a China e a Albânia, mais particularmente sobre as questões levantadas pela nota chinesa, publicando o teor integral da correspondência trocada a este respeito

entre os governos dos dois países. Aqui vamos esclarecer certos "fatos" mencionados na nota chinesa.

Alinhando, de maneira tendenciosa, uma série de cifras sobre a ajuda concedida pela China à Albânia, a nota chinesa de 7 de julho traduz o desejo da direção chinesa de se vangloriar aos olhos do mundo. A direção chinesa age da mesma maneira que agiu e continua a agir a direção revisionista soviética, que se gaba constantemente, com presunção de grande Estado, da ajuda que prestou no passado à Albânia.

Somos obrigados a lembrar aos dirigentes chineses que suas fanfarronices estão em completo desacordo com as declarações oficiais feitas no passado pelo governo chinês.

A declaração solene do governo chinês sobre os oito princípios de ajuda aos outros países diz o seguinte: "O governo chinês se baseia sempre no princípio da igualdade e da vantagem recíproca para conceder ajuda a outros países. O governo chinês nunca considera estas ajudas como uma esmola unilateral, mas como qualquer coisa de recíproco". Chu En-Lai, por ocasião da visita que fez em 1964 a catorze países, ressaltou: "Vangloriar-nos da ajuda que prestamos a outros países seria chauvinismo de grande Estado".

O povo, o partido e o governo albaneses jamais negaram a ajuda da República Popular da China e a importância desta ajuda para o desenvolvimento econômico de seu País. Esta ajuda sempre foi sinceramente reconhecida e estimada, com o pensamento de que era proveniente de um Estado amigo e que havia sido concedida no espírito dos princípios do socialismo.

Mas na nota chinesa de 7 de julho, que exagera e embeleza a ajuda econômica e militar concedidas pela China à Albânia, não se encontra uma só palavra para lembrar que a Albânia também ajudou a China, como os próprios dirigentes chineses já reconheceram em diversas ocasiões anteriores.

Avaliando a ajuda prestada pela Albânia à China, Mao Tsé-Tung afirmou: "Somos nós que devemos, em primeiro lugar, agradecer a vocês, pois vocês permanecem na primeira linha da frente, vocês se encontram em condições muito difíceis e lutam obstinadamente pela defesa do marxismo-leninismo. Isto é extremamente meritório e de grande valor". (Trecho de uma entrevista com uma delegação albanesa dia 29 de junho de 1962).

Chu En-Lai, por sua vez, declarou: "Os camaradas albaneses sempre relembram o apoio e a ajuda da China à Albânia.

Eu gostaria de acentuar aqui que foi a Albânia quem primeiro nos prestou uma grande ajuda e um grande apoio".

"... O povo chinês nunca esquecerá que, à época em que os revisionistas modernos caluniavam e atacavam furiosamente o Partido Comunista Chinês, o Partido do Trabalho da Albânia adotou uma atitude justa e, apesar de todas as pressões, dificuldades e perigos, colocou-se na dianteira, com coragem, para desafiar aquela corrente adversária, desmascarando e atacando sem piedade os complôs antichineses do revisionismo moderno". (*Zëri I Popullit,* 9 de janeiro de 1964, discurso no comício em Tirana.)

Em outra ocasião, Chu En-Lai sublinhou: "Nós cumprimos nosso dever internacionalista, e estaríamos cometendo uma traição se não os ajudássemos... bastião do socialismo na Europa, vocês lutam contra o imperialismo, o revisionismo e toda a reação. Se nós não os ajudássemos não seríamos comunistas internacionalistas, mas traidores. Entre a China e a Albânia há uma ajuda e um apoio recíprocos. Vocês estão erguidos na Europa como um farol, vocês lutam sem se dobrar, impávidos. Vocês dão para nós e para os povos do mundo uma grande ajuda e um grande apoio". (Trecho de uma entrevista com uma delegação albanesa, em Pequim, dia 29 de agosto de 1971.)

Kang Cheng também fez uma declaração semelhante: "Eu sempre digo e repito a meus camaradas que os camaradas albaneses nos prestam uma ajuda considerável, colossal. A fábrica de adubos químicos, a central térmica, as diversas usinas e fábricas que lhes oferecemos não são grande coisa comparadas com o grande apoio que os camaradas albaneses prestam a nós e ao movimento comunista internacional". (Trecho do discurso pronunciado durante o jantar oferecido em homenagem à delegação chinesa em Tirana, dia 13 de novembro de 1966.)

Estamos constrangidos por relembrar a ajuda que a Albânia deu à China, pois o que o partido e o povo albaneses fizeram pela China foi com uma consciência comunista, inspirada em sentimentos fraternais e internacionalistas. Mas a República Popular da China nos obriga a falar dessa ajuda, pois, seguindo o exemplo de Kruchev e de Brejnev, se pôs a contar os *yuans* e os *fens* que deram à Albânia!

Através de sua nota, o governo chinês tenta dar à opinião pública a impressão de que se a Albânia conseguiu algum sucesso em seu desenvolvimento econômico foi graças à ajuda da

China. Com este objetivo, e para impressionar a opinião pública interna e internacional, os números citados pela nota chinesa foram aumentados e manipulados cuidadosamente. A nota sublinha que "para aplicar os acordos assinados entre a China e a Albânia, o governo chinês gastou mais de 10 bilhões de *yuans* (Renminbi)". Este é um número arbitrário, que não corresponde à realidade.

Em primeiro lugar, convém assinalar que, quando o governo chinês fala de ajuda trata-se, na realidade, de créditos, de obrigações previstas pelos acordos assinados entre os dois governos, conforme a vontade e os interesses das duas partes, e conforme a prática internacional conhecida das relações entre dois Estados soberanos, que comportam obrigações bilaterais. Não se trata, portanto, de esmolas nem de caridade cristã.

Por outro lado, com base nos documentos em poder da parte albanesa, ressalta-se que de dezembro de 1954 a julho de 1975, foram assinados dezessete acordos governamentais de cessão de créditos da China à Albânia, fora os acordos de ajuda militar. Segundo esses acordos, a ajuda em créditos foi calculada em rublos antigos, depois em rublos novos, em seguida em libras esterlinas, mais tarde em *yuans* internos ou em *yuans comerciais* ou ainda em dólares americanos. Se as diversas moedas citadas nos acordos forem convertidas em *yuans comerciais,* segundo o câmbio oficial chinês, fixado pelo Banco Chinês nos períodos respectivos, resulta que, ao contrário do que afirma a nota de Pequim, o valor global da ajuda econômica chinesa em créditos, concedidos à Albânia de 1954 a 1975, ano da assinatura do último acordo, não é "superior a 10 bilhões de *yuans*", mas chega a somente 3 bilhões e 53 milhões de *yuans comerciais*. Se for calculado o valor das obras concluídas e dos equipamentos aos preços unilaterais fixados pela parte chinesa, a Albânia utilizou, até julho de 1978, cerca de 75% daquele total. Mas é preciso ressaltar que os valores constantes nas faturas do Banco Chinês para as obras e os equipamentos não foram calculados com base em preços estabelecidos "de comum acordo", mas fixados de maneira arbitrária somente pela parte chinesa, sem nenhuma consulta à parte albanesa, como deveria ter sido feito segundo os termos do acordo. É por esta razão que a recusa das faturas do Banco Chinês referentes às obras construídas na Albânia, por parte do Banco do Estado Albanês, não foi "uma violação dos acordos" como pretende a nota chinesa.

Os preços das obras e dos equipamentos sobre os quais foi calculado o montante das faturas apresentadas pela China não foram fixados, segundo o acordo oficial assinado dia 8 de junho de 1965 entre o governo da República Popular da Albânia e o governo da República Popular da China e nem segundo as disposições mencionadas na correspondência trocada dia 22 de dezembro de 1971, onde está claramente estabelecido que: "Os preços das obras e dos equipamentos serão fixados de comum acordo, segundo os princípios de fixação dos preços comerciais entre a China e a Albânia".

Em relação à ajuda militar, as estimativas da parte chinesa são inteiramente arbitrárias, pois segundo os acordos desta categoria, anteriores a 1967, os preços foram calculados em moeda chinesa, sem que a parte albanesa tenha sido consultada, enquanto que nos acordos posteriores referentes à maior parte da ajuda militar chinesa à Albânia, nenhum preço concreto foi fixado, nem em moeda chinesa, nem em qualquer outra moeda.

Assim, os bilhões de *yuans* mencionados na nota chinesa não representam o verdadeiro montante da ajuda econômica e militar concedida pela China à Albânia; constituem, porém, uma propaganda da parte chinesa, montada em cálculos arbitrários, unilaterais e tendenciosos. Afirmamos que a parte chinesa, com a intenção de nos prejudicar, apressou-se em fixar esses números. Os cálculos completos serão feitos segundo os acordos, os protocolos e os critérios estabelecidos pelas duas partes. Nestes cálculos serão levado sem conta as perdas e os prejuízos causados à nossa economia pela parte chinesa, que não cumpriu os cronogramas definidos nos contratos e deixou inconclusa parte importante das obras.

A parte chinesa não foi correta na aplicação dos acordos, dos protocolos oficiais e dos critérios estabelecidos de comum acordo. A grande maioria das obras econômicas construídas na Albânia com a ajuda dos créditos da China foi concluída com atrasos de 1 a 6 anos. Existem até mesmo algumas obras, como a usina de ferro-cromo que deveria ter sido construída na Albânia conforme o acordo assinado em 1965 e que, por culpa da parte chinesa, não foi concluída até hoje. O mesmo ocorreu com o complexo metalúrgico, cuja construção começou com atraso e até o momento, por culpa da parte chinesa, somente 67% do valor total dos seus investimentos foram aplicados. Além disso, a China só entregou 74% dos equipamentos previstos.

Estas flagrantes violações dos acordos oficiais por parte da China causaram grandes prejuízos à economia albanesa, pelos quais o governo chinês deve assumir toda a responsabilidade material e moral. Depois que tudo for calculado com base na documentação oficial e nos fatos concretos, ver-se-á qual das duas partes é devedora e em que medida.

A nota chinesa tenta fazer crer que a ajuda concedida pela China à Albânia foi o fator determinante do desenvolvimento de nosso País. Mas esta ajuda não foi e não poderia ser um fator de tamanha importância. O fator determinante, que ninguém pode negar, foram a luta e o trabalho resolutos, obstinados e heróicos do povo albanês, dirigido pelo Partido do Trabalho da Albânia, pela construção do socialismo, segundo o princípio leninista do apoio nas próprias forças. Os grandiosos sucessos obtidos pela Albânia na edificação do socialismo e na defesa do País são obra do Partido do Trabalho da Albânia, do Estado albanês de ditadura do proletariado, do povo albanês, e não fruto da ajuda estrangeira.

A ajuda recebida da China foi apenas um fator auxiliar. O valor de todos os créditos chineses utilizados até o final de 1977 pela Albânia equivalia a uma pequena porcentagem da nossa renda nacional. Esta é a realidade e não a falsa versão da parte chinesa, que tenta dar a impressão de que foi graças à China que o povo albanês se manteve vivo.

As concepções chauvinistas de grande Estado embaralharam a lógica da direção chinesa e levaram-na a adotar uma linguagem de grande proprietário feudal. A China, em sua nota, vangloria-se de ter fornecido à Albânia 1,8 milhões de toneladas de trigo etc. Faltou dizer que se a Albânia "não está morta, foi graças ao pão que a China lhe deu"! Esta é uma atitude que ofende o povo albanês. É certo que a Albânia importou trigo da China, de 1956 a 1975. A cifra global citada, porém, não só não corresponde à realidade como é preciso acrescentar que a Albânia recebeu da China, durante todo aquele período, apenas 436.000 toneladas de trigo em créditos e o resto foi entregue pela via comercial, regulamentada por um acordo de *clearing*. Já que a nota chinesa agrupa num só total o trigo importado pela Albânia a título de crédito, e o importado pelo acordo de *clearing*, por que a parte chinesa não menciona as exportações da Albânia, justamente pelo acordo de *clearing*, no período 1954/1977? A Albânia entregou à China mais de 1,7 milhões de toneladas de petróleo, mais de 1,3 milhões de toneladas de betume e cerca de 2,7 milhões de toneladas de minério de cromo e de concentrado de cromo etc.

Relembrando, em nota que tornou pública, a sua ajuda militar, o governo chinês divulgou um segredo militar relativo à defesa da República Popular Socialista da Albânia. Com este ato, o governo chinês prejudicou gravemente a defesa da República Popular Socialista da Albânia, ajudando os nossos inimigos externos, em particular as forças da OTAN e o imperialismo americano, as forças do Pacto de Varsóvia e o social-imperialismo soviético. Foi um ato de deslealdade, pelo qual o governo chinês deve assumir a responsabilidade.

Em sua nota, o governo chinês consagra um capítulo especial às acusações contra os trabalhadores albaneses, como se estes não tivessem respeitado os especialistas chineses e não quisessem colaborar com eles. São puras invenções que nem merecem desmentidos. Estamos convencidos de que, em seu foro íntimo, nenhum técnico chinês que tenha vivido e trabalhado no meio de nosso povo subscreverá tais acusações. Os operários, técnicos e dirigentes albaneses sempre colaboraram com os especialistas chineses, com espírito amistoso e fraterno; sempre estimaram o trabalho deles e respeitaram seus conhecimentos e experiências.

Com segundas intenções, a nota chinesa afirma que, no espaço de 24 anos, 6 mil especialistas foram enviados à Albânia. Este número é mencionado para dar a entender que o mérito por tudo o que foi realizado nas construções, na indústria e na agricultura, por tudo o que foi feito na Albânia, deveu-se a estes 6 mil especialistas chineses. Mas a edificação da nova Albânia é obra do próprio povo albanês. Dezenas de milhares de especialistas, de engenheiros e técnicos albaneses, sem contar os técnicos médios e os operários qualificados, que são centenas de milhares, trabalharam na construção das diversas obras, todos os dias e sem descanso. Sem o trabalho e os conhecimentos deles nenhuma obra poderia ter sido construída. A nota chinesa também não menciona que o povo albanês retribuiu amplamente o trabalho dos especialistas enviados da China. Se a nota não fala disto, não esquece, entretanto, de nos lembrar que a China teria gasto 100 milhões de *yuans* para fazer experiências com o minério de ferro albanês! De resto, por ordem dos seus superiores, os especialistas chineses retirados da Albânia não deixaram nenhum documento técnico aos especialistas albaneses; eles queimaram ou levaram

consigo todos os documentos técnicos relativos às obras que estavam sendo construídas na Albânia com ajuda da China.

No âmbito das questões econômicas concretas entre dois parceiros, entre dois Estados, é natural o surgimento de problemas, cuja solução só pode ser encontrada através de discussões. A direção chinesa, porém, nunca julgou necessário promover discussões normais, pois queria impor as suas concepções à Albânia. No que se refere às questões econômicas, as pressões exercidas pela parte chinesa sobre a Albânia — através de diversas formas e maneiras — não são de hoje. Há muito tempo a direção chinesa faz dessas pressões uma prática corrente. Durante as conversações para a conclusão dos acordos de concessão de uma ajuda econômica à Albânia, sob a forma de créditos e, em seguida, para a aplicação desses acordos, houve numerosos debates, durante os quais a parte albanesa se opôs, com sucesso, aos pontos de vista da direção chinesa, que procuravam impor à Albânia um desenvolvimento unilateral e frear seu progresso rápido e seguro.

Durante os longos debates, a pressão da direção chinesa chegou ao ponto em que a parte chinesa renunciou à execução dos projetos da central hidrelétrica de Vau i Dejes e da central hidrelétrica de Fierze, apostando que nós não construiríamos essas importantíssimas obras. A direção chinesa pensava que a Albânia não tendo, segundo ela, capacidade técnica para construir projetos de centrais hidrelétricas tão grandes e complexas, renunciaria à construção dessas obras. Mas depois que a parte albanesa começou a executar os projetos dessas duas hidrelétricas, finalmente a parte chinesa se viu forçada a aprovar os créditos.

As duas hidrelétricas foram projetadas e construídas pelos especialistas albaneses: os chineses não puseram as mãos nos projetos, tendo sido simples conselheiros.

Existem numerosos fatos e documentos para provar que, em certos momentos, cada vez que a política chinesa sofria reviravoltas, às quais o partido e o governo albaneses não se associaram, o governo chinês as fazia acompanhar de diversas pressões e medidas econômicas restritivas. Essas atitudes constituem um desmentido flagrante das ruidosas e reiteradas declarações do governo chinês, segundo as quais "na concessão de ajudas a outros países, o governo chinês respeita escrupulosamente a soberania dos países beneficiados e nunca impõe condições nem exige qualquer privilégio".

A nota chinesa sublinha que "... a parte albanesa, devido às necessidades de sua política interna e externa... deformou intencionalmente os fatos relativos à ajuda que a China prestou à Albânia..." Isto atesta o espírito de intriga da direção chinesa e o seu desejo de ver a Albânia política, ideológica e economicamente subjugada pelo social-imperialismo soviético ou pelo imperialismo americano e pela burguesia reacionária. A direção chinesa se expressa desta maneira porque imaginava que a Albânia estivesse isolada, que ela respirava e sobrevivia graças à China e que, atualmente, ela está sem eira nem beira, só lhe restando tornar-se presa dos imperialistas ou dos social-imperialistas. Foi o que também pensaram, no passado, Kruchev e Mikoyan. A Albânia, segundo eles, se venderia "por trinta dinheiros"; sem a ajuda soviética, "ela morreria de fome em quinze dias"!

Ora, a vida demonstrou que a Albânia não se vendeu e também não morreu de fome. Ela progrediu com grande êxito na edificação do socialismo. E tudo isto foi realizado não por causa da ajuda chinesa, mas graças ao trabalho heróico e à luta gloriosa do povo albanês.

Também no futuro, o povo albanês, sob a direção do Partido do Trabalho da Albânia, apoiando-se em suas próprias forças, marchará, sempre triunfante, pela via do socialismo, mostrando, pelo seu exemplo, a seus amigos e aos povos, a força e a vitalidade invencíveis do marxismo-leninismo, a força do socialismo e a força do povo.

Em nossa luta pela edificação do socialismo e pela defesa da Pátria, em nossos esforços para atacar e superar com êxito as dificuldades que o ato hostil do governo chinês criaram para o nosso país, contamos e contaremos cada vez mais com a ajuda internacionalista dos revolucionários autênticos, dos povos amantes da liberdade e dos homens progressistas do mundo inteiro. A Albânia nunca esteve e jamais ficará isolada.

Os planos de desenvolvimento da Albânia, estabelecidos pelo partido, serão cumpridos graças ao trabalho abnegado, à determinação do povo, com as nossas próprias forças, em todos os campos, inclusive nas obras que a China deixou sem concluir e outras obras que se ajuntarão às primeiras.

II

A anulação unilateral pelo governo chinês dos acordos de colaboração econômica e militar com a Albânia, a violação arbitrária dos contratos assinados pelos dois países, a suspensão dos trabalhos em diversas obras importantes para a nossa economia socialista, a retirada dos especialistas etc., refletem uma linha política e ideológica bem definida da direção chinesa. Trata-se de uma conseqüência do desvio da direção chinesa do marxismo-leninismo e dos princípios do internacionalismo proletário, de sua aproximação e de seu conluio com o imperialismo americano, com o capital internacional e a reação; da sua renúncia em ajudar e sustentar as forças revolucionárias e de libertação no cenário internacional; das ambições da China em transformar-se numa superpotência imperialista.

A linha seguida pela direção chinesa, cheia de ziguezagues, chocou-se com a oposição constante do Partido do Trabalho da Albânia, que coloca acima de tudo a causa do socialismo, da revolução e da libertação dos povos. Esta é a razão pela qual surgiram sérias contradições ideológicas entre o Partido do Trabalho da Albânia e o Partido Comunista Chinês, contradições que se agravaram progressivamente. Foi precisamente porque o nosso partido e o povo albanês não aceitaram esta linha e os pontos de vista chineses de grande potência e a eles não se submeteram, que a direção do Partido Comunista e o governo chinês chegaram ao ponto de suspender a ajuda à Albânia socialista, e a levar as divergências ideológicas ao campo das relações entre os dois Estados.

O Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia esforçou-se constantemente no sentido de resolver essas divergências pela via marxista-leninista, através de consultas e de explicações com espírito de camaradagem, sem nunca tê-las tornado públicas.

Nesta questão, nosso partido baseou-se no princípio segundo o qual podem surgir divergências e mal-entendidos entre os partidos e os Estados, mesmo se eles mantêm estreitas relações de amizade. De quem quer que seja a culpa, essas divergências e mal-entendidos requerem discussões para ser resolvidas. Este princípio deve ser aplicado tanto em relação aos países socialistas como em relação aos partidos comunistas. Normas como as consultas e as explicações amistosas recíprocas sempre devem ser aplicadas, pois estas normas marxistas-leninistas preservam a amizade sincera e não a amizade hipócrita que dissimula as segundas intenções; elas preservam a pureza da nossa teoria científica, o marxismo-leninismo, e fortalecem a revolução e a luta dos povos.

As normas marxistas-leninistas, que regem as relações entre partidos comunistas, incluem entre outras, a crítica justa e mútua, de princípio, construtiva, aos erros constatados na linha e na atividade deste ou daquele partido. Uma crítica deste tipo, feita com espírito de camaradagem, não pode ser qualificada de polêmica, como a direção chinesa interpretou. A polêmica, como diz a própria palavra, traduz um estado de luta ideológica e política, em que as divergências não antagônicas tornam-se antagônicas.

O Partido do Trabalho da Albânia, em suas relações com o Partido Comunista Chinês, fixou-se rigorosamente nestes princípios e nestas normas marxistas-leninistas aplicadas entre os partidos comunistas autênticos. Cada vez que nosso partido constatava atitudes e atos do Partido Comunista Chinês que se opunham ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário, que se opunham aos interesses do socialismo e da revolução, explicitou esses erros e os criticou com espírito de camaradagem. Prova disso são os documentos escritos por nosso partido e pelo nosso Estado em poder dos chineses. Mas qual foi a atitude da direção chinesa? Ao mesmo tempo que acolhia com ardor e saudava com estardalhaço o apoio e a ajuda que o Partido do Trabalho da Albânia e o governo albanês davam à China, a direção chinesa nunca recebia bem as observações justas, de acordo com os princípios, que lhe fazia o nosso partido. A direção do Partido Comunista Chinês nunca quis que as normas e os métodos leninistas fossem aplicados nas relações entre os partidos. Raciocinando e agindo segundo concepções e lógica de grande potência, de grande partido e de grande Estado, e considerando-se como um gênio infalível, a direção chinesa demonstrou que ela não conhece outro caminho senão o do *diktat* e da imposição de seus pontos de vista aos outros, em particular aos pequenos.

Independentemente das divergências existentes, o Partido do Trabalho e o governo da Albânia apoiaram publicamente a China e a causa do socialismo na China, sobretudo nos momentos políticos mais difíceis, tanto internos como externos, nos momentos em que a China estava isolada ou era atacada por todos os lados, até mesmo por seus amigos atuais. Nosso par-

tido e nosso governo agiram assim sem titubear, convencidos de que estavam defendendo a sorte da revolução na China, gravemente ameaçada, os supremos interesses do internacionalismo proletário e a amizade entre a Albânia e a China. Perfilando-se ao lado da China contra os inimigos do socialismo, e apoiando suas atitudes e atos corretos, os comunistas e o povo albanês lutavam para fortalecer as posições do marxismo-leninismo e do socialismo na China.

Para melhor compreender as razões políticas e ideológicas que levaram a direção chinesa a suspender, de maneira arrogante, a ajuda à Albânia, para compreender suas atitudes chauvinistas e de grande potência nas relações com o Partido do Trabalho da Albânia, e para ilustrar a atitude franca, fraterna e correta do partido, do governo e do povo albaneses em relação à China e ao povo chinês, vamos observar a evolução das relações albano-chinesas:

1. As relações entre os nossos partidos e países foram estabelecidas logo depois do triunfo da Revolução na China e da fundação da República Popular da China; mas estas relações foram estreitadas e fortalecidas especialmente após 1960, quando se iniciou a luta aberta contra o revisionismo kruchevista. A luta contra o imperialismo e o revisionismo moderno uniu nossos partidos, o distanciamento da China desta luta separou nossos caminhos.

A luta do Partido do Trabalho da Albânia contra o revisionismo moderno havia começado antes da condenação do titismo pelo Bureau de Informação. Depois da morte de Stalin, quando a variante kruchevista do revisionismo ainda mal começava a se manifestar, esta luta endureceu. Nosso partido ampliou e intensificou este combate cada vez mais, opondo-se aos atos e atitudes antimarxistas de Kruchev e de seu bando, tanto em relação à política externa como em relação aos partidos comunistas, em particular o nosso.

O desvio kruchevista representava a revisão da teoria marxista-leninista em todos os campos e questões. A estratégia kruchevista visava solapar a ditadura do proletariado e restabelecer o capitalismo na União Soviética, transformar o País numa superpotência imperialista que repartisse e dominasse o mundo com o imperialismo americano. Para levar adiante esta estratégia, Kruchev atacou Stalin e o bolchevismo, preconizou a extinção da luta de classes, tanto no interior da União Soviética como no exterior. Sob o pretexto de que a

correlação de forças no mundo atual havia mudado, de que o imperialismo americano e a burguesia reacionária internacional haviam se tornado sensatos, Kruchev justificava o abandono da tese fundamental do marxismo-leninismo sobre a revolução violenta, e espalhava a ilusão da pretensa via pacífica. Em suas relações com os partidos comunistas e operários, os kruchevistas aplicavam a noção de "partido pai" e tocavam com "a varinha de maestro". O que os kruchevistas queriam era submeter os partidos a seu *diktat* e a suas concepções, transformá-los em instrumentos de sua política externa. Com este intuito, Kruchev, Brejnev e companhia pactuaram-se com os revisionistas iugoslavos e com eles se aliaram na luta contra o marxismo-leninismo e a revolução.

O Partido do Trabalho da Albânia lutou com resolução e sem desfalecimento contra esta linha traidora e contra-revolucionária do kruchevismo. Em particular, rejeitou e denunciou a reabilitação ideológica do titismo por Kruchev, que provou com este ato seu escorregão no lodaçal do oportunismo e da traição. Os documentos provam que o Partido Comunista Chinês, independentemente das suas vacilações em relação ao revisionismo iugoslavo, também condenou, no início de 1960, sem ser influenciado por ninguém, a reabilitação de Tito e de seu grupo por Kruchev.

Em junho de 1960, como se sabe, aconteceu o Encontro de Bucareste. A linha contra-revolucionária de Kruchev e dos kruchevistas foi confirmada naquela ocasião. Eles não só atacaram o marxismo-leninismo integralmente, como atacaram diretamente o Partido Comunista Chinês. O Partido do Trabalho da Albânia apoiou abertamente o Partido Comunista Chinês durante o Encontro, atraindo sobre si o fogo da cólera e as pressões de todos os kruchevistas. Nosso partido assumiu esta defesa de princípio com a consciência pura de comunista, plenamente convencido de estar defendendo o marxismo-leninismo e a China Popular.

O Encontro de Bucareste e, mais tarde, a Conferência dos 81 Partidos Comunistas e Operários que se realizou em Moscou, marcaram a ruptura definitiva entre os marxistas-leninistas e os revisionistas kruchevistas, e o começo da polêmica aberta entre eles. Mas enquanto o nosso partido começava e prosseguia a luta contra o revisionismo kruchevista com perseverança e determinação, a direção chinesa se mostrava hesitante e não adotava atitudes firmes contra os kruchevistas. Nos primeiros

tempos da áspera polêmica mantida entre o Partido do Trabalho da Albânia e os revisionistas kruchevistas, a China esteve de acordo com a Albânia, mas somente na superfície. Pois no fundo, como ficou provado depois, a China desejava reconciliar-se com os soviéticos e abafar a polêmica. Isto ficou evidente especialmente no discurso que Chu En-Lai pronunciou durante o XXIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, quando, de fato, ele não defendeu o nosso partido, e pediu que a polêmica fosse abafada. A direção chinesa considera esta obscura atitude como uma ajuda em favor da Albânia, mas pedir para abafar a polêmica não era do interesse da Albânia socialista e nem do interesse da própria China. Isto só podia interessar a Kruchev, em sua luta contra o socialismo e o marxismo-leninismo.

2. A atitude vacilante do Partido Comunista Chinês na luta contra o revisionismo ficou mais clara em junho de 1962. Naquele período, o Partido do Trabalho da Albânia enviou a Pequim uma delegação para manter conversações com o Partido Comunista Chinês sobre questões importantes, referentes à tática e à estratégia da luta comum de nossos dois partidos no cenário internacional. A delegação de nosso partido combateu, na ocasião, os pontos de vista errôneos da direção chinesa.

Liu Chao-Chi que, à época, era o principal dirigente do Partido Comunista Chinês depois de Mao Tsé-Tung, e que conduziu as conversações pelo lado chinês, assim como Teng Shiao-Ping, então secretário geral do Partido Comunista Chinês, sustentaram com insistência o ponto de vista segundo o qual a frente antiimperialista deveria incluir também a União Soviética, então dirigida pela clique revisionista de Nikita Kruchev.

A delegação de nosso partido defendeu a linha do Partido do Trabalho da Albânia, que se baseia nos ensinamentos de Lênin, segundo os quais não se pode combater com sucesso o imperialismo sem combater, ao mesmo tempo, o revisionismo. Nossa delegação insistiu no ponto de vista do Partido do Trabalho da Albânia, segundo o qual a frente antiimperialista, longe de precisar incluir os revisionistas soviéticos, deveria, ao contrário, lutar simultaneamente contra o imperialismo em geral, e o imperialismo americano em particular, e contra o revisionismo soviético.

A direção chinesa justificava a linha de reconciliação com os revisionistas soviéticos pela necessidade de unir "todos" contra o imperialismo americano que, segundo ela, era o inimigo principal. Esta tese oportunista expressava, entre outras, as ilusões da direção chinesa com relação aos chefes revisionistas soviéticos. Teng Shiao-Ping fez a seguinte declaração à delegação do Comitê Central de nosso partido, durante as conversações em Pequim: "É impossível que Kruchev mude e se transforme num Tito... A União Soviética nunca poderá deixar de ser um país socialista". (Trecho das conversações realizadas dia 11 de junho de 1962.)

O Partido do Trabalho da Albânia não aderiu a estas concepções, nem aceitou a tese chinesa da frente única antiimperialista, na qual seriam incluídos também os revisionistas kruchevistas. A direção chinesa, entretanto, manteve as suas posições oportunistas.

O desenrolar dos acontecimentos posteriores — o crescimento da luta das forças marxistas-leninistas contra o revisionismo kruchevista, a intensificação da atividade divisionista de Kruchev e especialmente a assinatura do Tratado anglo-soviético-americano, em agosto de 1963, sobre a suspensão de experiências nucleares na atmosfera (que traduzia os esforços das duas superpotências de impor seu domínio ao mundo — obrigaram a direção chinesa a encetar a polêmica aberta contra Kruchev. Somente depois que a reconciliação e o acordo com os revisionistas soviéticos — desejados pela direção chinesa — não se realizaram, foi que o Partido Comunista Chinês efetivamente se engajou na luta contra o kruchevismo e aderiu à luta resoluta, conseqüente e de princípio do Partido do Trabalho da Albânia. O Partido do Trabalho da Albânia e o povo albanês que, durante quase três anos, haviam combatido sozinhos os furiosos ataques abertos de Kruchev e de todo o revisionismo moderno, não podiam deixar de se alegrar. Os laços e a colaboração entre nossos dois partidos na luta contra o imperialismo e o revisionismo se fortaleceram ainda mais.

Nosso partido não poupou nenhum esforço para que esta luta se ampliasse e se intensificasse, pois ela servia para mobilizar as forças antiimperialistas e anti-revisionistas, na defesa da causa do socialismo e da libertação dos povos. Mas, como veremos mais adiante, a direção chinesa não se mostrou conseqüente nem fiel aos princípios durante esta luta.

3. Durante o verão de 1964, a propaganda chinesa se pôs a relembrar os problemas da fronteira sino-soviética. Referindo-se a uma entrevista de Mao Tsé-Tung com um grupo

de parlamentares japoneses, a propaganda chinesa afirmava que vastos territórios, de centenas de milhares de quilômetros quadrados, haviam sido arrancados da China pelos tzares russos, e que a União Soviética também tinha problemas territoriais na Europa, surgidos com a Segunda Guerra Mundial.

O Partido do Trabalho da Albânia não aprovou a iniciativa de Mao Tsé-Tung de levantar a questão da revisão das fronteiras. Segundo a opinião de nosso partido, a direção chinesa cometia dois erros graves. Em primeiro lugar, levantar a questão das fronteiras naquele momento não contribuia para a luta ideológica contra o kruchevismo. Ao contrário, isto fornecia uma arma possante para a direção soviética, que a utilizaria contra a China e os marxistas-leninistas, visando neutralizar o efeito de nossa luta ideológica para desmascarar a traição kruchevista, apresentando a questão como se aquela luta tivesse como motivação uma disputa de fronteiras, reivindicações territoriais. Por outro lado, ao colocar em causa os ajustes de fronteiras efetuados pela União Soviética em relação a certos países, depois da Segunda Guerra Mundial, atacava-se injustamente a J. V. Stalin, em apoio à acusação feita contra ele pela reação internacional a respeito da criação de "zonas de influência". Neste ponto, a direção chinesa estava conciliando com Tito, que sustentava esta tese. Todavia, se Tito gritava contra as injustiças cometidas pelas potências vitoriosas contra a Iugoslávia, ele se calava quando essas injustiças eram cometidas em detrimento de outros países, mas em favor da Iugoslávia.

A tese chinesa da revisão das fronteiras não era uma questão simples. Expressava um espírito de chauvinismo de grande Estado e de nacionalismo burguês, que incitava a guerra na Europa.

O Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, respeitando as normas leninistas, e com espírito de perfeita correção e camaradagem, expôs abertamente seus pontos de vista sobre estas questões ao Comitê Central do Partido Comunista Chinês e ao presidente Mao Tsé-Tung em pessoa, através de uma carta enviada dia 10 de setembro de 1964.

A carta dizia, entre outras coisas: "Pensamos que levantar no momento as questões territoriais com a União Soviética causará um grande prejuízo à nossa luta. Se agirmos desta maneira, forneceremos ao inimigo uma grande arma com a qual ele nos combaterá, o que paralisará a nossa marcha adiante."

"As massas do povo soviético, sob pressão da propaganda revisionista de Kruchev, sob influência das calúnias e invenções de Kruchev, e ainda por outras razões, não compreenderão porque a China Popular apresenta agora reivindicações territoriais à União Soviética; elas não aceitarão isso, e a propaganda soviética aproveitará para colocá-las contra vocês. Pensamos que nem mesmo os verdadeiros comunistas soviéticos compreenderão e aceitarão essas reivindicações. Isto constituirá uma perda colossal para a nossa luta."

"... Somos da opinião de que não devemos reabrir as antigas feridas, se elas existem. Somos da opinião de que não devemos entrar na luta e na polêmica sobre o fato de que a União Soviética arrancou ou não territórios de outros países. Devemos lutar, sim, concentrando nosso combate unicamente contra a grande chaga do imperialismo e do revisionismo moderno, a grande traição dos grupos pérfidos de Kruchev, Tito e de todos os seus asseclas".

O Comitê Central do Partido Comunista Chinês não respondeu a esta carta correta, baseada em princípios, do nosso partido. A direção chinesa nunca deu a menor explicação sobre esta questão de grande importância a nosso partido. Mao Tsé-Tung se limitou a dar uma declaração verbal: "Não responderemos à carta de vocês para não causar polêmica". Nós consideramos que, de acordo com as normas leninistas, a troca de idéias, a crítica feita com espírito de camaradagem, e as explicações recíprocas são práticas normais entre dois partidos comunistas. Essas práticas não constituem nenhuma polêmica.

Apesar da atitude incorreta da direção chinesa, nosso partido não tornou públicas essas divergências. O partido continuou sua luta revolucionária contra o imperialismo e o revisionismo, ao lado da China.

4. Em outubro de 1964, Kruchev foi derrubado. Este fato fez realçar novamente a atitude vacilante dos dirigentes chineses em relação aos revisionistas soviéticos. O desejo de uma reconciliação e de uma reaproximação com eles foi reanimado.

Dia 29 de outubro de 1964, Chu En-Lai pediu, em nome do Comitê Central do Partido Comunista Chinês e do Conselho de Negócios de Estado da República Popular da China — na presença dos embaixadores do Vietnã, da Coréia, da Romênia e de Cuba — ao embaixador albanês em Pequim que transmitisse ao Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia a

proposta chinesa para que nosso partido enviasse uma delegação a Moscou no sentido de apoiar a nova direção da União Soviética, com Brejnev à frente, e unir-se a ela "na luta contra o inimigo comum, o imperialismo". Chu En-Lai acrescentou que, para aquele fim, ele havia sugerido à parte soviética que convidasse a Albânia para as festas do 7 de Novembro.

Durante a entrevista, Chu En-Lai declarou o seguinte, para justificar o ponto de vista da direção chinesa: "Houve mudanças na União Soviética. Sua influência e sua capacidade não se limitam apenas à União Soviética, mas se estendem aos partidos e países socialistas e todo o movimento comunista internacional, e até mesmo aos nossos inimigos comuns e seus agentes. Em suma, houve mudanças e isto é bom.

"... Por esta razão é que mandamos um telegrama de felicitações à nova direção do partido e do governo da União Soviética, expressando o nosso apoio à mudança, considerando-a com grande satisfação".

"... Desde o dia 16 de outubro, proclamamos em Pequim o armistício em nossa imprensa".

"... Agimos assim visando à nossa união em bases marxistas-leninistas, ainda que muitos dos grandes problemas que existem entre nós não possam ser resolvidos no momento".

Chu-En-Lai sabia muito bem que não havia relações diplomáticas entre a União Soviética e a Albânia; sabia que essas relações haviam sido brutalmente rompidas, por iniciativa dos kruchevistas. Mesmo assim, ele insistiu para que a Albânia enviasse uma delegação a Moscou. Ele fez a seguinte afirmação a nosso embaixador: "Achamos que os camaradas albaneses deveriam estudar a nossa proposta. Esta é uma boa ocasião para estender as mãos aos soviéticos e unir-se a eles na luta contra nossos inimigos".

O Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia não podia aceitar esta proposta, que implicava na extinção da luta contra o revisionismo e na reconciliação ideológica com ele. Subscrever tal linha de reconciliação com os revisionistas soviéticos teria sido catastrófico para o marxismo-leninismo, teria sido um golpe de conseqüências desastrosas. Foi por isso que o nosso partido se opôs categoricamente ao pedido chinês e o rejeitou com firmeza.

Na carta enviada dia 5 de novembro de 1964 ao Comitê Central do Partido Comunista Chinês, o Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia explicou pacientemente, com

espírito de correção marxista-leninista, que a análise feita pela direção chinesa sobre as mudanças operadas na União Soviética estava incorreta e que a sua proposta de se dirigir a Moscou era inaceitável.

Nesta carta, entre outras coisas está dito o seguinte:

"Este acontecimento, ainda que importante e destinado a ter conseqüências sérias, não levou, pelo menos até o momento, o revisionismo à derrota completa; este acontecimento não marcou a vitória final do marxismo-leninismo sobre o revisionismo; apenas fez acelerar a decomposição do revisionismo. Este acontecimento empurrou o revisionismo para mais perto do túmulo, apesar dos sucessores de Kruchev se esforçarem para salvar o revisionismo desse túmulo, aplicando a política do kruchevismo sem Kruchev".

"... Se bem que o afastamento de Kruchev da cena política constitua uma importante vitória para o marxismo-leninismo, o Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia considera que não se pode superestimar este fato; os marxistas-leninistas não devem afrouxar sua vigilância, nem cessar sua luta de princípio pela destruição do revisionismo moderno kruchevista".

"... Somos da opinião que a polêmica aberta e de princípio para denunciar sem descanso o revisionismo moderno deve prosseguir até que o revisionismo seja completamente enterrado como ideologia... Recuar das posições que conquistamos com a nossa luta seria uma perda para nós e uma vantagem para os revisionistas".

"... Achamos que não nos é permitido ignorar tudo isso unicamente porque a pessoa de N. Kruchev foi afastada. Além do mais, isto não é nem marxista, nem digno de um Estado soberano, já que foi o governo soviético quem tomou a iniciativa de romper as relações diplomáticas conosco e nos atacou com odiosos atos antimarxistas".

"Por essas razões, somos constrangidos a nos expressar contra a proposta do camarada Chu En-Lai de aceitarmos um eventual convite do partido e do governo soviético para enviarmos uma delegação às festas do 7 de Novembro".

O Comitê Central do Partido Comunista Chinês recebeu com desprezo esta carta confidencial do nosso partido. A direção chinesa nunca respondeu a essa carta, nem levou em consideração suas observações razoáveis, feitas com espírito de camaradagem.

Chu En-Lai encabeçou uma delegação do partido e do

governo chinês que esteve em Moscou dia 7 de novembro de 1964 para saudar a ascensão de Brejnev ao poder. Mas como os fatos demonstraram, ele não obteve sucesso em sua missão de reconciliação e acomodação com a nova direção soviética e, desde que voltou à China, a direção chinesa foi obrigada a retomar a polêmica com a União Soviética.

Ficou provado então que a atitude de nosso partido e a análise que fez dos fatos concernentes à queda de Kruchev estavam corretas, eram marxistas-leninistas. Já a posição da direção chinesa era conciliadora, oportunista e inteiramente errada na apreciação da nova direção revisionista da União Soviética, e na atitude tomada em relação a ela. Embora a direção chinesa não se tenha mostrado correta e não tenha feito autocrítica, e embora as nossas divergências ideológicas tenham se aprofundado, nosso partido continuou marchando em sua luta pelo fortalecimento dos laços de amizade e de colaboração com o Partido Comunista Chinês, na esperança de que a direção chinesa assumisse posições sólidas na luta comum contra o revisionismo e o imperialismo.

5. Independentemente das contradições que surgiram entre nós, e levando em conta a situação difícil atravessada pela China, desejando sinceramente ajudar o Partido Comunista e o povo chinês a superá-la, o Partido do Trabalho da Albânia continuou a apoiar a China com determinação, sobretudo nas questões políticas e ideológicas sobre as quais tínhamos pontos de vista comuns.

Nosso partido apoiou a Revolução Cultural a pedido do próprio Mao Tsé-Tung, que afirmou a nosso partido que a China deveria enfrentar um perigo colossal e que não se sabia quem, se as forças socialistas ou revisionistas, iriam se apoderar da China. (Trecho de uma entrevista com a delegação do partido e do governo albanês em maio de 1966.) O Partido do Trabalho da Albânia ajudou a China nesse período crítico, embora ele próprio estivesse enfrentando grandes dificuldades e sendo ferozmente atacado pela frente única imperialista-revisionista. O partido apoiou a linha geral da Revolução Cultural pela liquidação dos elementos capitalistas e revisionistas que haviam ocupado posições-chave no partido e no poder, ainda que não estivesse de acordo com numerosas questões de princípio que estavam na base dessa revolução, e nem com os métodos que foram utilizados durante a sua realização. Apoiando a Revolução Cultural, nosso partido esperava que a China

encontrasse o caminho da verdadeira luta revolucionária, guiada pela classe operária e sua vanguarda, o Partido Comunista. A Revolução Cultural foi um período muito difícil para o socialismo na China, durante o qual se criou uma situação complexa e caótica. Esta situação foi o resultado lógico das lutas fracionistas que aconteceram, contrariamente aos princípios, no seio do Partido Comunista Chinês, durante o período da luta pela consecução da Revolução Democrático-burguesa e, após 1949, em torno do caminho que a China devia percorrer para o desenvolvimento ulterior da revolução.

As grandes idéias da Grande Revolução Socialista de Outubro e a ideologia marxista-leninista não se tornaram — como deveriam ter-se tornado — um exemplo, uma bússola para o Partido Comunista Chinês, o eixo de sua ação nas condições concretas da China. O resultado foi que mesmo o núcleo marxista-leninista do partido foi levado a um ecletismo perigoso, o que fez gerar uma luta caótica e desenfreada de frações, de pessoas e de grupos com diversas concepções não marxistas-leninistas sobre o poder, entravando seriamente a construção das bases do socialismo na China. Este caos político, ideológico e organizativo do Partido Comunista e do Estado chinês fez com que elementos capitalistas e revisionistas se apoderassem de posições-chave no partido, no poder e no Exército. Foi nestas condições que estourou a Revolução Cultural, inspirada e dirigida pelo próprio Mao Tsé-Tung.

O Partido do Trabalho da Albânia apoiou a estratégia geral da Revolução Cultural. Mas devemos ressaltar que o nosso partido apoiou a estratégia dessa revolução e não qualquer uma de suas táticas. O partido defendeu firmemente a causa do socialismo na China, defendeu o irmão povo chinês, o Partido Comunista Chinês e a Revolução; mas ele não apoiou, de maneira nenhuma, a luta fracionista dos grupos antimarxistas, quaisquer que fossem, que se degladiavam, até mesmo pelas armas, de maneira aberta ou dissimulada, para tomar o poder.

A Revolução Cultural, na maioria dos casos, desenvolveu-se em desacordo com os princípios, tanto na teoria como na prática; não foi conduzida por um verdadeiro partido da classe operária, que combatesse pela instauração da ditadura do proletariado. Os ataques entre os grupos fracionistas terminaram com a instauração de um poder nas mãos de elementos burgueses e revisionistas.

A atual direção chinesa se esforçou e se esforça para que

o Partido do Trabalho da Albânia condene a Revolução Cultural segundo os objetivos e desejos dela. O Partido do Trabalho da Albânia nunca aceitará este *diktat*. Nosso partido e todos os revolucionários no mundo esperam que o Partido Comunista Chinês faça uma verdadeira análise da Revolução Cultural, que tenha a coragem de dizer a verdade sobre as idéias que conduziram essa Revolução e sobre os grupos e as pessoas que a fizeram e a dirigiram; que tenha a coragem de dizer a verdade sobre aqueles contra os quais a Revolução era dirigida; e adote atitudes claras sobre estas questões. A direção do Partido Comunista Chinês não procedeu a esta análise até o momento pois teme a verdadeira interpretação marxista-leninista que pode ser feita dos fatos.

6. O Partido do Trabalho da Albânia despendeu múltiplos esforços para defender firme e abertamente a China no cenário internacional, ainda que, em relação a numerosas questões, seus pontos de vista sobre os princípios fossem diferentes das concepções chinesas. Assim foi a luta diplomática, longa e perseverante que a Albânia manteve pelo restabelecimento dos legítimos direitos da República Popular da China nas Nações Unidas, que lhe eram negados pelo imperialismo americano e seus aliados.

Em suas relações com os outros países do mundo, a China seguia uma política fechada. A direção do nosso partido, em casos particulares, e com toda camaradagem, expressou aos dirigentes chineses o desejo de ver a China Popular conduzir uma política externa mais ativa, ampliar os contatos e suas relações políticas, econômicas, culturais etc., com diversos países, especialmente com os países vizinhos. Segundo nosso ponto de vista, essa política seria do interesse da própria China e da causa do socialismo e da revolução em todo o mundo. Mas a direção chinesa não considerou oportuno este desejo da Albânia e preferiu se isolar, invocando diversos pretextos a todos os Estados que manifestavam o desejo de estabelecer relações com ela.

7. Em 1968, uma delegação do partido e do governo albaneses, encabeçada por Beqir Balluku, então membro do Bureau Político, vice-presidente do Conselho de Ministros, e ministro da Defesa Popular, esteve na China. Esta delegação estava encarregada de apresentar à direção chinesa o nosso pedido de ajuda para fortalecer a capacidade de defesa da Albânia.

Nessa ocasião, Chu En-Lai expôs abertamente a Beqir Balluku o ponto de vista da direção chinesa, segundo o qual a Albânia, sendo um pequeno país, não precisava de armamentos pesados e que ela jamais poderia se defender de uma agressão estrangeira — especialmente do social-imperialismo soviético e do imperialismo americano — com as suas próprias forças, qualquer que fosse a ajuda militar que recebesse da China. Por esta razão, disse Chu En-Lai, para a Albânia se defender de uma agressão estrangeira só lhe restava uma alternativa: aplicar a tática da guerra de guerrilhas e fazer uma aliança com a Iugosvia e com a Romênia.

Quando a nossa delegação voltou à Albânia, Beqir Balluku relatou a proposta de Chu En-Lai ao Bureau Político. O Bureau Político do Comitê Central do nosso partido denunciou e rejeitou unanimemente a proposta antialbanesa e contra-revolucionária de Chu En-Lai. Beqir Balluku, formalmente associado à decisão do Bureau Político, acrescentou que ele estava contra a proposta de Chu En-Lai. Os fatos e os acontecimentos posteriores demonstraram porém que Beqir Balluku estava plenamente de acordo com a proposta da direção chinesa e que ele agia em segredo para realizar este plano estratégico hostil à República Popular Socialista da Albânia.

Esta mesma tese foi novamente proposta por Chu En-Lai à delegação albanesa que, em julho de 1975, se encontrava em Pequim para assinar o acordo de ajuda econômica da China à Albânia para o plano qüinqüenal (1976-1980). Nossa delegação novamente rejeitou a proposta de maneira categórica.

A direção do nosso partido considerou a proposta de aliança militar que Shu En-Lai procurava nos impor como uma tentativa de caráter reacionário de parte da direção chinesa; que visava levar a Albânia a cair na armadilha dos complôs belicistas, por meio de alianças militares que tinham como objetivo final transformar a região dos Bálcãs num barril de pólvora, como tentaram fazer o social-imperialismo soviético e os imperialistas americanos.

Não sabemos se a Iugoslávia e a Romênia estão a par desses planos da direção chinesa. Mas constatamos que, mesmo no presente, a direção chinesa manifesta um grande zelo em tratar de questões referentes aos Bálcãs, a embaralhar as cartas e instigar a guerra nesta região tão delicada da Europa. Temos confiança em que os povos do Bálcãs jamais aceitarão afastar-se uns dos outros, jamais aceitarão transformar-se em instru-

mentos do imperialismo americano, do social-imperialismo russo ou do hegemonismo chinês.

Estes atos reacionários da direção chinesa e a oposição do nosso partido contra eles tiveram mais tarde sérias conseqüências no relacionamento dos dois países.

Nosso partido jamais se imiscuiu nos assuntos internos da China. Mas a direção chinesa, em determinados momentos, intrometeu-se de maneira criminosa nos assuntos internos da Albânia. Os fatos serão denunciados no momento oportuno. Se tais atos condenáveis empreendidos pela direção chinesa em colaboração com os traidores albaneses fossem levados às últimas conseqüências, a República Popular da Albânia, a nossa independência e a nossa soberania estariam liquidadas.

8. Enquanto o nosso partido trabalhava para fortalecer a colaboração fraterna com a China, enquanto desejava desenvolver e intensificar, numa frente comum com a China e todos os partidos e forças marxistas-leninistas a luta contra o imperialismo, o revisionismo moderno e a reação, a China olhava as coisas sempre através do seu próprio prisma, procurando dominar os outros e lhes impor sua estratégia e táticas.

O desenrolar dos acontecimentos mostrou cada vez melhor que a luta ideológica do Partido Comunista Chinês contra os kruchevistas não tinha bases sólidas e que ela não tinha, de fato, por objetivo, defender o marxismo-leninismo, a revolução e a libertação dos povos. A China era levada apenas por objetivos pragmáticos e interesses egoístas. Isto ficou claro com a mudança radical da estratégia chinesa, oficialmente selada com a viagem de Nixon a Pequim.

No verão de 1971, a Albânia — que se considerava a aliada mais próxima da China — soube, através das agências internacionais de imprensa, a notícia, difundida no mundo inteiro, que Kissinger havia feito uma viagem secreta a Pequim. Com Kissinger foram feitas negociações que marcaram uma mudança radical na política chinesa. Neste como em outros casos, embora se tratasse de uma grande mudança política, de uma mudança na linha estratégica, o Partido Comunista e o governo da República Popular da China não julgaram útil discutir previamente com o Partido do Trabalho e com o governo da Albânia para saber o que eles pensavam disso. A direção chinesa optou pela prática do fato consumado, julgando que os outros devessem obedecê-la sem nada dizer.

Para o nosso partido estava claro que a visita de Nixon a

Pequim não fazia parte da série de negociações que estavam sendo realizadas até então em Varsóvia entre os embaixadores chinês e americano; que a visita não foi feita para estabelecer a "diplomacia do povo" nem para abrir o caminho para as relações com o povo americano, como pretendiam os dirigentes chineses. A visita de Nixon a Pequim lançava as bases de uma nova política por parte da China.

Com a visita de Nixon, a China entrava na dança das alianças e das rivalidades imperialistas em torno de uma nova partilha do mundo, na qual ela também teria a sua parte. Aquela visita abria as portas para a aproximação e a colaboração com o imperialismo americano e seus aliados. A inauguração da aliança com os Estados Unidos marcava, ao mesmo tempo, o abandono, por parte da direção chinesa, dos países verdadeiramente socialistas, do movimento marxista-leninista, da revolução e da luta de libertação nacional dos povos.

A aliança e o encontro da direção chinesa com o presidente americano em Pequim ocorreu quando os Estados Unidos estavam empenhados na guerra de rapina do Vietnã, usando os métodos de combate mais modernos — com a única exceção da bomba atômica — para massacrar o heróico povo vietnamita irmão e reduzir o Vietnã a cinzas. Esta aliança monstruosa e o encontro sino-americano foram atos condenáveis de conseqüências catastróficas para os povos.

Por esta razão, o Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, constatando esta reviravolta perigosa na política exterior da China, enviou, dia 6 de agosto de 1971, uma longa carta ao Comitê Central do Partido Comunista Chinês, expressando sua firme desaprovação a esta mudança, que ia contra os interesses da própria China Popular, da revolução e do socialismo.

Nesta carta está dito, entre outras coisas, o seguinte:

"... Consideramos que a sua decisão de receber Nixon em Pequim não tem base e é inoportuna. Nós desaprovamos e não apoiamos esta decisão. Julgamos que a anunciada visita de Nixon à China também não será compreendida nem aprovada pelos povos, pelos revolucionários e pelos comunistas de todo o mundo".

"... O fato de receber Nixon na China — ele que é conhecido como um anticomunista raivoso, como um agressor e um assassino de povos, como o representante da pior reação americana — tem vários aspectos negativos e trará conseqüên-

cias nefastas para o movimento revolucionário e para a nossa causa".

"A ida de Nixon à China e as negociações com ele não podem deixar de criar ilusões nocivas nas pessoas simples e nos povos e revolucionários, sobre o imperialismo americano, sobre a sua estratégia e a sua política".

"... As negociações com Nixon fornecem uma arma aos revisionistas para menosprezar toda a luta e a grande polêmica mantidas pelo Partido Comunista Chinês visando denunciar os renegados soviéticos como aliados e cúmplices do imperialismo americano; essas conversações dão aos soviéticos uma arma para identificar a atitude da China, em relação ao imperialismo americano, com a linha de traição e de colaboração que eles mesmos seguem. Isto cria, para os revisionistas kruchevistas, a possibilidade de brandir ainda mais alto a bandeira do falso anti-imperialismo e de intensificar sua demagogia e suas mistificações para levar as forças antiimperialistas a reboque".

"... A visita do presidente americano à China não pode deixar de suscitar interrogações e mesmo mal-entendidos entre as pessoas simples, que não podem conceber como a China mude de atitude em relação ao imperialismo americano e entre no jogo das superpotências".

"... Nossa estratégia prevê uma estreita aliança com os povos que lutam, com os revolucionários do mundo inteiro, numa frente comum contra o imperialismo e o social-imperialismo; nunca uma aliança com o social-imperialismo soviético, supostamente contra o imperialismo americano e nunca uma aliança com o imperialismo americano, supostamente contra o social-imperialismo soviético".

A carta concluía ressaltando que "a linha e as atitudes do Partido do Trabalho da Albânia sempre estarão de acordo com os princípios, conseqüentes, inalterados. Nós combateremos o imperialismo americano e o revisionismo soviético, sem compromissos e com perseverança". A carta expressava a esperança de que as observações feitas por nosso Partido do Trabalho a um partido irmão "fossem examinadas com espírito de camaradagem e compreendidas de maneira correta".

Também em relação a esta carta a direção chinesa portou-se da maneira habitual. Não se dignou a respondê-la. Com isto a direção chinesa não mostrava apenas a sua megalomania de grande Estado, mas também o temor de ser confrontada com argumentos justos e de princípio, com os argumentos marxistas-

leninistas de nosso partido. Dois meses depois do envio dessa carta, ocorreu o VI Congresso do Partido do Trabalho da Albânia. Era uma boa ocasião para uma troca de opiniões com a delegação chinesa convidada a este Congresso para esclarecer as posições respectivas. Mas a direção chinesa, conseqüente com a sua linha de recusa às consultas e à solução das divergências por meio de conversações, mais uma vez agiu contra toda a prática de relações internacionalistas entre partidos irmãos. A direção chinesa levantou algumas razões absurdas para não enviar uma delegação ao Congresso de nosso partido. Nesta época, o Partido Comunista Chinês adiava unilateralmente as relações entre os dois partidos, cujos encontros eram puramente formais.

A mudança da estratégia chinesa efetuou-se no bojo de uma luta interna do Partido Comunista Chinês, que tinha profundas contradições, onde floreciam "as cem flores e as cem escolas", encontrando-se em sua direção pró-kruchevistas, pró-americanos, oportunistas e revolucionários. Isto explica as sucessivas mudanças da linha política do Partido Comunista Chinês, suas atitudes vacilantes, oportunistas e contraditórias em relação ao imperialismo americano, ao revisionismo moderno e à reação internacional. No espaço de dez anos, entre 1962 e 1972, o eixo da política chinesa mudou três vezes. No início, o Partido Comunista Chinês defendia a fórmula estratégica da "frente única mesmo com os revisionistas soviéticos e outros contra o imperialismo americano e seus aliados". Depois, o Partido Comunista Chinês lançou a palavra de ordem da "frente única bastante ampla do proletariado e dos povos revolucionários de todos os países contra o imperialismo americano, o revisionismo soviético e a reação dos diversos países". Após a visita de Nixon à China, a estratégia chinesa fala de uma nova "frente única e ampla", na qual se integram, desta vez, "todos aqueles que possam se unir", inclusive os Estados Unidos da América, contra o social-imperialismo soviético.

9. Depois da reaproximação com o imperialismo americano e a abertura para os Estados Unidos e seus aliados, a direção do Partido Comunista Chinês proclamou a teoria antimarxista e contra-revolucionária dos "três mundos", apresentada como uma estratégia da revolução, que os chineses se esforçam para impor ao movimento marxista-leninista e a todos os povos do mundo como linha geral de sua luta.

O Partido do Trabalho da Albânia, assim como o Partido

Comunista Chinês tinha como princípio e acentuava — quando combatiam juntos o revisionismo moderno e, em particular, o revisionismo kruchevista — que não existe "partido pai" e nem "partido filho"; que cada partido tem o direito de ter as suas próprias opiniões sobre todos os problemas e que um partido é verdadeiramente comunista, revolucionário, quando considera esses problemas com a ótica do marxismo-leninismo. O Partido Comunista Chinês violou estes princípios e estas normas em todos os campos. Ele procura impor a mudança contra-revolucionária da união da China com o imperialismo americano e a reação mundial a todos os marxistas-leninistas; procura passar suas concepções e suas análises antimarxistas sobre o imperialismo, sobre a situação internacional atual, sobre as alianças etc., como verdades absolutas e inatacáveis, ao conjunto do movimento revolucionário e de libertação.

A prática prova que o Partido Comunista e o governo chinês, na maior parte das vezes, não consideraram as questões internacionais sob o ângulo do marxismo-leninismo, dos interesses da revolução e das lutas de libertação dos povos. A política chinesa é uma luta pragmática, e não poderia ser de outra forma, pois a sua estratégia e as suas táticas também são pragmáticas. Por isso é que o mundo viu e também verá no futuro outras reviravoltas completas na política chinesa. Essas mudanças são apresentadas como marxistas-leninistas. Na realidade, porém, são mudanças antimarxistas, mudanças que servem aos interesses do grande Estado chinês, que busca nas alianças com o imperialismo americano, com o social-imperialismo soviético e com o capital mundial, transformar a China numa superpotência imperialista.

Atualmente, o plano da China de se transformar numa superpotência encontra sua expressão concentrada na teoria tristemente famosa dos "três mundos". A teoria dos "três mundos" tenta substituir o marxismo-leninismo com uma salada eclética de idéias e teses oportunistas, revisionistas e anarco-sindicalistas; procura abafar o espírito revolucionário do proletariado e a sua luta de classe, preconizando a união com a burguesia e o imperialismo. A teoria dos "três mundos", com as teses de que o momento não é apropriado para a revolução, visa manter o *status quo,* a situação de opressão e de exploração capitalista, colonialista e neo-colonialista.

A China pede aos povos para renunciarem à luta de libertação nacional, econômica e social e para submeter-se ao imperialismo americano e às outras potências capitalistas do Ocidente — os antigos colonizadores —, pretensamente em nome da defesa e da independência nacional contra o social-imperialismo soviético, que ela considera hoje como o único perigo e ameaça. A China procura fortalecer o Mercado Comum Europeu e a União Européia, que são organismos criados para manter a servidão capitalista do proletariado da Europa, e para oprimir e explorar os povos dos outros países. Incitando a corrida dos armamentos das superpotências, apoiando os instrumentos de guerra do imperialismo americano, a OTAN e seus outros blocos militares, a teoria dos "três mundos" incita à guerra imperialista mundial.

A teoria dos "três mundos" é uma cortina de fumaça que serve para a China esconder seu objetivo de estabelecer a hegemonia sobre o que ela chama de "terceiro mundo". Não foi por acaso que a China se incorporou ao "terceiro mundo" e assume a sua liderança no cenário internacional. Também não é por acaso que a direção chinesa faça a corte dos "não alinhados" e procure submetê-los à sua vontade.

A direção chinesa não é a primeira a manifestar seu "amor" e sua "solicitude" pelo pretenso "terceiro mundo". Os imperialistas, os social-imperialistas e outros neo-colonialistas elaboraram, bem antes da China, diferentes teorias sobre o "terceiro mundo", a fim de dominar e subjugar os países e os povos desse "mundo". Em vão, a direção chinesa tenta fazer crer que elaborou essa teoria baseada numa pretensa análise objetiva da situação internacional feita por Mao Tsé-Tung. Todo o mundo sabe que a teoria do "terceiro mundo" foi criada pela reação mundial. O Partido do Trabalho da Albânia e o governo albanês combateram, desde 1960 e mesmo antes, no cenário internacional, as especulações teóricas e práticas sobre o "terceiro mundo"', desmascarando-as como manobras e complôs burgueses-capitalistas, neo-colonialistas e racistas, que visavam oprimir os povos que lutavam por sua liberdade e independência.

A "contribuição" dos dirigentes chineses à teoria dos "três mundos" consiste apenas na "argumentação" sobre a necessidade de conciliação do "terceiro mundo" com o imperialismo. Eles não descobriram nada, eles conceberam a aliança do "terceiro mundo" com o imperialismo americano e com os outros imperialistas para conseguir a ajuda deles e fazer da China uma superpotência imperialista.

Portanto, não é o Partido do Trabalho da Albânia que

ataca o autor chinês e os defensores dessa teoria. Foram precisamente eles, os chineses, quem, no passado, atacaram o Partido do Trabalho da Albânia e a sua luta contra essa teoria da reação mundial, luta travada em apoio à liberdade e à independência dos povos da África, da Ásia, da América Latina etc.

A aplicação da teoria dos "três mundos" levou a direção chinesa a se unir até mesmo com o "diabo"; a se unir com os imperialistas americanos e com os monopolistas da Europa; com os fascistas e os racistas; com os reis e os senhores feudais; com os militares e os belicistas mais raivosos. A China fez aliados como Pinochet e Franco, ex-generais nazistas da Wehrmacht alemã e do Exército Imperial Japonês; criminosos notórios como Mobutu e reis sanguinários, *boss* americanos e presidentes de companhias multinacionais.

Esta linha antimarxista levou a direção chinesa a se unir com Tito, Carrillo e outros revisionistas. Antigamente a direção chinesa era contra Tito e agora se uniu a ele. Isto comprova a sua falta de princípios marxistas-leninistas e as inconseqüências de sua linha. Mas o nosso partido faz questão de dizer à direção chinesa: a união atual de vocês com Tito e as alianças suspeitas que vocês tentam estabelecer nos Bálcãs trazem grande perigo para os povos dessa península, para os povos iugoslavo, albanês, grego, turco e outros. A Albânia conhece bem os planos e objetivos da direção chinesa em relação aos Bálcãs. Os povos do mundo também devem permanecer vigilantes contra as intrigas chinesas nesta região.

10. O Partido do Trabalho da Albânia fez todo o possível para que as divergências que surgiam entre os dois partidos — e que, com tempo, tendiam a aumentar — fossem resolvidas pela via marxista-leninista.

Com esta intenção, o Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, percebendo que a direção chinesa se recusava sistematicamente a responder às suas cartas e a enviar delegações oficiais à Albânia e, por outro lado, constatando que as divergências ideológicas com a direção chinesa assumiam grandes proporções, não se acomodou. Ao contrário, fez novos esforços para realizar conversações de camaradas com os chineses.

Assim, em janeiro de 1974, o Comitê Central do nosso partido propôs ao Comitê Central do Partido Comunista Chinês o envio à China de uma delegação do nosso partido e do nosso governo, a fim de manter conversações de cúpula, ressaltando

que essa visita deveria acontecer, se possível, antes do fim do primeiro semestre de 1974. Mas a direção chinesa, embora tenha formalmente aceito a proposta do nosso partido, de fato se opôs ao envio da nossa delegação a Pequim. Primeiro, a direção chinesa informou que a visita da nossa delegação deveria ocorrer no segundo semestre de 1974; depois adiou-a para o primeiro semestre de 1975; por fim, silenciou sobre esta questão, fechando assim a possibilidade de negociações, ao mesmo tempo que reis e príncipes, reacionários e fascistas diversos eram recebidos em Pequim, acompanhados de grande pompa. Ficou claro, então, que a direção chinesa continuava obstinadamente no caminho antimarxista. Ficou claro que nas relações com o nosso partido e com o nosso País ela se baseava em concepções chauvinistas de grande potência, exigindo que sua linha e seu *diktat* fossem aceitos incondicionalmente.

Nestas circunstâncias, em que a direção chinesa recusava todo o contato, furtava-se a toda discussão e consulta e tentava, com arrogância e brutalidade, impor ao movimento marxista-leninista a teoria dos "três mundos", o que devia fazer o Partido do Trabalho da Albânia? Aceitar a linha antimarxista do Partido Comunista Chinês e renegar a si próprio? Renunciar à luta contra o imperialismo e o revisionismo moderno e se unir aos inimigos da revolução, do socialismo, da liberdade e da independência dos povos? Separar-se dos revolucionários marxistas-leninistas e associar-se aos oportunistas e à burguesia reacionária? Parar de apoiar a luta de libertação nacional dos povos, contra as superpotências e os seus agentes?

O Partido do Trabalho da Albânia permaneceu fiel ao marxismo-leninismo e à sua correta linha revolucionária, que ele sempre seguiu com resolução, com perseverança e sem esmorecimento. Foi esta a linha marxista-leninista apresentada pelo partido no seu 7.º Congresso, quando expôs seus pontos de vista e suas posições em relação aos principais problemas internacionais atuais, em relação à revolução e à luta de libertação dos povos. No 7.º Congresso, como em cada um dos outros congressos, nosso partido expressou seus pontos de vista — com espírito internacionalista proletário — sobre os problemas concernentes ao movimento marxista-leninista. A linha do 7.º Congresso, aprovada por unanimidade pelo partido, constitui o fundamento de toda a política interna e externa de nosso País.

Esta linha marxista-leninista de nosso partido, a política independente da Albânia socialista, as posições firmes e de

princípios tomadas pelo povo albanês, que foram e são contrárias à linha e à política antimarxistas e de grande potência da direção chinesa, são a causa essencial e verdadeira das posições e dos atos antialbaneses do Comitê Central do Partido Comunista Chinês e do governo chinês e que levaram à suspensão arbitrária das ajudas civis e militares à Albânia.

Isto ficou claro principalmente depois do 7.º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, quando a direção chinesa, violando todas as normas das relações entre partidos irmãos, precipitou-se e acusou o 7.º Congresso de atacar a China, o Partido Comunista Chinês e Mao Tsé-Tung.

A acusação da direção chinesa é destituída de qualquer fundamento. Para se convencer disto basta ler os documentos do 7.º Congresso, que foram todos publicados. Qualquer um pode facilmente constatar que neles não há nenhum ataque, seja contra a China, seja contra o Partido Comunista Chinês, seja contra Mao Tsé-Tung. Em carta dirigida dia 24 de dezembro de 1976 ao Comitê Central do Partido Comunista Chinês, o Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia pediu que fosse apontado em quê ou onde o nosso partido havia atacado a China e Mao Tsé-Tung. A direção chinesa, como de costume, não deu nenhuma resposta até hoje.

O problema, porém, não está nos "ataques" que, de fato, não existem. A cólera e a arrogância da direção chinesa contra o 7.º Congresso devem-se ao fato de o nosso partido não ter adotado as teses e os pontos de vista antimarxistas chineses, a teoria contra-revolucionária dos "três mundos". O Partido do Trabalho da Albânia, na condição de partido marxista-leninista autêntico, aceita discutir os problemas, mas nunca recebeu de quem quer que fosse nem ordens nem diretivas sobre os problemas que ele devia resolver, nem sobre a maneira de expressar seus pontos de vista nos congressos. Por isso ele não permitiu e nem permite a qualquer partido, seja grande ou pequeno, e muito menos ao Partido Comunista Chinês, que se intrometa nos seus assuntos internos e lhe dite o que deve fazer e como agir.

11. A direção do Partido Comunista Chinês conheceu uma série de mudanças em sua linha, em sua estratégia e em seus quadros. O Partido do Trabalho da Albânia nunca defendeu este ou aquele grupo ou aquela personalidade afastados da direção do Partido Comunista Chinês. Nós sempre tivemos e temos as nossas próprias opiniões sobre cada coisa e cada indivíduo ou grupo da direção chinesa. Isto é natural.

A direção chinesa atual desejou imensamente que o Partido do Trabalho da Albânia apoiasse as mudanças por ela efetuadas na cúpula do Partido Comunista Chinês. Quando ficou claro que não demos esse apoio, a direção chinesa concluiu que eramos partidários de Lin Piao e do "Bando dos Quatro". Ela se engana nos dois casos, o que de resto constitui uma das grandes razões políticas e ideológicas inconfessadas que levaram a direção chinesa a suspender a ajuda à Albânia. A direção chinesa atual quis que o nosso partido apoiasse a sua atividade ilegal, conduzida por um caminho que não é marxista-leninista, para empolgar o poder na China. Nosso partido não satisfez nem satisfará este desejo da direção chinesa. O Partido do Trabalho da Albânia jamais violará os princípios marxistas-leninistas; ele não é e nunca será instrumento de ninguém.

A verdadeira razão da decisão chinesa para suspender sua ajuda à Albânia reside nas divergências e nas contradições ideológicas e políticas com o Partido do Trabalho da Albânia, no fracasso dos esforços da direção chinesa para impor ao Partido do Trabalho da Albânia seus pontos de vista e sua linha. Precisamente porque não pôde submeter a Albânia socialista, a direção chinesa procura agora se vingar e se opor ao desenvolvimento do socialismo na Albânia. Mas através deste ato ela desmascara ainda mais a sua face antimarxista e contra-revolucionária.

III

Tão grave é a suspensão dos créditos e das ajudas à Albânia pela direção chinesa que não constitui apenas um episódio nas relações entre a Albânia e a China. Este ato reveste-se de grande importância internacional; prova que a China tomou posição contra o marxismo-leninismo proletário, prova que ela adotou e segue uma política chauvinista e de *diktat* de grande potência, que ela aplica práticas hegemônicas e realiza atos arbitrários e brutais de grande potência.

Para realizar seus objetivos egoístas, para fazer da China uma potência central no mundo, a direção chinesa posa de "defensor dos pequenos e médios países", declara luta contra "a injusta repartição da economia mundial", contra "a discriminação econômica dos países em desenvolvimento pelas potências imperialistas", declara ser pelo "desenvolvimento da economia nacional dos países em desenvolvimento", pelo "fortalecimento

da independência e da soberania desses países", lutar "contra o *diktat* dos grandes sobre os pequenos" etc. Ora, a atitude hostil da direção chinesa em relação à Albânia, a suspensão de sua parte das ajudas e créditos firmados até então — porque o Partido do Trabalho da Albânia não obedeceu à sua varinha de maestro — desmascara claramente a falsidade da linha chinesa, as suas intenções que não são benevolentes de jeito nenhum, as mentiras que ela quer fazer os povos do "terceiro mundo" engolir, para oprimi-los e subjugá-los, para lhes impor a sua vontade e a vontade dos antigos e novos colonizadores.

Suspendendo as ajudas que prestava à Albânia socialista, ao mesmo tempo que a China recebe ajudas e créditos consideráveis do imperialismo americano e do capitalismo mundial e concede ajudas e créditos aos agentes do imperialismo, como Mobutu e consortes, a direção chinesa mostra abertamente à opinião mundial que ela não está ideologicamente de acordo com um verdadeiro país socialista. Ao contrário, este ato mostra que a China é contra a ordem socialista, contra os países e os povos que querem se libertar precisamente da dominação do imperialismo e do social-imperialismo, da opressão e do *diktat* do chauvinismo de grande Estado.

Nós fazemos questão de dizer aos dirigentes chineses: vocês levaram para o campo das relações estatais com nosso País as discordâncias e divergências ideológicas. Procedendo desta maneira, vocês prejudicaram gravemente a amizade albano-chinesa pela qual tanto lutaram o povo albanês e o povo chinês. Vocês tornaram públicas as nossas divergências e abriram a polêmica. Aceitamos o desafio, não tememos a polêmica. Mas vocês são inteiramente responsáveis, perante o povo chinês e o povo albanês, perante toda a opinião pública mundial, por todos os seus atos hostis, antimarxistas e antialbaneses.

Para que o povo albanês, o povo chinês e toda a opinião pública internacional possam tomar conhecimento e julgar os pontos de vista do partido e do governo de vocês, e também do partido e do governo albaneses, sobre a suspensão pela China dos créditos e ajudas à Albânia, nós publicaremos em nosso jornal *Zëri I Popullit* esta carta e também a nota do governo chinês. Esperamos que vocês também publiquem a nossa carta no jornal *Renmin Ribao*. Esta é uma prática que a China mantinha antigamente.

O Partido do Trabalho da Albânia, o governo e o povo

albanês lutarão para salvaguardar a amizade albano-chinesa, que é uma amizade entre povos. E o farão na medida em que isto dependa deles, para que sejam mantidas as relações estatais normais entre a Albânia e a China. Eles têm a firme esperança de que o povo chinês apreciará a atitude albanesa e saberá também julgar as ações antialbanesas da direção chinesa.

A direção chinesa suspendeu a ajuda econômica e militar à Albânia pensando que a Albânia fosse obrigada a capitular e a submeter-se a ela ou estender a mão aos outros, desacreditando-se. Mas a direção chinesa ainda não conhece bem o Partido do Trabalho da Albânia e o povo albanês, a sua determinação, sua força e sua unidade.

A República Popular Socialista da Albânia e o povo albanês, sob a direção conseqüente do Partido do Trabalho da Albânia, com o camarada Enver Hoxha à frente, cumprirão com honra e até o fim a missão histórica da edificação do socialismo, apoiando-se em suas próprias forças; mostrando, cada vez melhor, ao proletariado mundial e a todos os povos do mundo, a vitalidade inesgotável e invencível da ideologia marxista-leninista, que torna possível, mesmo a um pequeno país como a Albânia — cercado pelo imperialismo e pelo revisionismo — o êxito na edificação do socialismo, a sua defesa e o seu progresso constante.

A Albânia jamais se renderá a ninguém, ela continuará fiel até o fim ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário, ela marchará sem parar pelo caminho do socialismo e do comunismo, iluminada pelos ensinamentos imortais de Marx, Engels, Lênin e Stalin.

O povo albanês, com o Partido do Trabalho à frente, apoiará, com determinação e perseverança, as lutas revolucionárias e de libertação dos povos, o combate desses povos pela liberdade, a independência e o progresso social. O Partido do Trabalho da Albânia lutará com intransigência e até o fim contra o imperialismo americano, o social-imperialismo soviético, o revisionismo moderno e a reação mundial. A Albânia nunca se curvou, nem abaixou a cabeça no passado e não o fará hoje nem no futuro.

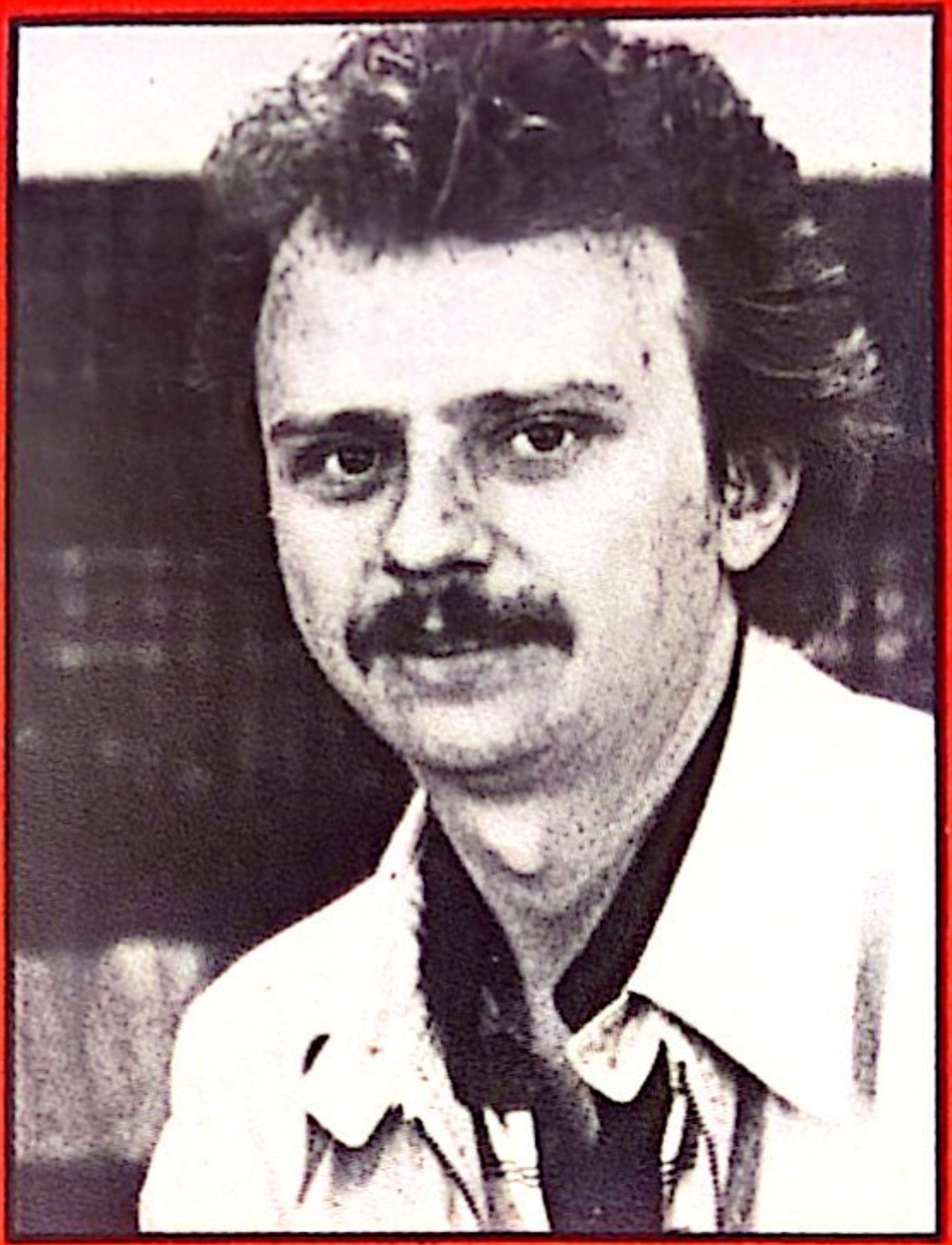
A direção chinesa se atolará tanto em sua teses como em suas intrigas. O ato reacionário que ela cometeu contra a Albânia revolta a consciência de qualquer pessoa honesta. A Albânia socialista está cercada mas não está isolada, pois ela goza do respeito e da afeição do proletariado mundial, dos

povos amantes da liberdade e das pessoas honestas no mundo inteiro. Este respeito e esta afeição não cessarão de crescer. Nossa causa é justa! A Albânia socialista triunfará!

O Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia
O Conselho de Ministros da República Popular Socialista da Albânia.

Tirana, 29 de julho de 1978.

Fonte: Schreiber, Thomas. "L'Albanie — Evolution politique, économique et sociale". Notes et Études Documentaires, La documentation française. n.º 4.482, outubro de 1978.



O SOCIALISMO NA ALBÂNIA

JAYME SAUTCHUK

A Albânia é um dos menores países socialistas do mundo, com uma população pouco superior à da Nicarágua — 2,8 milhões de habitantes — o único onde a figura de Stalin permanece acima de qualquer crítica, ao lado de Marx, Engels e Lênin.

É por este país surpreendente, que hoje dispensa qualquer tipo de ajuda externa — inclusive da União Soviética e da China — que Jayme Sautchuk nos leva neste **O Socialismo na Albânia.**

Trata-se de mais um livro-reportagem publicado pela Editora Alfa-Ômega que traz ao leitor um relato objetivo da vida cotidiana dos albaneses, de suas preocupações e de suas atividades, e cria um retrato vivo e atual de todas as facetas da sociedade socialista albanesa de hoje.

Jayme Sautchuk é jornalista, chefe de redação da sucursal de Brasília do jornal goiano **Diário da Manhã** e co-autor de **A guerrilha do Araguaia**, publicado pela Editora Alfa-Ômega em sua série "História Imediata".

Este é o primeiro relato feito por um jornalista brasileiro a respeito da experiência socialista deste pequeno país praticamente desconhecido entre nós. O livro traz, ainda, um caderno fotográfico especial e, em apêndice, os textos integrais da correspondência trocada entre a Albânia e a China, quando do rompimento de relações diplomáticas entre os dois países, em 1978.

Autor nacional · Cultura brasileira